



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ARTES, URBANIDADES E
SUSTENTABILIDADE, PIPAUS

ADRIANO ROCHA FIUZA MORAES

METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS SUSTENTÁVEIS PARA HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL

SÃO JOÃO DEL-REI, MG

2023

ADRIANO ROCHA FIUZA MORAES

METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS SUSTENTÁVEIS PARA HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Área de concentração:

Linha de Pesquisa:

Orientador(a): Profa. Dra. Márcia Saeko Hirata

SÃO JOÃO DEL-REI, MG

2023

ADRIANO ROCHA FIUZA MORAES

METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS SUSTENTÁVEIS PARA HABITAÇÃO DE
INTERESSE SOCIAL

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Aprovado:

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Márcia Saeko Hirata (Orientadora)

Prof. Dr. XXXXX (Membro externo)

Prof. Dr. XXXXX (Membro interno)

SÃO JOÃO DEL-REI, MG

2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus familiares, por acreditarem nas minhas escolhas.

Agradeço especialmente à Professora Doutora Márcia Saeko Hirata, pela dedicação em suas orientações, por me apoiar, me incentivar, e por sua enorme paciência e generosidade.

RESUMO

A dissertação traz um olhar do autor sobre as relações dentro da construção civil. Pretende-se entender os desdobramentos históricos decorridos por conta dos métodos construtivos abordados na pesquisa, sua relevância para os moradores de baixa renda e suas relações com a construção do espaço. A autogestão norteia o debate como forma de sustentabilidade para a construção. O Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) estabelece a existência de um produto artístico condizente com a dissertação. Dentre as várias possibilidades, foi escolhida a obra literária de ficção, que tem como objetivo retratar vários personagens que se relacionam, gerando uma temporalidade não linear, dentro do contexto da construção civil.

Palavras-chave: habitação de interesse social; moradia; sustentabilidade.

ABSTRACT

The dissertation brings the author's perspective on the relationships within civil construction. It is intended to understand the historical developments that took place due to the construction methods addressed in the research, their relevance for low-income residents and their relationships with the construction of space. Self-management guides the debate as a form of sustainability for construction. The Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) of the Universidade Federal de São João del-Rei, establishes the existence of an artistic product consistent with the dissertation. Relate, generating a non-linear temporality, within the context of civil construction.

Keywords: popular housing; houses; sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sistema Wood Frame.....	31
Figura 2 – Sistema Concreto + PVC	33
Figura 3 – Sistema estrutura metálica.....	35
Figura 4 – Sistema ABCP	37

LISTA DE SIGLAS

ABCP	Associação Brasileira de Cimento Portland
BNH	Banco Nacional da Habitação
CDHU	Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo
COHAB	Companhia de Habitação
COSIPA	Companhia Siderúrgica Paulista
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
CUB	Custo Unitário Básico de Construção Civil
FGTS	Fundo de Garantia do Tempo de Serviço
FJP	Fundação João Pinheiro
HIS	Habitação de Interesse Social
IBDN	Instituto Brasileiro de Defesa da Natureza
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOF	Imposto de Operações Financeiras
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
MCMV	Programa Minha Casa, Minha Vida
MCMV-E	Programa Minha Casa, Minha Vida – Entidades
PAC	Programa de Aceleração de Crescimento
PBQP-H	Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat
PIB	Produto Interno Bruto
PIPAUS	Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade
PIS	Projeto de Interesse Social
PVC	Policloreto de vinilo
SBPE	Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
SFH	Sistema Financeiro da Habitação
SIAC	Sistema de Avaliação da Conformidade de Serviços e Obras
SINDUSCON	Sindicato da Indústria da Construção Civil
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNMP	União Nacional por Moradia Popular
USIMINAS	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	HABITAÇÃO DE INTERESSE CAPITAL.....	13
2.1	ECONOMIA	13
2.2	DÉFICIT HABITACIONAL NO BRASIL.....	14
2.3	HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NO BRASIL.....	21
2.4	MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO.....	25
2.5	HISTÓRICO DA LUTA.....	27
3	TECNOLOGIAS E METODOLOGIAS.....	30
3.1	TECNOLOGIAS CONSTRUTIVAS	30
3.2	METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS.....	37
3.3	AUTOGESTÃO	39
3.4	SUSTENTABILIDADE	47
4	QUESTIONAMENTOS E PROBABILIDADES.....	59
4.1	O QUE É DESENVOLVIMENTO?	59
4.2	QUANTO VALE A TERRA?.....	60
4.3	CANTEIRO	62
5	CONCLUSÃO.....	66
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A – LIVRO “DIA DE TRABALHO.....	74

1 INTRODUÇÃO

São os favelados, os moradores de ruas e cortiços, os sem terra e sem teto que, apesar das dificuldades, acumulam e trocam experiências na procura e na exigência de propostas criativas e inovadoras que tornem possível o sonho por uma vida mais digna. (BONDUKI, 1992, p. 9).

O intuito desta pesquisa é trazer perspectivas diferentes a fim de que existam possibilidades sustentáveis para a construção de habitações de interesse social. Logicamente, o trabalho aponta para a moradia, mas, de forma geral, tem como foco a melhoria de vida da população de baixa renda.

A habitação de interesse social é um tema que possui diversos tipos de análises, por isso, é rico em discussões. Existem algumas possibilidades para o surgimento desse tipo de habitação como um conceito: uma delas seria a Revolução Industrial, na Europa, com o intuito de promover moradia para os trabalhadores advindos da área rural (RYKWERT, 2004); a outra seria a falta de moradia no período entre as duas grandes guerras. Essas duas possibilidades deixam claro que a definição está diretamente ligada à urbanização.

Para erguer esse tipo de moradia existem vários caminhos, alguns já não muito utilizados e outros em surgimento: construção pelo Estado, por meios privados, por autogestão (que, em alguns casos, são geridas por associações de moradores), por parcerias públicas privadas e mais alguns tantos tipos que mostram a imensa gama de metodologias construtivas que podem ser adotadas e que vão se moldando, com suas características temporais e espaciais.

Além dessas metodologias construtivas, é importante ressaltar que decisões políticas, legislativas e do próprio capital implicam intrinsecamente na discussão da habitação em todo o mundo (ROLNIK, 2015). A pesquisa também se estenderá pelo conceito de sustentabilidade, em um viés urbanístico da financeirização.

Quando usamos a palavra sustentabilidade, devemos ter em mente a abrangência de aspectos que podem nos nortear, uma vez que, hoje, perpassa pelo sistema econômico-financeiro, pela sustentabilidade mental dos indivíduos e pelo ecodesenvolvimento (BOFF, 2015). Esse termo já foi usado em vários momentos históricos, por exemplo, na Alemanha de 1570, com objetivo de preservação e regeneração das matas lá existentes, segundo Boff (2015).

No entanto, foi em 1972, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada na capital da Suécia, que se deu início ao debate sobre o limite de exploração para que não interferisse nos meios de produção e no estilo de vida existente nos países desenvolvidos. O modelo econômico utilizado só fortalecia o agravamento da situação e, em decorrência disso, vários questionamentos surgiram. No livro *A Sociedade do Espetáculo*, Guy Debord (1967) deixa claro que a mercadoria se torna espetáculo e a ideia de consumir tudo que é gerado, um exato fetichismo pelo consumo. Nessa mesma conferência, ocorreu a tentativa de se estabelecerem padrões de comportamento humanizados para a criação da sociedade sustentável, mas esse assunto será mais detalhado ao longo da dissertação, onde poderemos ver alguns padrões do comportamento humano dentro do viés da pesquisa.

O principal objetivo da pesquisa é mostrar o desenvolvimento dos processos construtivos e tentar entender as metodologias para possíveis execuções de habitações de interesse social. Outro objetivo é entender os desdobramentos históricos decorridos dessa mudança e sua relevância para os moradores, para que se possa efetivamente atender à demanda vinda do social.

Por tratar-se de um tema extremamente abrangente, com variados contextos em diferentes países, esta pesquisa se dará em um recorte partindo do ano de 1950 e tendo unicamente o Brasil como local de estudo. Essa delimitação do tema é de suma importância, pois existem muitas peculiaridades em outros países, o que talvez tornasse a análise superficial.

Com isso, surgem objetivos específicos que se misturam ao objetivo maior da pesquisa. Um deles é mostrar os danos causados pelo capital quando colocado em primeiro lugar na construção de moradia. O outro é analisar criticamente a saída do Estado como principal agente promotor de habitação de interesse social e entender o papel dos moradores neste contexto.

Esses objetivos específicos dentro da pesquisa geram novos questionamentos: Podemos dizer que ainda existe algum tipo de produção de habitação que tenha o interesse no social? Ou será que todos os interesses das construtoras passam pelo capital? A iniciativa privada pode se colocar como agente do social? Inúmeros debates e hipóteses podem decorrer do tema proposto, demonstrando sua relevância.

A metodologia usada para o desenvolvimento da pesquisa é a regressivo-progressiva, que foi desenvolvida pelo filósofo Henri Lefebvre (1978) e será abordada com mais detalhes no decorrer da pesquisa. Nesse método, a ideia do conhecimento baseia-se em uma análise do presente, partindo para o passado e esclarecendo processos, para então entender o futuro. A maioria das obras utiliza o termo regressivo-progressivo, mas aqui está sendo usada a tradução da nomenclatura feita por Javier Gonzáles-Pueyo, em 1970.

Esta pesquisa foi estruturada em três capítulos. A fundamentação teórica é o objetivo do primeiro capítulo, que apresentará conceitos para que se possam compreender mais facilmente os temas abordados e suas correlações. O segundo capítulo é a metodologia de pesquisa, além dos desdobramentos em relação ao capítulo anterior e alguns dados exemplificando a pesquisa. O terceiro capítulo é de discussão e resultados.

O Mestrado em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade estabelece a existência de um produto artístico condizente com a dissertação. Dentre as várias possibilidades foi escolhida a obra literária de ficção, que tem como objetivo retratar pessoas com envolvimento no trabalho da construção civil. A técnica literária que serviu de inspiração foi a de Fluxo da Consciência; escolhida para tentar demonstrar as relações entre as pessoas em um ambiente de trabalho.

O termo Fluxo da Consciência surge na Psicologia, no final do século XIX. Em alguns exemplos, esse método é usado em toda obra e, em outros, apenas em partes do livro, tentando ilustrar alguns momentos específicos. Nessa proposição de produto artístico, foi usado como inspiração, tendo vários personagens que se relacionam, gerando uma temporalidade não linear. Para exemplificar o que foi pretendido, seguem algumas epígrafes:

[...] Em minha direção ela volta um olhar, palidamente, como que sem pensamento; cala-se; nas ruas rudemente rola a carruagem; Léa, de novo, olhar para a frente, muda; não sonha, não fantasia; com o que sonha?... (DUJARDIN, 1887, p. 96).

[...] Sem dúvida, essa suscetibilidade às impressões fora sua desgraça. Mesmo com essa idade, ele ainda sofria, como um menino ou mesmo uma menina, como essas oscilações de humor; dias bons, dias ruins, absolutamente sem nenhum motivo, a felicidade diante de um rosto bonito [...] (WOOLF, 1925, p. 95).

Passava pouco das cinco horas, a campainha tocou. Um toque leve, como de passagem, que precisamente fez correr Raimundo Silva à porta como se

tivesse medo de que fosse uma vez para nunca mais, só na sinfonia de Beethoven o destino chama e torna a chamar, na vida não é assim, há ocasiões em que tivemos a impressão de que ninguém estava lá fora à espera, e quando fomos ver não era ninguém. (SARAMAGO, 1989, p. 230).

É importante salientar também a relevância do tema, que ganha uma visão ainda não muito explorada quando se integra à literatura. Sendo assim, a discussão sai do âmbito acadêmico, podendo gerar novos debates com atores ainda não explorados. A comunidade pode ter, em alguns casos, o primeiro contato com esse assunto, de um modo lúdico, abrindo possibilidade de estímulo para novas reflexões e possíveis pesquisas.

2 HABITAÇÃO DE INTERESSE CAPITAL

2.1 ECONOMIA

Alguns contextos históricos já foram apresentados anteriormente, mas é importante atentar para a questão econômica. O Brasil, nos anos 1950, foi pautado por uma estratégia de industrialização baseada no Modelo de Substituição de Importações. Essa estratégia, que exigia a criação de um ambiente seguro para a produção industrial nacional, foi a base de toda a industrialização brasileira até o final da década de 1980 (SOUTO; VALLE; CARVALHO, 2002).

A primeira mudança significativa ocorreu em 1988, quando foi implementada uma reforma tarifária, eliminando o Imposto de Operações Financeiras (IOF) e a Taxa de Melhoramento dos Portos, bem como parte dos regimes especiais de importação. No entanto, foi somente em 1990 que o processo de liberalização das importações foi plenamente realizado, com a eliminação de todas as restrições tarifárias, o estabelecimento de um cronograma de redução tarifária de importação e a criação de instrumentos de incentivo à exportação.

Esse momento de economia fechada e com baixo nível de competição, em que os custos eram automaticamente repassados para os preços, fez com que empresas brasileiras desenvolvessem uma cultura estrutural de ineficiência, segundo Souto, Valle e Carvalho (2002), seja em linhas de produção, gestão de empresas, perfis de individuação, seja em processos de inovação.

Vale notar que as empresas estavam passando por um longo período de alta inflação, o que significava insegurança, no entanto, como resultado do novo ambiente competitivo, foram obrigadas a passar por mudanças estruturais para se manterem. Toda a cadeia produtiva se reflete no conjunto de mudanças tecnológicas e organizacionais que vinha sendo desenvolvido nas empresas, porém é na área do emprego que observamos consequências sociais catastróficas, pela expansão da precarização do emprego, pelo crescimento da economia informal, ou pela transformação do desemprego – de conjuntural em estrutural (SOUTO; VALLE; CARVALHO, 2002).

O crescente desemprego, que caracterizou o ambiente econômico na década de 1990, alterou a estrutura produtiva. Várias empresas haviam entrado em processo

de falência ou endividamento, pois não conseguiram se adequar à nova realidade. A opção pelo trabalho autônomo é vista como uma proposta arriscada pelos autores e, na grande maioria dos casos, uma experiência de insucesso. As consequências sociais do trabalho informal crescem na medida em que as famílias sofrem os efeitos da perda de referência.

Nesse momento, surgem empresas autogestionárias por meio da organização de trabalhadores. Em sua maioria são de pequeno ou médio porte (SOUTO; CAMERON; CASTRO, 1997). É amplamente aceito entre os envolvidos no debate em torno da autogestão que sua definição deve ser a de um modelo empresarial no qual os trabalhadores exercem controle e gestão. Também é possível dizer que é consequência da tentativa dos trabalhadores em manterem seus empregos e rendimentos por meio da ajuda mútua, ou seja, é uma ferramenta para preservar o modo de vida dos trabalhadores. Vale destacar que o consenso atual sobre a importância da autogestão na busca de novas oportunidades para os trabalhadores é algo muito recente.

A reação inicial da maioria dos sindicatos foi de desaprovação desse modelo, afinal, os funcionários sindicalizados também seriam “patrões”, o que parecia uma solução difícil. Outra questão foi a necessidade de garantir os direitos trabalhistas, conforme estipulado na lei, já que foram muitas vezes suprimidos quando os negócios tradicionais se transformaram em empresas autogestionárias. Importante ressaltar que há alguns enquadramentos jurídicos para as empresas de autogestão: associação, cooperativa, capital aberto, capital limitado e sociedade anônima de capital fechado (SOUTO; VALLE; CARVALHO, 2002).

2.2 DÉFICIT HABITACIONAL NO BRASIL

Para compreendermos como se inicia o processo do déficit habitacional no Brasil, temos que entender o início do crescimento urbano nas grandes cidades. O conceito de déficit habitacional é determinado por uma conjunção de fatores. Para compreensão mais ampla, o valor do déficit, segundo a Fundação João Pinheiro (2020), refere-se ao ônus excessivo no valor do aluguel, ao número de moradores por dormitório de imóveis alugados, coabitação familiar e precariedade das habitações.

O último levantamento – realizado em 2015, concomitantemente, pela Fundação João Pinheiro, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento, pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e pelo Ministério das Cidades – registrou mais de 6 milhões de pessoas sem moradia no Brasil. Os fatores determinantes para o estudo do déficit habitacional sofreram mudanças em 2007; é importante que isso fique claro, pois estudos anteriores podem conceituar diferentemente esse tema. A Fundação João Pinheiro reporta que o adensamento de domicílios era visto como inadequação anteriormente a esta data, por isso não entrava no número final.

É importante ressaltar o recorte temporal desta dissertação (a partir do século XXI) e observar que, apesar do déficit habitacional ter sido percebido inicialmente nas grandes cidades do Brasil, com o decorrer do tempo, ele fica facilmente visível também em cidades de diferentes portes.

Basicamente, o desenvolvimento da urbanização em cada cidade é o fator colocado neste estudo como determinante para os parâmetros habitacionais. O modo de produção, tendo a lógica fordista, movimenta o crescimento e o desenvolvimento das cidades. As formas das relações sociais foram alterando-se ao longo do tempo, tendo desdobramento nas classes sociais e nas desigualdades decorrentes disso (LEVEBRE, 2001). A desigualdade de classe ocorre através da divisão técnica e social do trabalho.

É plausível pensar que todos esses fatores reforçaram o início da cidade capitalista, tendo o valor de troca sobrepondo-se ao valor de uso. O espaço urbano vai se desenvolvendo em torno da valorização do espaço privado e do desenvolvimento tecnológico. Contextualizando esse início do urbano, as cidades industrializadas passaram a absorver pessoas do campo em suas fábricas, gerando assim o êxodo rural e reforçando o estilo de vida segundo o qual a cidade se valoriza. Há também uma exclusão de pessoas para as periferias e um crescimento acelerado da população nas cidades (SANTOS, 2007).

O Estado, frequentemente, desrespeita o indivíduo; reforça que no Brasil existiram vários fatores que transformaram o cidadão em consumidor, e o não cidadão em mero usuário. Alguns desses fatores são o processo de urbanização, o crescimento das mídias escritas e, principalmente, a mudança na percepção do

sentimento em relação à vida, que passou a ser quantificada em decorrência de bens materiais.

De acordo com a agência de notícias do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o censo (com previsão de ser realizado em 2020, mas que está sendo realizado em 2022) terá características diferentes do anterior, referentes ao espaço urbano e ao espaço rural. De acordo com a nota da agência, preveem-se muitas mudanças entre os que habitam o meio rural e o meio urbano, gerando grandes variações na ocupação desses espaços. No último censo demográfico, realizado em 2010, a população residente na área urbana era de 84%; a previsão é de que esse número passe a ser de 76% no novo censo. O *site* da agência explica que esse novo processo objetiva um refinamento nos dados coletados, e que essa variação será benéfica (GOMES; RENAUX, 2020).

Contudo, cabe agora esperar esse censo para que se possa avaliar os dados com clareza, a fim de evitar ruídos em análises futuras. Esse percentual de 76% só foi alcançado com o incentivo nas indústrias siderúrgica, hidroelétrica, petroquímica e de infraestrutura – um incentivo que deixava à margem os setores sociais conduzidos pelo capital, acarretando o déficit habitacional, além da própria segregação – tendo-se, assim, clara a participação do Estado nesse processo.

A relevância deste tema se reafirma com questionamentos referentes às políticas públicas adotadas, ainda mais quando se torna público que, desde 2007, a maior parte do déficit habitacional está situada na população com renda de até três salários-mínimos. No entanto, a forma como é produzida a habitação de interesse social não é garantia do direito à moradia.

Existem condicionantes, segundo Oliveira (2011), para se conseguir chegar à moradia, que são o interesse, em primeiro lugar, das classes dominantes e, em segundo lugar, do Estado. Esses interesses determinam, por exemplo, a localização espacial dentro das cidades, o que vai nortear especulações imobiliárias, além de outras possibilidades de ganhos financeiros futuros para os detentores do poder.

Antes de nos aprofundarmos sobre possíveis desdobramentos das políticas habitacionais e suas demandas, devemos tentar, simplificada e, entender seu início. Abordando historicamente o tema, podemos começar o assunto com a Proclamação da República, datada de 1889, quando as cidades passavam por mudanças, juntamente com o ambiente político, enquanto a população mais pobre

acabou indo para os cortiços que surgiam em locais onde o capital não tinha interesse naquele momento – o poder público não entendeu esse assunto como relevante.

Conforme Bonduki (2014), o surgimento de moradias foi proporcionado por grandes empresas que construía vilas operárias e por investidores que almejavam locação de imóveis. O caso das locações de imóveis é ainda mais pertinente, pois não existiam leis no país que regulamentassem esse tipo de situação, deixando os valores dos aluguéis à revelia.

Algumas dessas produções de imóveis feitas por investidores tinham o intuito de venda. Assim, como não havia financiamento nesse período, essas moradias atendiam tanto à classe pobre, quanto à classe média. Bonduki (2014) coloca que as vilas operárias, construídas pelas grandes empresas, submetiam o trabalhador a uma organização quase feudal – no período feudal, o trabalhador se tornava refém da sua própria produção para arcar com os custos de moradia; nesse momento, em vez disso, o trabalhador se torna refém da empresa, pois é ela que fornece a moradia.

A revolução ocorrida em 1930, no período em que Getúlio Vargas assume a chefia do Governo Provisório, fez com que o governo interferisse em todos os âmbitos, inclusive no setor habitacional, abandonando o Liberalismo. Com a vida dos trabalhadores sendo diretamente afetada, iniciou-se uma intervenção por meio do Estado em relação à construção de habitações. O governo queria legitimar o seu poder diante dos trabalhadores, usando como base a ideia de acesso à propriedade privada.

Nesse período foi criado o Instituto de Aposentadoria e Pensão, que passou a fazer parte do sistema de habitações do governo, por meio do qual o trabalhador poderia investir até metade das suas reservas para a compra de habitação. Isso, segundo Bonduki (2014), gerou um aceleração das construções no país e uma percepção de que equipamentos urbanos também faziam parte da definição de moradia.

O Instituto promoveu a habitação, mas também gerou problemas, uma vez que, como a ação pública ficou restrita a algumas camadas da população, houve a busca por soluções informais, gerando a ida para as favelas. Muitos trabalhadores não se enquadravam no sistema estipulado pelo governo, principalmente porque este só atendia a quem tivesse um emprego formal.

Contextualizando globalmente, segundo Abreu (2009), o Brasil passava por dificuldades em 1928, pois os Estados Unidos da América estavam com uma política monetária restritiva, para tentar impedir o colapso da Bolsa de Valores de *Wall Street*. Com a economia mundial diminuindo o ritmo e a dificuldade em conseguir novos recursos, o preço do café (que correspondia a 70% dos produtos exportados) caiu drasticamente.

Esse momento histórico fez com que a indústria crescesse em comparação à agricultura, explicando o êxodo existente. A indústria passa de 16% de participação no Produto Interno Bruto (PIB) para mais de 25% em 1947. O sistema usado para a geração de moradia no Brasil passa a perder força, principalmente depois do uso de grande parte das reservas do Instituto. Os financiamentos por ele gerados não eram necessariamente voltados para a construção de moradias para as classes sociais mais baixas, pois as pessoas com poder aquisitivo mais elevado conseguiam dar mais garantias, o que fez com que o mecanismo governamental fosse ainda mais falho, em relação ao déficit habitacional.

Uma outra tentativa para solucionar o problema de moradia foi a Lei do Inquilinato (instituída em 1942), que congelava os valores dos aluguéis, protegia o inquilino em relação ao despejo e promovia algumas regulamentações, como explica Bonduki (2014). O objetivo dessa lei era que a habitação fosse vista não mais como um mecanismo de mercado, mas como algo do interesse social, contudo, como o congelamento dos valores dos aluguéis fez com que estes deixassem de ser rentáveis, o despejo (mesmo que não permitido por lei) passou a fazer parte do cotidiano, pois somente com um novo locatário os proprietários dos imóveis poderiam elevar o preço dos aluguéis.

Nesse mesmo período, há uma forte migração interna para as grandes cidades, o que aumenta a demanda por moradia, devido ao desenvolvimento industrial e urbano promovido pelo governo. Em 1946 foi criado um órgão federal que objetivava o desenvolvimento urbano e das habitações, denominado Fundação da Casa Popular, que coordenaria as reservas do Instituto de Aposentadoria e Pensão destinadas à habitação, tendo como prioridade a produção em massa das habitações de interesse social. Além disso, teria recursos para investir em todo sistema da construção civil, desde a pesquisa até a indústria de materiais de construção, passando por toda a cadeia de processo.

Alguns setores da sociedade – como o imobiliário e alguns sindicatos – não apoiavam as ideias desse órgão, fazendo com que a Fundação da Casa Popular não conseguisse implantar suas diretrizes. O Instituto era um dos principais opositores e, por isso, travava o repasse dos recursos; o resultado foram algumas construções residenciais de pequeno porte, com parcerias de prefeitura, localizadas nas margens das cidades e, em alguns casos, ainda sem toda a infraestrutura necessária para serem habitadas. Logo a Fundação foi encerrada, deixando um legado de 17 mil moradias.

O período de Regime Militar se inicia no Brasil; Rubin e Bolfe (2014) colocam que, diante da forte crise na habitação e com o aceleração da urbanização, foram criados o Banco Nacional de Habitação (BNH) e o Sistema Financeiro de Habitação (SFH), visto que o governo precisava de uma política permanente de construção civil, além de querer também apoio das classes menos abastadas. O objetivo da criação do SFH, segundo Oliveira (2011), era promover agentes, tanto públicos como privados, para captar recursos a serem empregados na construção de habitações, saneamento e toda parte urbanística. O SFH se torna estratégico, nesse período, para a consolidação do mercado imobiliário e, focando o déficit, facilitava a aquisição de moradia para baixa renda.

Nesse íterim, em 1967, foi criado o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que obrigava os empregadores a fazerem depósitos para o governo em nome dos empregados, garantindo assim a aposentadoria e outros direitos. O SFH usava os recursos do FGTS para financiamento dos imóveis e recursos oriundos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimos. Entre os anos de 1964 e 1986, asseguram Rubin e Bolfe (2014), o BHN financiou 4,8 milhões de habitações, mas a população de baixa renda é responsável apenas por 20% desse valor.

Uma crítica feita a esse processo, por Bonduki (2014), é que não eram mensurados aspectos singulares das regiões onde as empreiteiras executavam as obras; a cultura local e o ambiente eram deixados de lado em detrimento da construção de um modelo. Santos (2007) critica que a normalidade das habitações destinadas à população de baixa renda é diferente para as demais pessoas, e que as necessidades essenciais estão ligadas à classe social.

O autor também explica que o dinheiro economizado pelo BNH na construção de casas populares serve para ser investido no crescimento do espaço urbano,

gerando assim outra gama de especulação imobiliária. Bonduki (2014) concorda com essa explanação e ressalta que algumas edificações do BNH eram em zoneamento rural para baratear os custos. Esse fato gerou um modelo urbano excludente e especulativo, afastando a classe menos abastada de equipamentos urbanos, como escolas e hospitais.

A grande inflação pela qual passava o Brasil fez com que o poder de compra da classe média (que era o principal consumidor) diminuísse e, com ele, o poder de endividamento; assim surge uma crise no BNH e no SFH. Muitos casos de inadimplência e alguns casos de corrupção também fizeram parte dessas instituições: no final do ano de 1986, depois de várias tentativas de reestruturação, foi extinto o BNH e suas atribuições ficaram por conta da Caixa Econômica Federal.

Em 1988 é aprovada a Constituição na Assembleia Nacional Constituinte. Entre o Regime Militar e a nova Constituição, as únicas políticas existentes para a habitação eram estaduais; no caso de Minas Gerais, era a Companhia de Habitação do Estado de Minas Gerais. Bonduki (2014) destaca que, na nova Constituição, há uma descentralização em relação ao poder público para os quesitos da urbanidade; junto a isso surge o Plano Diretor, que norteia o desenvolvimento das cidades.

A descentralização do poder coloca na mão dos municípios a possibilidade de propor suas próprias soluções, levando em consideração todas as suas especificidades, podendo ser de cunho territorial ou até mesmo cultural. Sem uma política nacional, as demandas específicas poderiam ser atendidas. Nessa época, surgem a união de Estado e movimentos sociais para promover urbanização, assim como programas de urbanização de favelas. O Estatuto das Cidades é aprovado; dá-se início ao Projeto Moradia, que focava o mercado de média e baixa renda e disponibilizava recursos do FGTS especificamente para essas classes.

Em seguida, outro presidente assume o cargo, Luiz Inácio Lula da Silva, criando-se, em 2003, o Ministério das Cidades, que fica responsável por mobilidade, saneamento e habitação. Em 2004, o Governo Federal lança a Política Nacional de Habitação (PNH), cujo objetivo principal, segundo Ferreira (2009), era promover moradias dignas, principalmente, para a população de baixa renda; isso aconteceria por meio de aconselhamento a outros órgãos e parcerias com o setor privado. Vários programas habitacionais já existentes foram transferidos para o Ministério das Cidades, e alguns outros foram surgindo até 2008.

Em 2007, de acordo com Rubin e Bolfe (2014), foi criado o Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), que tinha como premissa promover parceria entre os vários setores da sociedade, com o intuito de investir capitais em infraestrutura.

O Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) é criado em 2009, tendo como objetivo em sua primeira etapa a construção de 1 milhão de unidades – não se tratava exatamente de um programa social, apesar de ter tido esse foco na sua divulgação; era, na realidade, um programa econômico, já que existia uma crise financeira internacional acontecendo e a área da construção civil sempre foi geradora de empregos e renda.

Os desdobramentos desse programa foram vários, até mesmo na habitação rural, também com parceria de cooperativas e atendimento a várias faixas de renda. No governo Dilma Rousseff, o MCMV toma uma segunda fase, fazendo mudanças em relação aos valores tanto dos beneficiados quanto das moradias. Todos esses programas, ao longo do tempo, foram importantes como uma tentativa de minimizar o déficit habitacional. Levando em consideração os dados da Fundação João Pinheiro, a população de baixa renda representa mais de 80% desse déficit. Cabe então questionarmos quais os reais motivos para esses programas habitacionais não conseguirem modificar o percentual histórico deficitário de baixa renda.

2.3 HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NO BRASIL

No Brasil, o início da produção de habitação de interesse social é relacionado principalmente ao êxodo rural, pois em 1950 o Brasil passava por um aceleração na industrialização (REIS; LAY, 2010), mas foi com a criação do BNH, em 1964, em uma reforma feita logo após o golpe militar, que se constituiu um banco voltado para financiamento de moradia. No início do BNH, fica demonstrado que o fomento da casa própria era um combate aos ideais comunistas, lembrando também que, para o próprio surgimento desse banco, houve um pacto entre o governo norte-americano e o interesse empresarial brasileiro. Se pensarmos que se tratava de um período de Guerra Fria, talvez fique mais claro o entendimento da entrada de capital estrangeiro, que se preocupava com o comunismo instalado em Cuba (ROLNIK, 2015).

Em 1966, o BNH se torna uma empresa pública, assim poderia comprar as hipotecas dos bancos que faziam financiamento imobiliário. Dessa forma, esses

bancos abriram novos financiamentos, e isso fez com que ele se tornasse um agente privilegiado da economia do país. O modelo de financiamento era baseado em dois pilares: o Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS) e o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE). Os investimentos em habitação eram para pessoas de baixa renda e para saneamento ambiental e foram administrados pelo BNH até 1986, quando o banco deixa de existir (CARDOSO, 2013).

No entanto, o BNH não teve exatamente como foco a habitação popular; com o passar dos anos, os recursos foram colocados em habitações de padrão alto e médio e na infraestrutura das cidades, como transporte e drenagem. Sendo assim, esse banco se torna um facilitador de recursos para a iniciativa privada (por meio de outros bancos, como agentes intermediários) e um fomentador da indústria da construção civil (MARICATO, 1982).

Importante destacar que a ideia do déficit habitacional está diretamente ligada ao processo de construção de Habitação de Interesse Social (HIS), assunto esse que será tratado separadamente.

Em 2002, Luiz Inácio Lula da Silva se torna presidente do Brasil, trazendo com ele, em discurso, os pobres, a classe operária e uma grande parte da população marginalizada que se sentia ali representada. Para conseguir a vitória nas eleições, o então presidente teve de fazer alianças e coalizões com antigos concorrentes e representantes de grandes empresas, ampliando assim seu eleitorado. Com isso, a governabilidade ficou fragilizada e os partidos conservadores com os quais se aliou nas eleições não compartilhavam das mesmas ideias, o que dificultou a ocorrência de mudanças drásticas no país (ROLNIK, 2015).

No governo Lula se cria o Ministério das Cidades, que tinha a função de fazer as políticas urbanas em âmbito nacional, transformando essa pauta em prioridade. Era função do Ministério dar apoio técnico e integrar as áreas de transporte, saneamento e habitação, que já haviam migrado por vários ministérios anteriormente. O programa denominado Projeto Moradia, que já era divulgado em campanha, foi uma tentativa do então governo de gerar empregos e de fazer um somatório das questões sociais com as econômicas.

Depois de algum tempo de debate dentro desse programa, é colocado em pauta que o Ministério das Cidades administraria o Sistema Nacional de Habitação, este proposto em 2000, e que deveria coordenar fundos para as residências da

população de baixa renda vindos do FGTS. Importante também ressaltar que o Projeto Moradia enfatizava a relevância do Estatuto da Cidade como meio de combater a especulação imobiliária (BONDUKI, 2009). Em 2003 foi realizada a primeira Conferência Nacional de Habitação, que gerou, em 2004, o Conselho Nacional de Habitação, mas, ainda assim, os recursos continuavam advindos do FGTS e do SFH. A pressão popular aumentava dentro do governo e, em 2005, a segunda Conferência Nacional de Habitação foi realizada. Nesse mesmo ano, um escândalo de corrupção, chamado popularmente de mensalão, faz com que o governo tenha de rever seus pares, assim todo o controle do Ministério das Cidades muda de partido, e há mudanças também em várias pastas do governo, tirando o foco desse Ministério e visando a um crescimento econômico a partir do consumo (ROLNIK, 2015).

No início de 2008, o volume de empréstimos para a moradia era de R\$ 40 milhões, e as incorporadoras estavam, nesse momento, fazendo estoques de terrenos para novas habitações. Já havia 550 mil unidades financiadas pelo FGTS e SBPE. Desde 2006, as conferências debatiam um pacote habitacional, e esse pacote chega ao final de 2008 para o presidente Lula. Inicialmente, a proposta era fazer 200 mil casas, mas outras ideias foram surgindo ao longo do processo, por exemplo, acrescentar a chamada Faixa 1, para pessoas de baixa renda (por meio da qual os beneficiários seriam indicados pelos prefeitos ou governadores), e aumentar o número para 1 milhão de habitações. Depois de várias reuniões, esse pacote habitacional se torna um programa governamental batizado de Minha Casa, Minha Vida (ROLNIK, 2015).

O investimento no MCMV pode ser comparado com os investimentos feitos pelas políticas de desenvolvimento do BNH. Entre os períodos de 2009 a 2014, 1,6 milhões de casas foram entregues, além das que estavam já sendo contratadas e das que estavam em processo de execução de obra, sendo que o valor inicial do programa de R\$ 34 bilhões foi investido (SILVA; TOURINHO, 2015). No início do programa, várias reuniões aconteceram com agentes das comunidades, juntamente com a então ministra da Casa Civil Dilma Rousseff e o presidente Lula, para tentar atender à maior diversidade de pessoas possível. Dessas reuniões surgem pequenos desdobramentos chamados MCMV-Entidades – que destinava dinheiro para produção de habitações feitas por associações e cooperativas autogestionadas – e o

Programa Nacional de Habitação Rural, que, na luta pela reforma agrária, o Movimento dos Sem-Terra consegue viabilizar.

Quando lançado, o MCMV contemplaria apenas regiões metropolitanas com mais de 100 mil habitantes, que era o foco primário das incorporadoras, mas as emendas de leis recebidas no Congresso eram de deputados com bases em pequenas cidades; assim, municípios com menos de 50 mil habitantes também foram contemplados. Realmente 95% dos 5.565 municípios existentes no Brasil são desse porte (IBGE, 2010). O programa então foi dividido por faixas, que estabeleciam o modo de financiamento e o subsídio. Essas faixas eram baseadas nas rendas familiares e, assim, era norteado de onde viriam os recursos.

A denominada Faixa 1, baseada por financiamentos advindos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR) e do Fundo de Desenvolvimento Social (FDS), era destinada às famílias com renda mensal até R\$ 1.600,00. Havia ainda a Faixa 2, em que a renda mensal familiar era até de R\$ 3.275,00, e a Faixa 3, com renda familiar até R\$ 5.400,00. Essas duas últimas, em sua maior parte, eram financiadas pelo FGTS (GONÇALVES, 2005). Como dito anteriormente, os beneficiários da Faixa 1 do programa eram definidos pelos governos locais. As incorporadoras que construíam as moradias vendiam estas para a Caixa e os moradores dessa Faixa tinham o compromisso de pagar uma taxa fixa de R\$ 50,00. Assim, o FAR cobria a diferença de valor, que era, nesse caso, quase que a totalidade.

Na Faixa 2, o funcionamento era diferente. Além de terem juros de financiamento menor do que o estipulado pelo mercado, ainda tinham um subsídio na compra de até R\$ 23.000,00. Os juros de financiamento menores que o de mercado era a única vantagem dos beneficiários da Faixa 3. O número de unidades habitacionais que foram contratadas no MCMV varia muito em relação à Faixa: foram 438 mil na Faixa 3; 1,44 milhão na Faixa 2 e 1,61 milhão na Faixa 1 (GONÇALVES, 2005).

As incorporadoras e construtoras foram bastante beneficiadas pelo programa, aliás, todo o setor imobiliário teve valorização no mercado de ações. O Crédito Habitacional passou de 1,55% do PIB em 2006, para 3,48% em 2010 e, em 2013, esse valor chegou a 6,73%.

Além desses valores, existem outros índices que mostram o crescimento da construção civil, segundo o sindicato das empresas de construção: entre 2003 e 2013,

o crescimento do setor foi de 47,1%; além disso, foram criados 2,23 milhões de postos de trabalho formais. O setor de vergalhões cresceu 72% e o de produção e de tintas 75%. Dessa forma, é possível afirmar que do ponto de vista do crescimento econômico e da geração de empregos, o programa foi bem-sucedido. Isso provocou um apoio maior dos sindicatos e dos empresários.

No âmbito político a situação fica complicada, pois há um controle dos recursos de financiamento pelo governo federal, centralizando assim as políticas habitacionais. O resultado disso é o governo federal ter em suas mãos um importante capital político eleitoral, o que contribuiu para a eleição de Dilma Rousseff em 2010 e reeleição em 2014 (ROLNIK, 2015).

2.4 MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO

A escolha da metodologia de pesquisa foi pautada por um pensamento crítico em relação ao cotidiano da sociedade. Na atualidade, surge o modo de vida sem estilo, portanto podemos entender que o que o homem está fazendo não é o que ele realmente faz, gerando um desarranjo (LUZ, 2022), que, ao ocorrer dentro do homem, o objetifica e o oprime.

Henri Lefebvre, na obra *Du rural à l'urbain*, propõe um método denominada regressivo-progressivo. O objetivo é que esta abordagem pudesse ser usada para entender melhor a sociologia das áreas rurais, mas várias áreas da ciência passaram a utilizá-lo devido à sua adaptabilidade, especialmente o estudo do planejamento urbano (ORTIGOZA, 2010).

Para exemplificar a atemporalidade desse método é importante compreender que cada uma das atividades desenvolvidas pelo ser humano corresponde a realidades sociais com temporalidades específicas e podem ser base de análise (tendo sua datação como parâmetro), sendo consideradas antiquadas ou contemporâneas de acordo com o espaço cotidiano (FRESHSE, 2001). A realidade espacial também é muito importante – podendo ser denominada como histórica –, pois possui uma dupla complexidade: horizontal e vertical. A realidade espacial é então interpretada como um produto das relações sociais de produção, tendo um grande impacto na sociedade (LEFEBVRE, 1978).

Em relação às várias atividades sociais relacionadas a esse mundo urbano, percebe-se um misto de fascínio e de estranhamento em um espaço de vivência e percepção de tudo isso, que é a rua. A rua urbana é mediada por concepções variadas sobre o modo como intervêm e operam no espaço as mercadorias e equipamentos modernos, as empresas e os funcionários responsáveis por esses objetos e serviços (FREHSE, 2001).

O método, de maneira simplificada, consiste em explorar os detalhes do presente através dos legados do passado e propor possibilidades futuras. Seu caminho de investigação começa no presente, volta ao passado, destaca eventos ocorridos, explica o presente e, em última análise, visa conduzir o movimento na direção oposta ao momento presente (LUZ, 2022).

O método regressivo-progressivo empírico aplicado à análise possibilita identificar as diferentes relações sociais referentes ao fenômeno em questão – a segregação socioespacial urbana – desde simples fundamentações teóricas até os dias atuais, no âmbito da complexidade horizontal, e busca entender sua complexidade vertical com o objetivo de entender a historiografia, a cronologia. Por fim, examina suas origens, processos, conexões, contradições e transformações para mostrar o que é possível hoje. Neste ponto, a interação entre as estruturas deve ser considerada, tendo em vista que as novas estruturas influenciam as antigas, porque são subordinadas ou complementares às anteriores.

Atualmente, os conflitos sociais parecem históricos e não se limitam a conflitos entre diferentes classes sociais, pois a compreensão de conflitos de Lefebvre mostra que incompatibilidade também significa incompatibilidade entre tempo e oportunidade, segundo Ortigoza (2010). Para o autor, é preciso voltar ao passado em busca de sinais de mudança, por isso há uma necessidade de regressão, pois unicamente o presente não conseguiria explicar a realidade.

Em uma sociedade atual, segundo Frehse (2001), o foco da questão são as relações sociais fortemente hierarquizadas, sendo assim, as atividades são vistas por meio de concepções normativas específicas. Embora seja necessária uma análise temporal, retroceder no tempo e perceber mudanças na história não necessariamente segue a ideia de uma sucessão de etapas históricas, pois há formas de pensar inconsistentes, que deturpam a ideia de cronologia coerente.

2.5 HISTÓRICO DA LUTA

Em um mesmo momento histórico, a luta por moradia acontece em vários locais do Brasil, com algumas especificidades, mas com foco na capacidade que o grupo tem de gerir os processos que envolvem a produção de moradia.

A necessidade de moradia para um segmento da população da cidade com condições financeiras precárias – inicialmente composta por novos migrantes e, posteriormente, por trabalhadores de baixa renda – foi o motor da formação das favelas, na década de 1970, em Belo Horizonte, por exemplo. Como resultado, os aglomerados urbanos estão se tornando um tipo comum de moradia para famílias de baixa renda que não têm condições de participar formalmente do mercado de trabalho (LEITE, 2009). As favelas não eram reconhecidas pelas instituições públicas, suas áreas eram contabilizadas como áreas verdes ou desocupadas.

Nesse período, a população foi submetida a políticas de “desfavelamento”, que consistiam em ações governamentais de despejo de moradores, destruindo suas casas – ações consideradas autoritárias, segundo Leite (2009). Tais ações em nada contribuíram para melhorar a qualidade de vida dessa população, que se viu obrigada a reconstruir suas casas e formar novas aglomerações, muitas vezes nos mesmos locais de onde havia sido retirada, devido às irrisórias indenizações recebidas.

Mesmo durante as iniciativas de “desfavelamento” lideradas pelo governo, a população de vilas e favelas (que cresceu em importância em comparação com a população das grandes cidades do Brasil) começou a se organizar em associações e uniões de moradores para garantir sua permanência nesses espaços. Essas associações passaram a conquistar o respeito de toda a sociedade e a exercer influência nas ações que deveriam ser implementadas, não apenas dentro de suas próprias comunidades, mas também em diversas instituições públicas (LEITE, 2009).

Já em São Paulo, as políticas habitacionais haviam caído em descrédito, pois, segundo Bonduki (1992), entre os anos de 1979 e 1982 os programas de habitação haviam financiado apenas cinco mil casas, com graves problemas estruturais. Já os conjuntos da Companhia de Habitação de São Paulo (COHAB-SP) eram proibitivos para a população de baixa renda e desempregados, pois, para ter acesso ao financiamento, era obrigatório ter registro em carteira e comprovação de renda.

O surgimento de proposta autogestionária não foi algo planejado. Em 1981, os ocupantes da Fazenda Itupú, na zona sul de São Paulo, começaram essas discussões (BONDUKI, 1992), que levaram à conclusão de que era mais importante um programa de moradia, levando em consideração as dimensões, processos de construção e valores de financiamento e prestação. Em 1982, alguns voluntários oriundos da Universidade de São Paulo passaram a assessorar tecnicamente esse movimento.

Um filme sobre o processo de produção de moradia dos conjuntos cooperativos do Uruguai foi um incentivo para a população de São Paulo, que buscava alternativas para as construções. Foram criadas, segundo Bonduki (1992), algumas propostas para isso, por exemplo, a de se fazer uma cooperativa de habitação, autônoma e autogerida. Mesmo sendo inviável pelas leis vigentes, a ideia era que se tornasse uma proposta tão forte que pudesse fazer com que a legislação fosse alterada.

Em Belo Horizonte, as organizações se fortaleceram após a criação da Pastoral da Favela – que reunia vários líderes comunitários que enxergavam a favela não com um problema, mais sim como solução – em 10 de agosto de 1984, com o objetivo primordial de auxiliar na organização e fortalecimento de grupos que representassem os interesses dos moradores de forma mais eficiente e organizada, além de expor as demandas de projetos estruturais e de engenharia às equipes técnicas responsáveis (LEITE, 2009).

Além disso, essas organizações passaram a exigir que vilas, favelas e aglomerados fossem reconhecidos como partes integrantes e importantes da infraestrutura urbana, como saneamento e transporte, das grandes cidades, a fim de garantir o direito às terras que ocupam.

Segundo Leite (2009), durante a década de 1980, a volta à democracia deu aos políticos a oportunidade de repensarem suas ações, tanto como cidadãos quanto como funcionários públicos, lançando projetos de reurbanização de favelas e integração das áreas aglomeradas com o restante da cidade. O amadurecimento das associações de moradores das favelas de Belo Horizonte estava em grande parte alinhado com o despertar político do país.

Esses esforços de integração foram acompanhados pelo reconhecimento das favelas como parte integrante da estrutura urbana e de seus moradores como cidadãos com direito à moradia, à infraestrutura e a ter acesso às oportunidades oferecidas pela cidade (LEITE, 2009).

A partir daí, os movimentos sociais tiveram um papel crucial nas inter-relações entre a sociedade civil e o governo, servindo a um duplo propósito: serem responsáveis por apresentar os direitos do grupo social ao governo e medirem o poder público na comunidade local, atuando como garantia de boa governança.

Outra razão para a importância da formação e do fortalecimento dos movimentos sociais é a crescente preocupação com o papel da sociedade civil no diagnóstico, na execução e na implementação de projetos sociais que visem à melhoria da qualidade de vida da população urbana, esta exercendo cada vez mais influência em áreas de risco social e déficit habitacional (LEITE, 2009).

A instituição do Estatuto das Cidades, em 2001, consolidando os artigos 182 e 183 da Constituição Federal, legitima a participação dos movimentos e associações sociais nas decisões políticas, administrativas e sociais, garantindo a governança democrática das cidades (BRASIL, 2001). Como resultado, considera-se a participação de grupos sociais no desenvolvimento e implementação de projetos ou planos que visem à melhoria da qualidade do ambiente construído. Assim como a garantia da governança democrática, o Estatuto da Cidade prevê no mesmo artigo a garantia da regularização fundiária de áreas urbanas ocupadas por pessoas de baixa renda, que pode ser realizada por meio de usucapião urbano (LEITE, 2009).

As disputas entre os órgãos públicos designados para a elaboração desses estudos, as empresas contratadas para sua elaboração e a sociedade civil surgiram quase simultaneamente à promulgação do Estatuto da Cidade. Como consequência, sua execução foi interrompida e todas precisaram repensar sua metodologia e aplicação abandonando por enquanto a noção de que pode se tornar mais um entre os inúmeros, bons e úteis instrumentos de planejamento (CONTI, 2004).

3 TECNOLOGIAS E METODOLOGIAS

As tecnologias construtivas para HIS são variadas, ainda mais por se tratar de um país com várias peculiaridades ao longo do seu território, diferentes climas e inúmeros materiais a serem utilizados, possibilitando uma construção com um viés sustentável.

No que diz respeito às metodologias, existem as mais usuais – como empreiteiras e grandes construtoras – e a autogestão, que se torna um contraponto às alternativas anteriores. Nesse caso, vamos focar a autogestão como a alternativa sustentável para o método de construção.

3.1 TECNOLOGIAS CONSTRUTIVAS

Vários sistemas construtivos podem ser usados para erguer uma HIS. Fazendo um recorte, partindo do ano 2009 até os dias atuais, o programa Minha Casa Minha Vida, e o programa Casa Verde e Amarela (que veio em substituição ao primeiro) foram de muita importância nos vieses social e econômico. É extremamente relevante entendermos quem são os agentes que fazem parte da construção e as variantes na tecnologia, já que o Brasil possui uma grande variedade de ambientes (tipos de solo, umidade, temperatura, entre outros aspectos).

O sul do país, por exemplo, possui especificidades que atendem a diferentes materiais. O sistema de *Light Wood Frame*, usado nessa região, é formado por painéis estruturados nas paredes e nos pisos; uma peculiaridade é a montagem de rápida execução, mas que necessita de mão de obra especializada (mesmo sendo necessário pouco treinamento). As paredes estruturais externas são, em sua maioria, de 38 cm, já as paredes internas (como não necessitam de isolamento térmico) têm sua profundidade reduzida para 9 cm. As chapas usadas para o acabamento externo podem ser de gesso acartonado ou de madeira, já o acabamento interno utiliza, preferencialmente, chapas de *drywall*.

Figura 1 – Sistema *Light Wood Frame*

Fonte: A SOLUÇÃO (2019)

A adaptação do sistema ao país exige mudanças, como o uso de madeira tratada em toda a estrutura, pois há mais organismos xilófagos no Brasil do que nos Estados Unidos, onde esse tipo de tecnologia é mais usado. Há também outras técnicas, como a galvanização de parafusos e peças metálicas ligadas ao sistema, e a reutilização de peças de madeira, porque são processadas em autoclave. Algumas peças, como conectores, teriam que ser produzidas em massa, diferentemente do que acontece agora. Apesar disso, podem-se construir casas nesse sistema usando ferramentas simples de carpintaria, como já acontece.

Com uma ideia de industrialização da construção civil, e por se pensar no uso de madeira, essa solução é vista com bons olhos pelas construtoras. O ritmo construtivo desse sistema possibilita que casas completas de 200 m sejam concluídas em 60 dias devido à padronização dos processos e principalmente ao não desperdício de material, no entanto, esse sistema ainda sofre resistência das pessoas, pois, apesar de não ser, sua tecnologia parece retrógrada. O *Light Wood Frame* pode ser

usado para construir edificações de até 5 pavimentos e não é vendido em kits fechados de construção, podendo atender uma enorme demanda. A matéria-prima mais usada nesse sistema é o pinus, mas também utiliza-se o eucalipto em alguns casos (WOOD..., c2022).

A fim de agilizar os processos construtivos e atingir a norma de desempenho NBR 15.575 para edificações, espera-se que o uso desse sistema na engenharia civil seja otimizado. Para isso, seus produtores pretendem organizar treinamentos de utilização, negociar com a CEF a homologação do sistema para que seja financiado para habitação e assinar contrato com o Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) no estado de São Paulo, para construir protótipos e realizar experimentos.

Outra tecnologia que vem crescendo na utilização dentro da construção civil é a Concreto-PVC, que tem como vantagens ser mais durável que o plástico tradicional, usar menos energia e gerar menos resíduos na produção. Para a produção, é necessário o uso em sua composição de 57% de sal marinho e 3% de fontes não renováveis, como petróleo e gás natural, mas há estudos que visam substituir essas fontes não renováveis por álcool vegetal.

Mais uma vantagem é que o PVC tem um longo ciclo de vida e é utilizado em produtos de engenharia civil com durabilidade de até 100 anos. Seu uso principal ocorre em instalações hidráulicas em edifícios, mas também é encontrado em instalações elétricas, esgotos, poços tubulares e telecomunicações. Além disso, a construção civil tem encontrado novos usos para esse material, ganhando espaço na produção de esquadrias, revestimentos e decorações para construção. As vantagens do PVC na arquitetura são: versatilidade, leveza, durabilidade, pouca manutenção, resistência mecânica, resistência às intempéries, ao fogo, a fungos, a cupins e a mofo, além de não necessitar de pintura de resistência química (FIGUEIREDO, 2015).

Figura 2 – Sistema Concreto + PVC



Fonte: TECNOLOGIA... (c2022)

Os painéis podem ser ocos, com estrutura interna de madeira ou preenchidos com poliuretano, bastões de poliestireno, concreto leve, concreto estrutural, areia, solo cimento, brita etc. Os painéis de altura correta permitem uma instalação fácil e rápida e podem ser usados em peitoris e paredes sem moldura. Ângulos, conectores, espaçadores internos etc. são usados na montagem. Após a instalação e o acabamento dos painéis, são colocados o rodapé e as guias das rodas do teto.

Para a construção do sistema, primeiramente uma guia de madeira de 6 mm é fixada ao piso com pregos e buchas de aço. Em seguida, os postes internos de madeira são colocados na guia de piso e os painéis desses postes são fixados nos pregos. Os postes têm a mesma altura que os painéis de PVC; geralmente são fixados nas laterais das molduras e se encontram entre paredes e cantos. Nas paredes é colocado o mesmo tipo de realces, como uma cinta de fixação, que é parafusada e pregada nos postes dentro dos painéis; após a instalação das tiras fixas, é feita a construção do telhado, que aceita diferentes tipos de estruturas e telhas, pois a combinação de paredes de PVC e postes de madeira forma um todo muito durável.

Amostras ou contramarcas são então feitas para vedação em caixilhos de janelas com uma válvula mecânica. Os caixilhos das portas têm um tampão e reforço

de aço para fixar as dobradiças. Janelas e portas são instaladas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND, 2016).

A utilização do aço na HIS acelerou-se a partir do momento em que passou a existir o financiamento, que já não existia há anos. Em 2002, a Caixa elaborou o Manual de Habitação Tradicional *Steel Frame*: Requisitos Mínimos e Critérios para Financiamento Caixa.

Apesar dos esforços para popularizar esses sistemas, ainda há resistência ao seu uso no país. No segmento residencial, o aço ainda é usado com parcimônia, sendo mais utilizado em prédios comerciais devido ao maior retorno financeiro. Graças aos recursos da Caixa, da COHAB, da Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e das prefeituras, seu uso está concentrado na região Sudeste.

A utilização de estruturas metálicas como montagens com outras estruturas secas abre as portas para a industrialização dos processos construtivos, reduzindo perdas de materiais e retrabalho. Apesar da redução do tempo de execução da obra, a mão de obra utilizada nesses sistemas alternativos deve ser especializada. À medida que a massa do edifício diminui, a utilização de sistemas de montagem metálica reduz os custos da sua fundação.

Outras vantagens associadas aos sistemas pré-fabricados são: maior flexibilidade sem comprometer a qualidade do produto ao término da obra e a reutilização de peças estruturais após a demolição dos edifícios utilizando os sistemas de estrutura metálica; estes tornaram-se uma boa alternativa à habitação social e são utilizados em alguns projetos da COHAB e em outros projetos de habitação popular. As principais empresas que desenvolvem tais sistemas seriais no país foram: a Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais (USIMINAS), a Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), a Gerdau e a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) (OLIVEIRA, 2014).

Figura 3 – Sistema de estrutura metálica



Fonte: MINHA CASA... (c2022)

A Gerdau também dispõe de um sistema denominado Casa Fácil Gerdau com 24 m², 36 m² e 48 m², por meio do qual um apartamento pode ser concluído em até 21 dias, com telhados, paredes e acabamentos, economizando 35% de tempo em relação aos 32 dias do sistema tradicional. A configuração desse sistema, exceto que não pode ser encenado, é semelhante à configuração do sistema Useteto. Já a COSIPA desenvolveu dois projetos de construção de 827 m² para apartamentos com estruturas metálicas populares e escadas, com diferentes tipos de persianas, telhas e divisórias. No caso de uma solução semi-industrial, são utilizadas fechaduras e divisórias em blocos e lajes maciças de concreto. A solução industrial inclui balanços em elementos de concreto, paredes de gesso cartonado e placas de aço. O valor total de cada apartamento é de R\$ 15,7 mil, equivalente a R\$ 392,50/m² (FREITAS, 2010).

No Brasil, o concreto celular para paredes começou a ser utilizado na década de 1980, sendo esse material utilizado em casas populares de Natal (RN) e Manaus (AM). O concreto celular para o projeto *Housing 1.0*, com a ajuda da tecnologia Gethal e o suporte técnico da Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), é caracterizado principalmente por uma combinação de leveza e ar. Por isso, também é utilizado nos espaços dos painéis de enchimento (que aumentam o conforto do

edifício devido às capacidades de isolamento térmico e acústico desse material) e na proteção de camadas de impermeabilização.

Com propriedades mecânicas que o tornam um elemento estrutural, o material pode ser aplicado em paredes de edifícios de diversos tamanhos, e um edifício de 5 andares pode ser construído com paredes de 10 cm de espessura. O concreto aerado é autoadensável devido à sua alta vazão, não necessita de vibração durante o escoamento, mantém a forma e proporciona um material para aplicação rápida (os vibradores são proibidos, pois esse processo destrói o material das bolhas finas). Além disso, é um material de rápida produção. O concreto possui agregados convencionais em sua composição (como areia, brita, cimento, água e pequenas bolhas de ar distribuídas uniformemente por toda a sua massa), além de conter aditivos como espuma, redutor de água e fibras acrílicas. Devido às bolhas finas, esse tipo de concreto tem uma densidade menor que o concreto convencional (1300 a 1800 kg/m³ comparado a 2200 kg/m³).

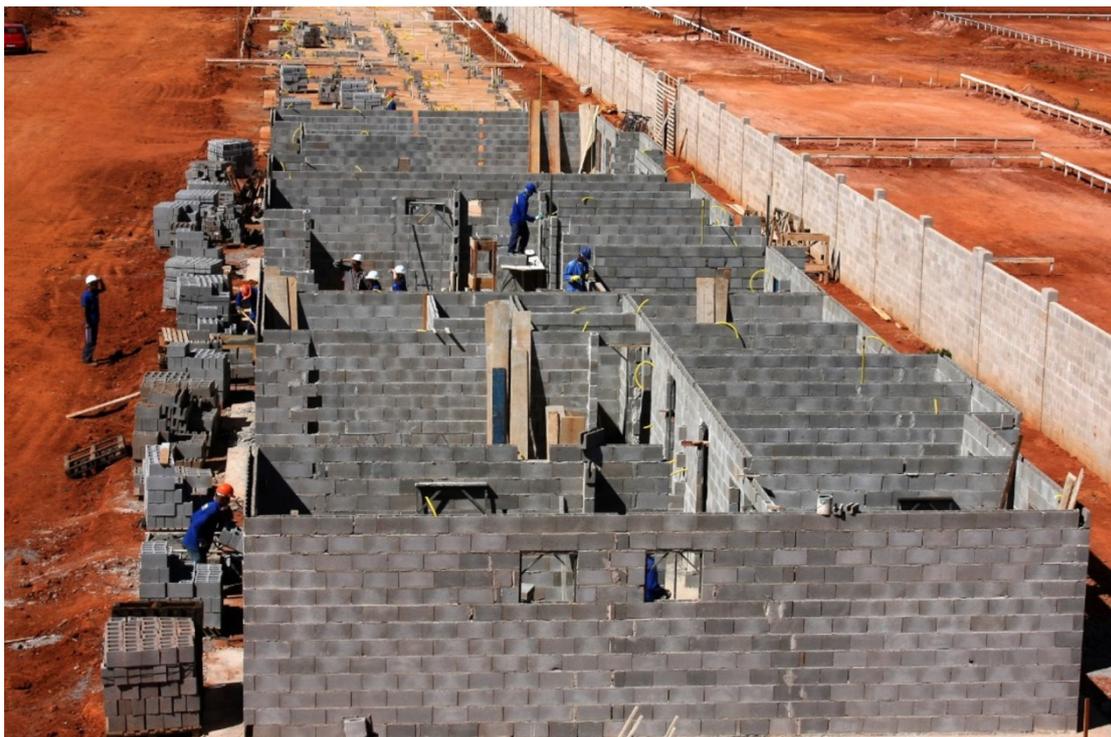
O sistema ABCP utiliza racionalmente blocos vazados de concreto, modulares e da mesma série, para duas funções: cercas (paredes) e elementos estruturais para suportar cargas horizontais e verticais. A utilização de alvenaria estrutural apresenta as seguintes vantagens: eliminação da etapa de concretagem de vigas e pilares, redução de sucata, armaduras e fôrmas, bem como de retrabalho.

No entanto, ao se utilizar a construção estrutural, deve-se observar que o desempenho do sistema está diretamente relacionado à escolha do bloco de concreto, portanto essa escolha deve ser feita com cuidado. A ABCP estabeleceu o Selo de Qualidade de Blocos de Concreto em uma iniciativa para certificar blocos vazados de concreto fabricados no país. Os fabricantes que obtiverem esse Selo estarão aptos a cumprir o Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat (PBQP-H). A montagem modular dos blocos do sistema é realizada colocando-os em fileiras alternadas, conectando as paredes com um número mínimo de blocos para evitar quebras. As unidades mais utilizadas são as séries 29 e 39 – com exceção da unidade B3 (1 x 19 x 3 cm) –, cada uma com 3 elementos básicos.

Por meio do projeto Lares Geraes, a COHAB-MG utiliza o sistema de alvenaria estrutural ABCP em larga escala no estado de Minas Gerais, atendendo milhares de famílias a cada ano. Esse sistema é implementado no projeto, principalmente, porque há mais blocos de concreto na região. Segundo a revista Engenharia, em abril de

2009, uma casa de 2 m² com esse sistema custava R\$ 17 mil (sem BDI e custos indiretos). Segundo o Sindicato da Indústria da Construção Civil (SINDUSCON) do estado, em abril de 2009, esse valor estava abaixo do Custo Unitário Básico de Construção Civil (CUB) de R\$ 536,75/m², pelo PIS (Projeto de Interesse Social), que é um patamar baixo para empreendimentos residenciais.

Figura 4 – Sistema ABCP



Fonte: CBIC (c2022)

3.2 METODOLOGIAS CONSTRUTIVAS

Os métodos construtivos para HIS podem ser divididos em dois modos: a) modo privado, segundo o qual empreiteiras e ou construtoras buscam dinheiro (de origem pública ou não), para assim executar a construção e fazer a venda; b) por cooperativas, que será mais explorado em outro momento deste trabalho.

Antes de explicar os métodos construtivos, é importante exemplificar o método de compra dos imóveis, usando a Caixa como exemplo, mas ressaltando que várias outras instituições fazem esse financiamento. Em 2022, o maior programa para esse

tipo de habitação é o programa Casa Verde e Amarela, nova nomenclatura do programa Minha Casa Minha Vida (CEF, 2022).

A Caixa dispõe de linhas de financiamento imobiliário para utilizar como compra, construir ou até mesmo adquirir seu imóvel pronto. O financiamento imobiliário ocorre em parcelas mensais, no prazo de pagamento escolhido pelo consumidor, obedecendo ao prazo máximo especificado na forma escolhida. O bem adquirido é vendido à Caixa, pela incorporadora, como garantia das operações. Após o pagamento integral do valor devido, a alienação é retirada, ficando o imóvel em nome do comprador.

No site há informações sobre os valores de renda possíveis para o financiamento; nessa modalidade, o prazo máximo para pagamento é de 35 anos, com taxas de juros e descontos a serem concedidos conforme o grupo de renda, valor e localização do imóvel (CEF, 2022):

- a) famílias com renda mensal bruta de até R\$ 2.400,00: imóvel com taxa de juros nominal de até 4,75% a.a. e, para cotistas do FGTS, taxa de 4,25% a.a.;
- b) famílias com renda bruta de R\$ 2.400,01 até R\$ 3.000,00: a taxa de juros nominal do financiamento pode chegar até 5,25% a.a. e, para cotistas do FGTS, taxa de 4,75% a.a.;
- c) famílias com renda bruta de R\$ 3.000,01 até R\$ 3.700,00: a taxa de juros nominal do financiamento pode chegar até 6% a.a. e, para cotistas do FGTS, taxa de 5,50% a.a.;
- d) famílias com renda bruta de R\$ 3.700,01 até R\$ 4.400,00: a taxa de juros nominal do financiamento pode chegar até 7% a.a. e, para cotistas do FGTS, taxa de 6,5% a.a.;
- e) famílias com renda bruta de R\$ 4.400,01 até R\$ 8.000,00: para essas famílias, na aquisição da casa própria, é disponibilizada taxa de juros nominal de 7,66% a.a. e, para cotistas do FGTS, taxa de 7,16% a.a.

As empresas da construção civil dispõem de uma metodologia construtiva muito clara para a execução do seu trabalho dentro da HIS (CAPACETES..., 2007). A grande empresa contrata empresas menores, como empreiteiras, e estas contratam funcionários temporários, unicamente para executar serviços não especializados. Na lógica colocada no documentário Capacetes Coloridos fica explícita a exploração do

trabalhador. Há uma substituição do trabalho especializado por uma série de trabalhadores não especializados ao longo do período de execução de um trabalho específico (HARVEY, 1982).

A principal diferença para as construtoras ou incorporadoras em relação ao antigo programa é que, em 2022, o preço do repasse à Caixa, que opera o financiamento, passa de 1% para 0,5%, gerando, economia para o grande empresário. Para as empresas poderem participar na construção da HIS, usando recursos advindos da Caixa, precisam ser construtoras com nível de qualificação no Sistema de Avaliação da Conformidade de Serviços e Obras (SIAC) PBQP-H, ter situação cadastral regular e saúde econômico-financeira, alvará ou projeto de arquitetura aprovado pelo município, licenças ambientais aplicáveis e declaração de viabilidade das concessionárias de água, esgoto e energia elétrica, ter infraestrutura interna e externa ao empreendimento, que deve ser localizado em área urbana. Ainda no descritivo dessa operação feita pela Caixa, são colocadas algumas leis e regulamentações: lei nº 4.380, de 21/08/1964; lei nº 9.514, de 20/11/1997; lei nº 8.036, de 11/05/1990; Resolução CCFGTS 702, de 04/10/2012 (CEF, 2022).

3.3 AUTOGESTÃO

Em resumo, a autogestão habitacional se refere à capacidade que um grupo tem de gerir os processos que envolvem a produção de moradia – da aquisição de terrenos à construção de unidades residenciais –, além da execução de projetos arquitetônicos e urbanísticos, mas o conceito de autogestão isoladamente tem uma gama de interpretações (BURGUIÈRE *et al.*, 2016).

A autogestão se manifesta não apenas na construção habitacional e na gestão de recursos, mas também no espaço urbano para ser gerido pela população e por comunidades em busca de cidades sustentáveis e melhor qualidade de vida. Trata-se do processo de assentamento pelo qual a própria comunidade administra sua habitação; são as comunidades organizadas, em movimentos populares, associações e cooperativas que determinam suas próprias soluções habitacionais, seja nas atividades de produção habitacional, seja na urbanização de uma área.

A autogestão também é o controle dos recursos públicos e do trabalho da própria comunidade nas etapas de determinação do terreno, escolha do projeto,

seleção de equipes técnicas ou formas de construção. Assim, à medida que a autogestão é estimulada, as relações interpessoais são fortalecidas.

O poder do capital se estende às mais diversas classes e separa aqueles que o possuem daqueles que são menos poderosos em termos de capacidade econômica. Essa diferença foi compreendida pela resistência popular, organizada contra um sistema econômico hegemônico, que tende a excluir grandes grupos da população (VASCO, 2012).

O ambiente econômico do Brasil foi impulsionado nos últimos sessenta anos por uma estratégia de industrialização baseada em um modelo de substituição de importações. Esse modelo, que logicamente pressupunha a criação de um ambiente protegido para a produção industrial nacional, foi a base de toda a industrialização do Brasil até o final da década de 1980. Ao mesmo tempo, a política habitacional havia perdido a credibilidade em vários setores da sociedade (BONDUKI, 1992), muito disso por fraudes e escândalos envolvendo o SFH. Em 1990, porém, o processo de liberalização das importações foi aprofundado, com o estabelecimento de um cronograma de restrições não tarifárias, a eliminação completa das preferências de exportação e a redução gradual dos impostos de importação (SOUTO; VALLE; CARVALHO, 2002).

Na década de 1970, principalmente na Europa, começaram a surgir as ações trabalhistas de empresas falidas, o que significou o reinício da produção e sua gestão coletiva. Essa forma de organização da produção foi chamada de autogestão da produção, tradução literal de uma expressão servo-croata *samo upravlje* (*samo* é o equivalente eslavo do prefixo grego “auto” e *upravlje* significa aproximadamente “gestão”). Tanto no Brasil como na Europa, desde a década de 1980, destacam-se as atividades relacionadas à autogestão da produção, tendência essa que aumenta na década de 1990, devido ao crescimento do número de falências de empresas, em razão das mudanças da concorrência interna e da abertura comercial. Isso foi o impulso para diversas iniciativas em todo o país em direção a alternativas produtivas organizadas coletiva e inclusivamente.

O objetivo é viabilizar a realização de moradias sociais executadas por cooperativas e associações comunitárias relacionadas à economia habitacional e ao movimento de renovação urbana. Nesse caso, o intuito é descobrir quais fatores facilitariam e quais dificultariam a implementação dos programas, discutir em que

medida essa política corresponde à utopia do movimento de reforma urbana dos anos 1980, sobre a apropriação coletiva do espaço e a efetivação dos direitos urbanos. As iniciativas de cooperação e autogoverno se fortaleceram nos últimos anos e respondem à demanda da década de 1990.

A arquiteta e urbanista Regina Fátima Cordeiro Fonseca Ferreira, no artigo “Movimentos residenciais, autogovernança e política habitacional no Brasil: da aquisição habitacional à justiça urbana”, defende que: A autogestão da produção social da habitação é o resultado de um processo de organização social histórica a partir de uma exigência material específica: a habitação. A luta que se inicia por moradia digna, necessidades e direitos básicos estende-se à luta pelo acesso à educação, saúde, cultura, lazer e à cidade, formando uma luta emancipatória para a população como sujeito de direitos (FERREIRA, 2012).

A economia brasileira passou por sucessivas crises nas décadas de 1980 e 1990, causadas primeiro pela alta inflação e queda da demanda e depois pela liberalização do comércio. Para Singer (2002), essa mudança no quadro socioeconômico foi o impulso para diversas iniciativas em todo o país em direção a alternativas produtivas coletivas e até organizadas.

A produção autogerida habitacional socialmente útil contém o potencial de inovações e mudanças na vida e na sociedade que cada experiência pode agregar ao individual e, sobretudo, ao coletivo. No Brasil, isso ficou evidente na década de 1990, quando o estabelecimento de espaços de participação pública na governança urbana deu a todos uma voz antes invisível nas cidades e na política. Desde então, foram mapeados os “empreendimentos” abrangidos pelos contratos dos programas nacionais (crédito solidário, medidas de apoio à produção habitacional, programa MCMV-E) e sua articulação com o movimento habitacional e de renovação urbana organizado nacionalmente.

No passado, eles foram rejeitados pelas mesmas lideranças que hoje os divulgam como exemplo de parceria com os movimentos sociais. Os programas municipais compartilham a mesma lógica de mercado no financiamento de qualquer empreendimento imobiliário, desde procedimentos complexos de projetos e contratos até exigências de documentos legais, dificuldades de grupos populares e impossibilidade de atingir o público. No entanto, a integração na política urbana, na

posse da terra, na gestão ambiental e no transporte urbano permanece incerta; menos ainda a integração em outras políticas públicas, como geração de emprego e renda.

Incluem iniciativas de empregados de empresas falidas para se organizarem em formas de produção baseadas no trabalho parcial e coletivo, especialmente aquelas relacionadas à gestão das operações e dos meios de produção de empreendimentos industriais localizados em áreas urbanas. Essas novas unidades produtivas passam a ser chamadas de “empresas autogestionárias”, que se referem às formas de organização da produção implementadas pelos movimentos sociopolíticos na França na década de 1970 – algumas iniciativas que ilustram o início desse movimento no Brasil incluem um forno no Rio Grande do Sul que foi fechado em 1998 e tomado por trabalhadores.

Ainda há algumas etapas a serem conquistadas na produção social da habitação; uma delas é a inclusão da modalidade como condição habitacional na política nacional de habitação para incentivar associações e cooperativas urbanas, tendo em vista que os programas de autogestão habitacional estão vinculados a uma crítica à comercialização residencial e urbana e à capacidade dos moradores de organizar e construir soluções de gestão do espaço urbano.

A política de habitação social relacionada à política rural e urbana deve ser reiniciada, entendendo a produção social da habitação por meio do governo local como parte estratégica da política habitacional e como uma nova forma de “fazer cidade” a partir da política urbana, a partir da lógica das pessoas que vivem ali.

Na tarefa de abordar o conceito de autocontrole, convém retomar a recomendação de Rosanvallon (1976) e considerar inicialmente a origem desse conceito. Embora a experiência de organização da produção coletiva dos trabalhadores seja o ponto de partida para a organização da produção industrial, as estratégias adotadas pelos trabalhadores para assumir fábricas falidas vêm de tempos mais recentes, especialmente dos movimentos operários e estudantis do passado na França.

Autores como Faria (2005) consideram o que aconteceu na França na década de 1970 um dos marcos do movimento de gestão coletiva de fábricas e trabalhadores falidos: a apreensão por Franco da relojoaria suíça LIP, em 1973, na cidade de Besançon, após declarar falência.

Na década de 1990, surgiram em várias partes do Brasil outros projetos de recuperação resultantes de iniciativas de trabalhadores para assumir a gestão de empresas falidas, dentre os quais destaca-se o caso dos funcionários de uma empresa de calçados no interior de Franca, São Paulo, em 1992, que foi considerada uma referência ao movimento de tomada de controle dos trabalhadores e da gestão empresarial no Brasil (FARIA, 2005). Desde então, proliferaram as iniciativas manufatureiras com negócios reativados pelos trabalhadores e com o apoio de diversos sindicatos, órgãos públicos e agências de fomento.

De acordo com os dados do Ministério do Trabalho, em 2007 existiam 89 empresas criadas em decorrência da falência de outras no país que empregavam aproximadamente 10 mil funcionários. A maioria estava instalada nas regiões Sul e Sudeste do país (60 projetos), em áreas urbanas, e atuava nos ramos da indústria metalúrgica, têxtil, calçadista, de vidro e cristal, cerâmica, extração mineral e serviços.

Considerando as características dessa forma de organização da produção, as empresas autogestionárias, como qualquer empresa em geral, integram-se a um conjunto de relações de produção que determinam o modo de produção capitalista, envolvendo-as na divisão social do trabalho e participando da troca. Caracterizam-se pela gestão comum e coletiva dos trabalhadores nela envolvidos. Isso porque, neste caso, os meios de produção pertencem aos trabalhadores, portanto, é necessário que participem plenamente das decisões sobre a produção.

A produção por autogestão exige que o trabalhador não apenas participe do processo produtivo, mas seja diretamente responsável por ele. Isso exige um esforço extra dos funcionários, pois precisam lidar com os assuntos gerais da empresa, além das tarefas relacionadas à produção.

Em relação aos aspectos organizacionais, autores como Liboni e Pereira (2002) e Faria (2005) consideram algumas características que devem ser levadas em conta para esse tipo de negócio. Uma delas é a copropriedade dos meios de produção, ou seja, sem caráter jurídico. A pessoa (ou grupo de pessoas) é responsável pela propriedade das máquinas e equipamentos da empresa, e um grupo de funcionários é responsável pela propriedade da empresa por meio de seus representantes legais (GONÇALVES, 2005). No mesmo sentido, a estrutura hierárquica dessas empresas é caracterizada pelas diferenças entre as funções serem menores. As tarefas de gestão são realizadas por membros eleitos diretamente por um período limitado, e o grupo

pode revogá-los em casos predeterminados e permite alternar as funções de execução e gestão das operações de produção entre esses membros.

Dessa forma, o poder é representado e exercido coletivamente, por meio de uma liderança eleita e temporariamente delegada, devendo desempenhar as tarefas de acordo com as normas estabelecidas pelo grupo. Essas regras são baseadas em comportamentos democraticamente consensuais resultantes da homogeneidade do grupo, como igualdade de ideais, compromisso ético e padrões de comportamento.

Com isso, a forma salarial do trabalho deve ser praticada de forma igualitária, sem diferenças entre os membros, salvo em casos determinados pelo coletivo. Geralmente, essa taxa é proporcional ao número de horas que o funcionário gasta em atividades relacionadas à produção. Outro aspecto financeiro que uma empresa deve considerar está relacionado ao superávit contábil conhecido como “excedente”. Com base em decisões coletivas, esse excedente pode ser reinvestido na empresa, preservado ou distribuído entre os membros, com base em critérios definidos pelo grupo.

Mais uma característica a ser considerada nesses projetos é a colaboração entre diferentes setores produtivos, a partilha de conhecimentos e experiências adquiridas na realização das atividades produtivas. Isso também é feito por meio da participação direta e efetiva dos associados nas decisões relacionadas à produção e da distribuição uniforme de responsabilidades pelo planejamento, organização, implementação e obtenção de resultados. Isso se dá porque os interesses relacionados à produção são comuns, compartilhados em grupo, o que permite estabelecer conjuntamente objetivos e meios para alcançá-los.

Em relação à organização do trabalho, assume-se que, nessas empresas, não há divisão entre planejamento e execução das atividades produtivas, tanto o trabalho físico quanto o mental são realizados pelos mesmos funcionários. Dessa forma, a organização coletivista do trabalho tenta criar uma relação entre as tarefas administrativas da atividade produtiva e um funcionamento em que a generalização de cargos e tarefas é uma forma de obscurecer o caráter do especialista na atividade produtiva.

Funcionalmente, esse pressuposto baseia-se na disseminação de informações tácitas e explícitas relacionadas à produtividade. Mecanismos como negociações técnicas, cursos internos de qualificação e rodízio de funções são utilizados para

promover essa divulgação entre os colaboradores. De fato, a forma como as informações são disseminadas por meio de discussões em grupo no ambiente interno ou externo da produção é um incentivo à demissão de trabalhadores. Ao criar práticas de comunicação uniformes – como cartilhas, jornais, murais, reuniões e encontros – essas discussões visam divulgar informações e possibilitar que os colaboradores obtenham conhecimento sobre as condições da empresa, bem como as relacionadas ao ambiente externo. Por fim, no que se refere às relações sociais internas e externas da empresa, elas são baseadas em princípios comunitários, respeitando as características individuais dos integrantes e da comunidade em que a empresa está inserida.

A equipe de Arquitetura, Urbanismo e Engenharia da Universidade Federal da Bahia (AU+E/UFBA) – 2015/16, que trabalhou na União Nacional por Moradia Popular (UNMP) da Bahia, está atenta às questões acima, reconhece o avanço histórico e lento dos movimentos sociais e que ainda há muito trabalho a ser feito nesse cenário. Formada por três arquitetos urbanos, tomou a iniciativa de atuar em projetos de assistência técnica em dois locais distintos de Salvador: Cajazeiras XI e Pernambués.

Hoje, um dos maiores problemas no desenvolvimento dos municípios nesses projetos é a falta de assistência técnica das autoridades fiscalizadoras, embora esse tipo de serviço seja garantido pela lei que determina o direito das famílias pobres à assistência técnica pública e gratuita, bem como ao projeto e construção de HIS como parte integrante do direito social à moradia.

Além disso, surgem outros problemas como: grandes negócios, grandes terrenos, projetos complexos, questões no campo da construção civil, gestão financeira e de pessoas, assim como as dificuldades do município em se firmar no cenário da engenharia civil, pois tem que concorrer indiretamente com grandes empresas. Isso leva a uma delicada organização interna, que agrava os problemas de trabalho.

A equipe foi então indicada para esses projetos de assistência técnica, bem como para a elaboração de anteprojeto de habitação do Movimento Dois de Julho para 8 famílias, também previamente selecionadas, em um terreno de 950 m², localizado no bairro de Pernambués, na rua Numa Pompílio Bittencourt. Apesar de já ter sido contemplado por dois projetos doados pela Union Heritage na última década, nenhum deles se concretizou. Outro empreendimento foi o Condomínio das

Mangueiras, localizado no Bairro de Cajazeiras XI, na Avenida Aliomar Baleeiros, conhecido como Estrada Velha do Aeroporto (EVA), apoiador do programa MCMV-E. Esse projeto com 312 (trezentos e doze) apartamentos e uma área total de 7.879,5 m² já está em construção. Como o projeto original não contemplava microacessos, espaços comuns, macrodrenagem, isolamento e integração urbana, isso indica que projetos adicionais não eram prioritários para financiamento; são aceitos apenas em conexão com a realização de apartamentos.

O apartamento Mangueiras é um exemplo de como promover oportunidades de assistência técnica para alcançar o desenvolvimento sustentável. Com um serviço gratuito oferecido por meio de uma universidade pública, o profissional teve que se basear em pesquisas existentes na elaboração de candidaturas. Nesse sentido, ainda não foi feito um levantamento completo da topografia após as grandes obras de terraplenagem para a realização de edifícios residenciais, o que limita os trabalhos em áreas abertas e suscitam grandes preocupações quanto à estabilidade do talude em campo aberto.

Com esse entendimento, foi-se trabalhando a urbanização e o paisagismo da rua principal, a praça de lazer (com equipamentos de ginástica, brinquedos infantis e móveis versáteis), a praça do centro da cidade, beira da estrada principal (Rua Encontro das Águas), uma proposta de viveiro/horta comunitária e mobiliário comunitário (guarita, posto de desenvolvimento sustentável e edifício multiuso), que já é um projeto preliminar devido às condições favoráveis. Portanto, o maior desafio desse projeto foi coletar informações sobre a situação atual e a história do país, para desenvolver uma proposta com base nas necessidades relatadas e no orçamento reduzido.

Além disso, devem ser feitas propostas para conseguir habitação social decente e leis urbanas mais baratas (mas de alta qualidade), incluindo assistência técnica gratuita mais fácil e melhores amenidades para os gerentes das agências administrativas.

No cenário brasileiro, a renovação urbana e os movimentos sociais se espalharam por vários estados do país, formando grupos como: Confederação Nacional das Associações de Moradores (CONAM), Central dos Movimentos Populares (CMP), Movimento Nacional de Luta pela Moradia (MNLM) e União Nacional por Moradia Popular (UNMP). Essas unidades ganharam notoriedade e

proporcionaram às comunidades pobres, favelas, cortiços e moradores de rua a garantia constitucional do direito a viver na cidade e à moradia digna por meio da autonomia.

A estratégia de autossuficiência, bem como a utilização da construção conjunta em habitações populares, surgiu como uma opção para a construção de moradias para essa população (por não possuir renda suficiente para entrar no mercado imobiliário), o que permitiu reduzir os custos trabalhistas. Para garantir esse direito, é importante regulamentar a assistência técnica pública e gratuita no planejamento e construção de habitação social no âmbito do direito à habitação social estabelecido pela lei nº 11.888 de 02/12/2008.

Durante esse processo, na década de 1980, novos movimentos surgiram. Entre eles, os movimentos de moradia e renovação urbana, que exigem o direito à moradia e à cidade na perspectiva da participação social e da gestão coletiva da habitação e dos processos de construção urbana.

A eleição de Lula como presidente do Partido Trabalhista em 2002 levantaria a agenda do programa de renovação urbana iniciado em 2003 com o Ministério do Urbanismo e em 2004 com a Câmara Municipal. Em 2005, foi lançado o Programa de Crédito Solidário e, em 2009, quando foi lançado o programa MCMV, ocorre uma virada na forma de financiamento da política habitacional e nasce a categoria MCMV-E, um programa que atende a exigência de habitação municipal.

Vários estudos procuram: a) examinar em que medida a política nacional de habitação (desenhada para o município desde 2003) permite que cooperativas e associações de municípios ligados à economia habitacional e ao movimento de renovação urbana produzam habitação social; b) descobrir quais os fatores que incentivariam e impediriam a implantação da habitação, programas também, em que medida essa política corresponderia ao movimento de renovação urbana dos anos 1980 delineou uma utopia de apropriação comum do espaço e exercício do direito urbano (FERREIRA, 2014).

Com base na pesquisa apresentada, podemos concluir que submeter esses programas à lógica da produção habitacional capitalista retiraria os projetos da perspectiva de emancipação que os movimentos reivindicam como origem.

3.4 SUSTENTABILIDADE

Dentro da construção civil existem vários métodos para atingir o objetivo projetado de construção da moradia social. Um dos intuitos desta dissertação é mostrar como a autogestão é uma alternativa sustentável.

O termo sustentabilidade vem substituindo desenvolvimento sustentável, pois muitos acadêmicos compreendem que a palavra desenvolvimento pode ser interpretada como crescimento, enquanto usar unicamente o termo sustentabilidade deixa claro que o crescimento econômico contínuo pode ser sim desafiado (KAGAN, 2011). Além do ponto de discussão do crescimento econômico, o uso do termo sustentabilidade propõe um equilíbrio, enquadrando o social e o ecológico, tirando a prioridade do fator financeiro.

Quando usamos a palavra sustentabilidade, devemos ter em mente a abrangência de aspectos que podem nortear-nos, pois esse conceito, hoje, perpassa pelo sistema econômico-financeiro, pela sustentabilidade mental dos indivíduos e pelo ecodesenvolvimento (BOFF, 2015).

O tripé da sustentabilidade envolve um conjunto de aspectos considerados a base para esse tipo de gestão, os quais devem sempre interagir harmoniosamente, garantindo a integridade do planeta e da sociedade no processo, sendo eles: social, ambiental e financeiro, segundo o INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DA NATUREZA (IBDN, 2022).

O financeiro originalmente se referia à organização financeira e material de uma casa, assim sendo, a economia doméstica. Com o tempo, a palavra economia passou para a área empresarial, tendo um sentido voltado para minimização de recursos gastos, sendo analisadas questões relacionadas à produção, distribuição e consumo de bens e serviços (IBDN, 2022).

O social diz respeito aos funcionários, à empresa, à comunidade e à sociedade como um todo. Além da remuneração justa e do cumprimento da legislação trabalhista, outros aspectos também devem ser considerados, como o bem-estar dos colaboradores e a garantia de um ambiente de trabalho agradável, levando em consideração a saúde do colaborador e de sua família.

Além disso, é preciso ver como a atividade econômica afeta as comunidades do entorno. Este ponto abrange também problemas sociais gerais como educação, violência, falta de tempo livre e cultura.

O meio ambiente se refere ao capital natural de uma empresa ou sociedade, a perna ambiental do tripé. Aqui, como em outros assuntos, é importante pensar a curto, médio e longo prazo. Basicamente, quase todas as atividades econômicas têm efeitos ambientais negativos. Nesse sentido, uma empresa ou sociedade deve pensar em como mitigar esses efeitos e compensar o que não pode ser mitigado.

O uso de determinada matéria-prima deve, portanto, ser planejado de forma que seja possível repor o recurso utilizado ou, se isso não for possível, reduzi-lo ao máximo, além de saber medir a pegada de carbono de seu processo produtivo, ou seja, a quantidade de dióxido de carbono produzida por sua atividade. Também deve ser levado em consideração o cumprimento da legislação ambiental e de diversos princípios atualmente em discussão, como o Protocolo de Kyoto.

Sustentabilidade é o desenvolvimento de ações para promover o apoio social nas esferas econômica, ambiental e social. Portanto, além da ação puramente ambiental, a sustentabilidade também depende do alcance de metas que contribuam para a sociedade.

O objetivo, então (para que se tivesse uma sociedade sustentável), era criar padrões de comportamentos humanizados, o que fica estabelecido na reunião de Estocolmo. Na reunião ocorrida em 1992, no Rio de Janeiro, fica escancarado que os principais problemas ambientais ocorridos no mundo eram em países pobres. Como resposta a isso foi criada a Agenda 21, que norteava ações cujo objetivo é o desenvolvimento sustentável.

A sustentabilidade se refere ao princípio de encontrar um equilíbrio entre a disponibilidade dos recursos naturais e o uso deles pela sociedade, ou seja, visa equilibrar a proteção ao meio ambiente com o que ele pode oferecer, em consonância com a qualidade de vida da população.

Considerando as dificuldades socioeconômicas que as comunidades enfrentam para obtenção de moradias dignas (incluindo espaços públicos de qualidade), é importante levar em conta o conceito de sustentabilidade, que não se limita apenas à conservação e ao uso responsável dos recursos naturais, inclui também a necessidade de desenvolver projetos despendendo mesmos recursos, com implantação e manutenção suficientes e devidamente integrados à cidade para viabilizar um empreendimento socialmente interessante.

Portanto, entende-se que, para o bem-estar dos beneficiários dos programas habitacionais, a autogestão e a sustentabilidade devem estar aliadas à realização de projetos socialmente interessantes, com assistência técnica na área de arquitetura, urbanismo e tecnologia.

Segundo Leonardo Boff (1999), o conceito de sustentabilidade refere-se à capacidade de um indivíduo ou grupo de indivíduos de viver no meio ambiente sem causar efeitos negativos sobre ele, satisfazendo suas necessidades sem pôr em risco a natureza e sem ferir direitos – as necessidades das gerações futuras para satisfazer as suas próprias necessidades. Além disso, reduz a desigualdade social, amplia direitos e garante o acesso a serviços básicos como educação e saúde, possibilitando pleno acesso à cidadania.

O conceito amplo de sustentabilidade detém oito dimensões, são elas:

- a) Educação: troca de aprendizados e experiências que trazem crescimento pessoal e coletivo (todos são considerados alunos e professores);
- b) Saúde: garantir a saúde e o bem-estar através de uma alimentação equilibrada, exercícios diários, momentos de lazer e diversão, contato com a arte e a natureza;
- c) Economia: incentivo ao desenvolvimento de projetos que gerem renda para os membros da comunidade ou que sejam uma alternativa de moeda ou sistema de troca de serviços. Escolha sempre por serviços que não poluam o meio ambiente;
- d) Política: exercício da democracia e dos direitos humanos. Para isso, cada comunidade deve ser ouvida. É necessário perceber a importância do trabalho em equipe, criar inclusão social e decisão unânime.
- e) Comunicação: desenvolver habilidades de comunicação em várias escalas: comunicação interna, interpessoal, intergrupar, interinstitucional – entre a comunidade e organizações como a Organização das Nações Unidas (ONU);
- f) Cultura: lições intergeracionais e flexibilidade para se adaptar às mudanças internas. A cultura da comunidade é preservada ao longo do tempo apenas com o apoio de todos e a promoção de atividades artísticas (pintura, música, teatro, dança, tecelagem, artesanato), festas e encontros;

- g) Religiosidade: respeitar e apoiar as pessoas, para que todos possam praticar suas atividades espirituais dentro e fora da comunidade;
- h) Ecologia: proteção dos recursos naturais renováveis e não renováveis, autoprodução e distribuição de alimentos, construção biológica, reciclagem, redução e valorização de resíduos, gerência de água, tratamento ecológico de água e sistemas integrados de energia renovável.

Uma comunidade sustentável é, portanto, aquela que devolve todo ou parte dos recursos utilizados ao meio ambiente e cria bem-estar econômico e social. Isso pode ser feito por meio de mudanças comportamentais, mas sem deixar de valorizar as pessoas, seus jeitos e saberes. Ações, mesmo que simples e de baixo impacto, tornam a sustentabilidade uma realidade tangível e garantem uma qualidade de vida muito mais longa.

A ideia de desenvolvimento econômico como forma de promover o bem-estar da população foi o objetivo das ações de diversos governos, principalmente no pós-guerra. Políticas especiais de desenvolvimento econômico foram criadas para os países pobres na década de 1950, administradas por organizações internacionais recém-criadas para promover o desenvolvimento econômico mundial.

Os programas financiados pelo governo central, desenvolvidos por esses órgãos, destinavam-se a promover o crescimento econômico em países pobres como um meio de “preencher a lacuna” entre eles. No entanto, esses órgãos formularam internamente tais políticas de desenvolvimento econômico com base em considerações técnicas e as impuseram aos países pobres sem considerar os aspectos e as características locais das regiões ou países onde seriam implementadas.

Além disso, essas políticas de desenvolvimento de cima para baixo nesses países se concentraram no crescimento da produção industrial doméstica, deixando para trás outros problemas econômicos e sociais como “[...] a distribuição justa dos frutos do desenvolvimento e a proteção ambiental” (SANTOS, 2002).

Esses programas de desenvolvimento econômico têm recebido críticas de intelectuais, ativistas, *think tanks* de desenvolvimento econômico, entre outros, desde a década de 1960. Tais discussões convergiram para a premissa de que o crescimento econômico tem seus próprios limites, representados por um desequilíbrio entre a disponibilidade de recursos necessários ao desenvolvimento econômico e sua

demanda (REES, 1990), e que o desenvolvimento tecnológico não seria um meio para superar esses limites (DICKSON, 1977).

No entanto, como alerta Santos (2002), a maioria das propostas de desenvolvimento alternativo não ignorava a necessidade de crescimento econômico, mas ele não deveria ser fruto de formulações e recomendações de organismos internacionais. Em vez disso, tais propostas consideram que as iniciativas de crescimento e desenvolvimento econômico devem partir das comunidades locais onde as atividades são realizadas. Nessas propostas de desenvolvimento de cima para baixo, as comunidades se tornariam objetos de desenvolvimento. Assim, as discussões ocorridas nas décadas de 1960 e 1970 foram um marco na construção do referencial teórico para o desenvolvimento do conceito de desenvolvimento sustentável.

Foi no relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, em 1987, que se definiu o conceito desse novo modelo: “Desenvolvimento sustentável é aquele que satisfaz as necessidades atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades” (COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO, 1988). O desenvolvimento em sua multidimensionalidade é motivo de reflexão e ampla discussão, principalmente ao tentar-se entender que esse conceito não é sinônimo de crescimento econômico, embora seja necessário para o desenvolvimento.

Sachs (2004) identifica cinco dimensões prioritárias do desenvolvimento sustentável:

- a) Sustentabilidade social: baseada nas condições de uma boa sociedade. Portanto, visa promover a igualdade, reduzir os diferentes padrões de vida da população e proporcionar melhores condições de vida para todos;
- b) Sustentabilidade financeira: Refere-se à alocação e à gestão mais eficiente dos recursos públicos e privados. Para isso, é necessário superar as condições de endividamento de várias regiões e o fluxo líquido de financiamento, a infelicidade das alternativas, as barreiras dos países industrializados e, finalmente, superar as barreiras de acesso à ciência e à tecnologia;

- c) Sustentabilidade ecológica: é sustentada pela redução do consumo de recursos naturais e da produção de resíduos, aumentando a pesquisa científica e a tecnologia limpa.

Duas outras dimensões são consideradas: sustentabilidade regional e cultural. O desafio é a combinação harmoniosa dessas dimensões, consideradas centrais para a promoção do desenvolvimento sustentável.

Segundo Veiga (2008), até meados da década de 1970, desenvolvimento era considerado sinônimo de crescimento econômico, e alguns autores entendiam que, com o progresso material, as populações “naturalmente” melhoram suas condições de vida. No entanto, verificou-se que o forte crescimento econômico não se refletiu diretamente na distribuição de renda e nas condições de vida dignas para todos. Essa limitação levou as Nações Unidas a incluir indicadores de saúde e educação ao lado do indicador de renda *per capita* tradicionalmente utilizado para medir o desenvolvimento nacional, resultando no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Compreendeu-se que o conceito de desenvolvimento necessita de valores que se relacionam não só com a dinâmica econômica, mas também com a dinâmica social. Assim, o desenvolvimento, que antes era visto como crescimento econômico, seguido de padrões de vida e bem-estar dos cidadãos, passou a exigir mudanças estruturais na economia (SANDRONI, 1994) e o fortalecimento das possibilidades de cada região respeitando suas especificidades.

A crise ambiental colocou em questão os paradigmas dominantes que impulsionam o crescimento econômico e negam a natureza. A apropriação sucessiva dessa crescente preocupação coloca diversos setores que na década de 1980 começam a ser incluídos no sistema econômico, debate que atingiu a sociedade civil, o Estado e o mercado. No entanto, Leis (1996) sugere que a questão ambiental não parou sob o viés econômico, caso contrário esse movimento não se tornaria um movimento vital. O mesmo autor define muito bem essa realidade: seria ingênuo não entender que nas últimas décadas a política ambiental recebeu forte influência e participação de partidos políticos e econômicos, característicos daqueles orientados para a busca de valores tradicionais e práticas de poder e riqueza, não correndo sério risco de colonização e perda de vitalidade.

As décadas de 1960 e 1970 – caracterizadas por contribuições de cientistas e organizações não governamentais – foram pautadas por valores e práticas mais

baseadas na solidariedade e na cooperação, diferindo das perspectivas mercadológicas ou políticas. No entanto, a natureza multifacetada dessa questão exige a participação em um campo religioso caracterizado pela valorização espiritual, segundo Leis (1996). É nesse sentido que, desde a Rio-92, o envolvimento desse setor no assunto em discussão tem aumentado (LEIS, 1996).

Nesse sentido, a participação do mundo empresarial na disputa dessa agenda torna-se preocupante, pois penetrou no sistema privilegiado da propriedade privada do capital, e sua atividade geralmente termina com um motivo econômico. No caso específico deste trabalho, que aborda a autogestão na produção de HIS, portanto em um processo organizativo sem fins lucrativos, é importante entender como esse tema se entrelaça com a gestão para saber se existe ou não uma ponte entre o discurso da sustentabilidade e sua efetividade.

Leff (2001) discute o conceito de desenvolvimento sustentável, referindo-se à rejeição de algumas estratégias de ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável. O autor afirma que, nesse processo de mudança, a visão crítica e transformadora do ecodesenvolvimento dissipou seu potencial. O esforço de mudança visava criar um conceito que fosse capaz de “esverdear a economia” e, pelo menos em teoria, permitir o crescimento econômico e a conservação.

Essa questão ambiental – uma crítica factual ao atual sistema de exploração sem precedentes que representa uma crise do paradigma moderno e do modelo de desenvolvimento – permitiu que vieses econômicos entrassem nesse debate. O discurso ambiental corporativo cria um certo “conforto” no sentido de associar uma “preocupação” à degradação ambiental. No entanto, esse discurso é cego, ineficaz e paliativo na medida em que nega a crise socioambiental ou pelo menos tenta corrigi-la com a ajuda da lógica econômica. Então surge a pergunta: desenvolvimento sustentável significa explorar a natureza e tornar o sistema econômico mais verde? Raynaut (2002) propõe a seguinte questão sobre sustentabilidade: sustentabilidade para quem?

Leff (2001) diz que o desmantelamento da racionalidade capitalista exige a construção de outra racionalidade social. O autor afirma que lógicas opostas são encontradas nas práticas de apropriação e transformação da natureza: uso capitalista dos recursos, racionalidade ecológica das práticas produtivas e os estilos de uso de natureza étnica.

O autor propõe uma construção da racionalidade ambiental que trata das questões sociais e ambientais por meio da articulação de quatro esferas: substantiva, teórica, instrumental e cultural. Essa racionalidade proposta pelo autor é fruto de interesses e práticas sociais que articulam, dão sentido e organizam socialmente o ambiente, por meio de diretrizes ou determinadas regras socialmente construídas.

O conhecimento ambiental é formado pela construção de uma racionalidade ambiental que desmonta a racionalidade capitalista. Neste trabalho, o tema do desenvolvimento sustentável é considerado relevante na medida em que extrapola o senso comum para compreender a articulação harmoniosa de suas diversas dimensões. A proposta baseada no desenvolvimento sustentável e na governança com viés mais crítico serviu de base para o trabalho conjunto e principalmente para esta pesquisa, pois nos ajudou a compreender as propostas de anti-hegemônicos ou alternativas ao modelo hegemônico, o que é bastante importante para a economia solidária.

Leff (2001) definiu sustentabilidade como “[...] que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades”. Portanto, o conceito de sustentabilidade está incluído neste documento derivado será lançado Para alcançar esta sustentabilidade, o relatório propõe a implementação de uma série de medidas: a) retardar o crescimento da população; b) produção e distribuição de alimentos; c) proteção ambiental; d) racionalização do consumo de energia; e) produção industrial adaptados às tecnologias limpas e renováveis e fontes de energia f) controle da urbanização g) satisfação das necessidades básicas da população pobre (BRÜSEKE, 1996). O relatório também discutia que esses recursos deveriam fazer parte das ferramentas de políticas públicas, bem como todos os países e organizações internacionais que apoiam o desenvolvimento, como as Nações Unidas.

Assim, apesar de o conceito de sustentabilidade propor a ideia de uma relação pacífica entre a sociedade e a natureza, apresentou deficiências na implementação, pois permitiu diferentes entendimentos e não mostrou com clareza como os objetivos propostos seriam alcançados.

Segundo Wheeler (2000), a aplicação prática desse conceito requer um profundo conhecimento dos sistemas sociais, econômicos e ambientais da população envolvida, assim como das relações entre esses sistemas. Por outro lado, do ponto

de vista de Souza (2000), o problema da proposta de sustentabilidade não estava apenas na forma de sua implementação, mas também em seu conceito.

Outro ponto relacionado à sustentabilidade, discutido na literatura estudada (SACHS, 2004; RATTNER, 2009; CAPRA, 2002), refere-se à própria definição do termo, que é considerado vago e superficial. Esses autores partem das seguintes questões: a) o que você quer apoiar? b) desenvolvimento sustentável para quem (quais grupos sociais)? c) quais são as gerações futuras?

Esses estudos mostram a natureza polissêmica do conceito, uma vez que, ao deixar alguns significados obscuros, possibilita diferentes entendimentos que podem variar desde um possível crescimento econômico atrelado a benefícios sociais, políticos e ecológicos, até uma visão reducionista de crescimento econômico e variáveis. Apesar dos problemas, a mesma literatura concorda que a proposta do Relatório Brundtland sobre o conceito de desenvolvimento sustentável foi um marco nos debates sobre o crescimento econômico relacionado aos fatores referentes a esse crescimento – políticos, sociais, culturais e tecnológicos e ambiente.

Assim, o conceito de desenvolvimento sustentável, originalmente associado à esfera ambiental, torna-se abrangente e representa um conjunto de situações interligadas originadas de outras esferas, como econômica, política, social e cultural. Portanto, no início deste século, o termo passou a ser utilizado de diferentes formas e em diferentes grupos sociais, cujo significado se baseava nos valores que esses grupos realmente tinham.

Diferentes abordagens de sustentabilidade levaram a diferentes definições que, em alguns casos, tendem a explicar o conceito de forma abrangente e imprecisa. Essas abordagens são dominadas por uma falta de consenso sobre a definição do próprio conceito, levando à sua natureza polissêmica. Assim, o conceito de sustentabilidade, em algumas abordagens, é até mesmo sem sentido e, ao mesmo tempo, dispõe de vários significados, isto é, tem uso generalizado, mas sem sentido.

Apesar das diferenças existentes, Almeida (2002) aponta que há um certo consenso na literatura atual sobre o conceito, principalmente sobre o que este deve representar e quais são suas dimensões representativas. A paciência corresponde, portanto, à qualidade de que qualquer processo, grupo social ou situação deve ser interminável e eterno. É composto por três dimensões inter-relacionadas: econômica, social e ambiental.

A dimensão econômica refere-se à capacidade desse processo, grupo social ou situação de manter sua renda ou desempenho financeiro inalterado ao longo do tempo. No entanto, o sustento financeiro não é representado apenas pelo recebimento constante de receitas financeiras isoladamente, mas está em consonância com os aspectos sociais e ambientais (ALMEIDA, 2002).

A dimensão social refere-se à preservação ou melhoria das condições sociais dos interessados, sozinhos ou em conjunto. Segundo Sachs (2004), o objetivo dessa dimensão é criar oportunidades iguais para a obtenção de bens e serviços socialmente disponíveis de forma democrática e autônoma.

A dimensão ambiental refere-se ao uso racional dos recursos naturais existentes, levando em consideração seu impacto na qualidade, quantidade disponível e possibilidade de renovação (BARBIER, 1993).

Assim, o conceito de sustentabilidade em suas dimensões está voltado para questões relacionadas ao crescimento da produção de *commodities* por meio do uso efetivo dos recursos disponíveis para promover a igualdade social.

Portanto, o conceito não contém uma visão geral das regras básicas do modo de produção capitalista, muito menos das relações de produção criadas dentro dele. Em contrapartida, sugere adaptar este método de produção aos limites impostos à quantidade de recursos utilizados para a produção. Por meio do uso “efetivo” desses recursos, o conceito vê esse aumento na produção como natural e necessário.

No entanto, a adoção e a disseminação do conceito de desenvolvimento sustentável trouxeram à pauta o debate sobre os valores e práticas adotados pelo estilo de vida atual, baseado no consumo de bens que sustentam a política de crescimento da produção e que se dá por meio de técnicas de produção que liberam resíduos altamente poluentes. Também destaca a desigualdade social por meio da homogeneização do consumo de produtos e do descaso das características tradicionais e culturais dos diferentes lugares como resultado desse modelo de produção.

Para esta dissertação, entende-se a sustentabilidade num modelo mais alternativo, portanto, anti-hegemônico – e, nesse sentido, é preciso mostrar a base teórica que embasou e direcionou o trabalho, como alternativa para analisar a vida e suas diferentes dimensões. Nas últimas décadas, o tema “sustentabilidade” tem assumido um papel preponderante com a crescente preocupação com os problemas

ambientais, que têm sido gradativamente destacados por diversas entidades, indivíduos, governos, organizações, entidades da sociedade civil.

4 QUESTIONAMENTOS E PROBABILIDADES

O modo de pensar questionador deixa em aberto pensamentos e dúvidas; sendo assim, esta dissertação não compreende uma conclusão final. O fato de ser uma obra aberta faz com que possamos questionar conceitos básicos aqui discutidos, pois a cada momento surge uma possibilidade nova de correlação e entendimento.

4.1 O QUE É DESENVOLVIMENTO?

A sociedade humana, no estágio da civilização atual, é dividida entre campo e meio urbano. Ficam evidentes as relações entre esses dois meios, sendo que a zona rural fornece à zona urbana parte da sua produção e a zona urbana fornece seus serviços e/ou produtos. A divisão de classes sociais não é tão facilmente enxergada (SINGER, 1995); há uma estrutura social explícita, mas a classe fica escondida, e só é percebida caso haja um enfrentamento global de classes, fazendo com que sejam realmente expostas, segundo Singer (1995).

Durante o desenvolvimento da sociedade, a relação entre as classes é o que faz o processo de evolução da sociedade, definindo sua interrelação (SINGER, 1995). O desenvolvimento parece ser incapaz de existir enquanto houver iniquidades, pobreza e injustiça, mas a ideia de desenvolvimento em um viés capitalista parece ser algo irrecusável (SOUZA, 2006). O mesmo autor, que escreve se baseando em um olhar para regiões ocidentalizadas, explica que esse desenvolvimento só faz sentido com a expansão do capitalismo adjunto da globalização. Mas qual é o real desenvolvimento? Desenvolvimento é um processo infinito, por buscar superação de injustiças e conquista de autonomia (SOUZA, 2006).

Para além do desenvolvimento, devemos tentar compreender o espaço. De um modo mais abstrato, o exterior e o interior de um indivíduo formam uma dialética desmembrada cuja geometria aparente nos cega quando a trazemos para o reino da metáfora. Há uma clareza crítica da dialética sim-não que tudo determina (BACHELARD, 1989).

A relevância do espaço tem sido subestimada tanto por capitalistas quanto por seus opositores. Assim, parece que só ganha notoriedade quando está intrínseco em outros conceitos, por exemplo, o espaço natural ou o espaço econômico (SOUZA,

2006). O desenvolvimento se relaciona diretamente ao espaço social, pois este é um condicionante às relações sociais e possui inúmeras camadas, e todas elas fazem parte do processo de desenvolvimento. As relações de poder, de processos geológicos e territorialidade são exemplos dessas camadas do espaço social, segundo Souza (2006).

Torna-se importante falar sobre desenvolvimento socioespacial, devido a todo um entorno de debate sobre a consciência da dimensão espacial. Isso se refere não apenas ao desenvolvimento do espaço social, mas também à mudança das relações sociais. O desenvolvimento então é a mudança para melhor, podendo ser ou não predefinida; mesmo que baseada em valores e ou movida por desejos conscientes, é uma busca constante por mais justiça social e melhor qualidade de vida baseada na autonomia individual e coletiva, sendo essa autonomia um horizonte estratégico de ações e pensamentos (SOUZA, 2006).

Para além do desenvolvimento socioespacial, alguns autores se utilizam do desenvolvimento urbano, querendo assim adentrar mais profundamente no papel da cidade. Esse conceito parece querer mostrar a fisicalidade das cidades, sua expansão urbana, sua apropriação do espaço vertical, e parece deixar à margem as ideias de proteção ambiental e ecologia. Há uma divergência do termo entre alguns autores, mas parece sempre estar pautado pelo viés do autor (SOUZA, 2006).

4.2 QUANTO VALE A TERRA?

Toda a riqueza está envolvida no trabalho e na terra. A terra em estado virgem é o objeto primário do trabalho humano, sendo a condição original de todo tido de produção, e provedora, por meio da natureza, de um infinito potencial de uso (HARVEY, 1982). Já o valor só passa a existir em relação ao modo de produção do capitalismo. Assim, a terra se torna uma mercadoria, podendo ser vendida, ou até alienada.

A quantidade de terra existente no planeta não pode ser aumentada, mas essa terra pode ser considerada reprodutível, já que nela podem-se abrigar fábricas, indústrias, prédios etc. Ainda segundo Harvey (1982), a agricultura pode ser encarada de um modo diferente em relação ao valor da terra: o solo não só fornece um depósito de nutrientes – que podem ser transformados em alimentos e matérias-primas de

todos os tipos através do cultivo de plantas e gado – mas também serve de ferramenta ou meio de produção. O próprio solo faz parte da produção.

Existe também uma especulação, assim a terra tem um valor mesmo que esta não seja o produto de trabalho humano. Os valores de uso na terra e sobre a terra são dados gratuitamente pela natureza e variam muito em quantidade e qualidade. Portanto, a produtividade material do trabalho varia com as condições naturais que são monopólios. Harvey avança quando a terra passa de uma força natural para um capital fundiário, retificando mais ainda o seu valor.

A divisão de cidade e campo promove uma divisão também nos meios de percebermos o valor da terra. O campo se constitui de atividades primárias, agricultura e extrativismo, que não ocorrem na cidade em sua maioria; assim, a terra nos mostra a divisão de trabalho existente. Essas atividades são incompatíveis com a ocupação mais densa existente nas cidades, pois requerem, em sua grande parte, uma extensa ocupação do solo (SINGER, 1995).

Assim sendo, a cidade nunca se tornará autossuficiente, por sempre depender das atividades primárias do campo. Já o campo consegue ser economicamente autossuficiente a princípio, portanto, só depende da cidade a partir do momento em que esta detém um grau de especialização dentro das suas atividades. Logo, segundo Singer, configuram-se dois modos de organização diferentes da vida social. A relação entre cidade e campo foi mudando ao longo do tempo, sendo pacífica ou conflituosa, o que norteava essas mudanças eram os modos de produção juntamente com os momentos históricos (LEVEBVRE, 2001).

Na atualidade, segundo o mesmo autor, a cidade se torna o centro de poder e exploração, e passa a dominar o campo; ela penetra no campo tirando dele os elementos tradicionais. O tecido urbano (como uma teia) absorve o campo, mas não a ponto do desaparecimento, e sim de atenuar a oposição cidade-campo e acentua a oposição urbanidade-ruralidade.

De acordo com Fernando Furtado, o termo “mais-valia fundiária” está diretamente relacionado ao “valor da terra” e à “renda fundiária”. Entendendo isso, podemos perceber as controvérsias sobre o uso demasiado dessa expressão, que corresponde ao termo “renda econômica da terra”, chamada assim também por publicações especializadas. Se toda a “renda econômica da terra”, ou todo o “valor da terra”, é “mais-valia fundiária”, toda a “renda econômica da terra” está sujeita a ser

recuperada pela comunidade existente. Nesse sentido, qualquer parcela do “valor da terra” de um local é passível de resgate, seja ele relativo à mais-valia acumulada no passado, seja à mais-valia potencial que advenha no futuro.

Assim, qualquer crédito ou encargo fundiário, mesmo que parcial, pode ser entendido como meio de arrecadação de lucros fundiários, ampliando assim a gama de instrumentos a serem considerados. No entanto, essa interpretação – que tem importantes implicações para a formulação da política de arrecadação fundiária e para a consideração e desenho dos instrumentos utilizados para a implementação dessa política – não é a única interpretação possível da expressão “mais-valia fundiária”. Esse termo gera novos termos ainda mais específicos e atuais, acarretando mais debates e estudos.

4.3 CANTEIRO

Antes de adentrar o debate propriamente dito sobre as nuances do canteiro de obra, é importante lembrar que esta pesquisa vem acompanhada de uma obra literária que faz do canteiro um lugar de socialização no decorrer do dia de trabalho.

[...] pega a batata! — é sempre boa! — suco de groselha, tem mais açúcar nesse suco do que em toda a fábrica da União. — não vi não, mas na rádio falou que jogou bem. — o cara é craque, eu falo com você. — pra seleção não tem como ir jogando no Brasil. — também acho! — agora sim a gente concorda! — eu tenho uma reunião às 13h com o doutor Fernando. — estamos aqui, Juninho! — pegou suco não? — vamos olhar rapidinho, você já marcou as modificações que você quer fazer? — não sei o que o doutor Fernando quer comigo não, deve ser algum probleminha em alguma tomada, ou que tem algum apartamento que liberou pra passar a fiação. — você quer que o Juninho vá lá com você? [...] (MORAES, 2022, p. 10-11).

O canteiro de obras era um lugar onde a palavra era o instrumento principal de comunicação entre as pessoas que lá estavam. Imaginava-se que, a partir do momento que o desenho passasse a comandá-lo, o próprio canteiro perderia a autonomia, o que não acontece, pois o “saber fazer” ainda está nas mãos dos operários (FERRO, 1982). No entanto, com o início do estilo gótico, ocorreu uma separação dentro do canteiro de obra, que passou a ter pessoas com expertise em desenhos técnicos e pessoas com expertise na execução desses desenhos. Assim, ocorreu uma dualidade entre o desenhista e o executor, o que também acentuava a diferença de formação entre eles.

Em seu livro, Sérgio Ferro explica conceitos em que a subordinação dos operários na manufatura da construção é somente formal, mas que na indústria se torna real. Até o século XIX nenhuma construção poderia ser feita sem o saber fazer do operário, este tinha a decisão técnica. A industrialização dentro do canteiro deu-se com a utilização do ferro, tanto estruturalmente quanto no concreto armado, mas, ainda assim, os operários se dividem para executar ordens vindas de outros profissionais ou usar seus conhecimentos.

O uso do ferro se torna importante devido aos cálculos estruturais mais precisos, um conhecimento de que os operários não dispunham, e assim o canteiro de obras vai passando de uma subordinação formal para uma subordinação real, fazendo da obra um local de opressão.

Dessa forma, os desenhos dos arquitetos passam a ser algo que os operários não sabiam construir. Alguns detalhes arquitetônicos, em alguns casos, não faziam parte do conceito estrutural do edifício, mas sim do conceito estilístico, como o neoclássico. Sérgio Ferro ainda exemplifica e demonstra como a função do operário foi sendo escanteada e diminuída ao longo do tempo. A elaboração material do espaço passa a ser função da valorização do capital, e não algo técnico (FERRO, 1982).

Embora a industrialização seja tecnicamente possível e uma tendência à livre concorrência, a construção é propositalmente deixada atrasada, porque o valor gerado pelo setor sustenta setores mais avançados e a tendência de redução das margens de lucro não pode ser evitada, assim existindo uma correlação entre precariedade e progresso.

Apesar dos atrasos na produção, a arquitetura moderna, inspirada em técnicas industriais nunca realizadas, consegue aparentar sinais de que houve avanços técnicos (sem haver realmente mudança dentro dos canteiros). Mesmo os arquitetos que defendem os ideais de honestidade construtiva e economia de recursos há muito tempo fantasiam suas aspirações na hora de fazer o projeto, nesse caso executar o desenho propriamente dito. Para Sérgio Ferro (1982), a entrada da arquitetura na modernidade gerou as imensas contradições dentro do canteiro de obra com seus trabalhadores de diferentes especialidades; junto a isso cresce também o movimento em busca da sustentabilidade.

O consumo racional dos materiais (inclusive da água), o ciclo de vida na escolha dos materiais e o uso de energias renováveis são parâmetros a serem

explorados dentro da construção civil. Pensar desenvolvimento sustentável e não pensar na indústria do capital é inconcebível. Vários desdobramentos em relação ao descarte de resíduos são decorrentes de um grande aumento no consumo pós-Segunda Guerra e Revolução Industrial, que acaba transformando pessoas em consumidores desacerbados, gerando assim cada vez mais produtos para serem consumidos (VASCO, 2012).

Historicamente, o capital investe e depõe nos canteiros de obras, e assim a produção (que segue rigorosamente a lógica produtiva exigida por sua composição funcional) é significativamente alterada pela intrusão dos requisitos de tecnologia de controle. Uma produção ideal consiste em reunir vários grupos profissionais em vários departamentos, somando o trabalho de cada um em uma ordem de etapas, ou produzir componentes para outras equipes, trabalhando juntos, sendo assim, uma manufatura heterogênea ou serial (FERRO, 2021). A subordinação do trabalho, teorizado por Marx, é basicamente a integração da ciência e da tecnologia na produção.

Na construção, a mecanização da produção coloca um problema: sua produção deve continuar apesar do uso de algumas máquinas auxiliares. Segundo Ferro (1982), Marx diz que, como a construção emprega uma quantidade de trabalho muito maior do que a mobilizada pela indústria, em decorrência disso haveria uma queda de lucro. A importância da construção para manter o capitalismo é enorme, pois passa por um sistema tecnicamente atrasado, e o produto gerado promove um grande acúmulo de capital. Surge então um obstáculo econômico para a construção: esta não pode subjugar, com a mecanização, mas também não pode continuar dependendo do conhecimento dos trabalhadores. Como solução, o uso da madeira e da pedra é trocado pelo uso de ferro e do concreto (FERRO, 1982).

Ainda segundo Sergio Ferro, o concreto armado e o ferro vêm sendo usados acintosamente. O lucro do capital resultante da utilização de ferro em vez de madeira, (além da possibilidade de contornar greves que ainda não se formaram), inicialmente, permanecerá limitado. A sua utilização concentra-se em edifícios associados ao capital permanente, aquela parte do capital que não gera mais-valia (valor acrescentado imediato ao industrial) e, por isso, deve ser reduzida ao máximo, apesar de o progresso tecnológico exigir máquinas cada vez mais caras.

No caso do concreto, as vantagens para o capital começaram a chamar a atenção na virada do século e não se limitaram à diminuição de custos. O mais importante é que não existe um saber fazer acumulado, uma tradição artesanal do trabalhador do sindicato envolvido em sua fabricação. O trabalhador não tem que executar esse serviço do concreto, diferente do trabalho em pedra e madeira.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa tem como foco entender a autogestão como método de organização construtiva, para que seja possível a execução de Habitações de Interesse Social (HIS) de um modo humanizado. Pretendeu-se demonstrar os desdobramentos históricos decorridos por conta desse método construtivo abordado na pesquisa, sua relevância para os moradores de baixa renda e sua relação com a construção do espaço.

As experiências acumuladas por vários autores aqui citados demonstram que a adoção de políticas descentralizadoras maximiza as possibilidades e que as políticas públicas têm um papel fundamental para a HIS. Nunca é demais lembrar o peso e o significado desses problemas, uma vez que há um desafiador cenário globalizado; a autogestão faz parte de um processo de gerenciamento e participação de todos, e o aumento do diálogo entre os diferentes setores produtivos mostra situações atípicas decorrentes dos paradigmas corporativos, este sendo o capital.

O déficit habitacional se entrelaça às HIS, pois é, literalmente, uma corrida para tentar suprir a necessidade de moradia. O governo implementou muitos planos para tentar resolver os problemas habitacionais e, apesar dos resultados alcançados por tais políticas ao longo dos anos, o número de famílias que sofrem com a falta de moradia ainda é alto no país.

A população que busca essa moradia caracteriza-se por ser herdeira de escravos e de trabalhadores servis. Por estarem excluídos do mercado imobiliário, foram obrigados a viver em cortiços urbanos ou em aglomerados. Por outro lado, o trabalho se estende por uma obra literária, que representa um canteiro de obra fictício, indo para além da pesquisa formal.

Sendo assim, a pesquisa é uma contribuição para que essa discussão possa ser feita para além da classe acadêmica, tentando agregar agentes ao debate para uma sociedade mais justa e sustentável.

REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva. **A economia Brasileira 1930-1964**. Rio de Janeiro: Departamento de Economia, PUC-RIO, 2009.

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Denesi. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBIER, E.B. **Economics and ecology: new frontiers and sustainable development**. Londres: Chapman and Hall, 1993.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BONDUKI, Nabil. Do Projeto Moradia ao Programa Minha Casa, Minha Vida. **Teoria e Debate**, [s. l.], n. 82, p. 8-14, mai./jun. 2009.

BONDUKI, Nabil. **Habitação e autogestão: construindo territórios de utopia**. Rio de Janeiro: Fase, 1992.

BONDUKI, Nabil. **Os pioneiros da habitação social no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014. v. 1.

BRÜSEKE, F. J. Desestruturação e desenvolvimento. *In*: FERREIRA, L. C.; VIOLA, E. (org.). **Incertezas de sustentabilidade na globalização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

BURGUIÈRE, Elsa; GHILARDI, Flavio Henrique; HUGUENIN, João Paulo Oliveira; KOKUDAI, Sandra; SILVA, Valério da. **Produção social na moradia no Brasil: panorama recente e trilhas para práticas autogestionárias**. Rio de Janeiro: Letra Capital Ed., 2016. v. 1.

CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CARDOSO, Adauto Lucio. **O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2013.

CONTI, Alfio. A política de intervenção nos assentamentos informais em Belo Horizonte nas décadas de 1980 e 1990 e o "Plano Global Específico". **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, Belo Horizonte, v. 11, n. 12, p. 189-216, dez. 2004.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. [S. l.]: Edition Champ Livre. 1967.

DICKSON, D. **Tecnologia alternativa**. Madri: H. Blume Ediciones, 1977.

FARIA, J. H. **Economia política do poder: fundamentos**. Curitiba: Juruá Editora, 2005.

FERREIRA, Andresa Rosa. **Programa de Combate ao Déficit Habitacional Brasileiro**. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

FERREIRA, Regina F. C. F. **Autogestão e Habitação: entre a utopia e o mercado**. 2014. 219 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

FERRO, Sergio. **O Canteiro e o desenho**. 2. ed. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1982.

FERRO, Sergio. **O concreto como arma: considerações a partir do canteiro**. [S. l.]: Reading Group April, 2021

FREHSE, Fraya. Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 169-184, 2001.

FREITAS, Carlos Alberto Chamone de. **Sistemas Construtivos para Habitação Populares**. Monografia (Especialização da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais). Curso de especialização em Construção Civil. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

GONÇALVES, W. A. **A nova lei de falências e as empresas recuperadas sob o sistema da autogestão**. Brasília, DF: IPEA, 2005. Série Mercado de Trabalho, 28.

HARVEY, David. **Os limites do capital**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo; Boitempo, 1982.

GOMES, Irene; RENAUX, Pedro Nova proposta de classificação territorial mostra um Brasil menos urbano. **Agência IBGE Notícias**, Rio de Janeiro, 15 jan. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15007-nova-proposta-de-classificacao-territorial-mostra-um-brasil-menos-urbano> Acesso em: 14 jan. 2020.

KAGAN, Sacha. **Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity**. Bielefeld: Trascript Verlag, 2011.

LEFEBVRE, Henri **De lo rural a lo urbano**. Tradução de Jávier González-Pueyo. Barcelona: Península, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo; Centauro, 2001

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LEITE, Giovana Rocha. **Participação Popular, Autogestão e Desenvolvimento Urbano**. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, [s. l.], v. 16, n. 18+19, p. 122-132, 2009.

LEIS, Héctor. **O Labirinto**: ensaios sobre o ambientalismo e globalização. São Paulo: Gaia; Blumenau: Fundação Universidade de Blumenau, 1996.

LUZ, C. E. A segregação socioespacial urbana em Cornélio Procópio (PR) a partir do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre. **Revista Formação**, [s. l.], v. 29, n. 54, p. 225-252, 2022.

MARICATO, Ermínia. **A Produção Capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. 1. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.

NOBRE, M. Desenvolvimento sustentável: origens e significado atual. *In*: NOBRE, M. e AMAZONAS, M. C. (org.). **Desenvolvimento sustentável**: a institucionalização de um conceito. Brasília, DF: IBAMA, 2002.

OLIVEIRA, Cirlei Terezinha Teixeira. **A implantação de políticas públicas habitacionais**: o caso do Programa de Subsídio à Habitação de Interesse Social (PSH) no Rio Grande do Sul. 2011. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Viviane Ferreira de; SANTOS, Milton. Do BNH ao Minha Casa Minha Vida: Mudanças e permanências na Política Habitacional. **Caminhos da Geografia**, [s. l.], v. 15, n. 50, 2014

ORTIGOZA, S. A. G. As possibilidades de aplicação do método de análise regressivo-progressivo de Henri Lefebvre na Geografia Urbana. *In*: GODOY, P. R. T. (org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-186.

RATTNER, H. **Sustentabilidade**: uma visão humanista. São Paulo: ABDL, 2004. Disponível em: <http://www.lead.org.br/article/articleview/134/1/97/>. Acesso em: 20 out. 2009.

RAYNAUT, Claude, FERREIRA. Metodologia do diagnóstico interdisciplinar: a construção de um quadro de trabalho comum. *In*: RAYNAUT, C. et al., **Desenvolvimento e meio ambiente**: em busca da interdisciplinaridade. Curitiba: Editora UFPR, 2002. p. 29-42.

REES, J. **Natural resources**: allocation, economics and policy. Londres: Routledge, 1990.

REIS, Antônio Tarcísio da Luz; LAY, Maria Cristina Dias. O projeto da habitação de interesse social e a sustentabilidade social. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 99-119, jul./set. 2010.

ROLNIK, Raquel. **Guerra Dos Lugares**: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

RUBIN, Graziela Rossato; BOLFE, Sandra Ana. O desenvolvimento da habitação social no Brasil. **Revista Ciência e Natura**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 201-213, 2014. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/1602-1487076445.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020.

RYKWERT, Joseph. **A Sedução do Lugar**: a história e o futuro da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SACHS, I. **Desenvolvimento includente, sustentável e sustentado**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia**. São Paulo: Atlas, 1994.

SANTOS, B. S. **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA, Marlon Lima; TOURINHO, Helena Lucia Zagury. O Banco Nacional de Habitação e o Programa Minha Casa Minha Vida: Duas Políticas Habitacionais e Uma Mesma Logica Locacional. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 401-417, nov. 2015.

SINGER, Paul. **A Economia Política da Urbanização**. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1995

SINGER, Paul. **A Economia Solidária no Brasil, A autogestão como resposta ao desemprego**. 2. ed. São Paulo: Contexto 2003.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOUTO, Luiz Antônio; CAMERON, Márcio; CASTRO, Ana Maria. **Autogestão empresarial**: propostas para discussão. Rio de Janeiro: BNDES. mar. 1997.

SOUTO, Luiz Antônio; VALLE, Rogerio; CARVALHO, Maura Lúcia de. Entendendo a Autogestão no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 22., Curitiba, out. 2002 [Anais...] Curitiba, 2002.

SOUZA, C. B. G. A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço da Amazônia. **Confins Revista Franco-Brasileira de Geografia**, n. 5, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes. **A prisão e a Ágora**: Reflexões em Torno da Democratização do Planejamento e da Gestão das Cidades. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 2006.

VASCO, Ana Paula Debastiani. **Autogestão e Sustentabilidade na Cresol de dois Vizinhos – PR**: Uma Possibilidade Alternativa? 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2012.

VEIGA, José Eli da. **O prelúdio do desenvolvimento sustentável**. CAVC, Economia Brasileira: perspectivas do desenvolvimento, p. 243-266, 2008.

VIEIRA, S. G. **O centro vive**. O espetáculo da revalorização do centro de São Paulo: sobrevivência do capitalismo e apropriação do espaço. 2002. 546 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, São Paulo, 2002.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Seminário Internacional: Pesquisa déficit Habitacional e Inadequação de Moradia no Brasil: avanços e desafios**. FJP, 14 set. 2020. Disponível em: http://fjp.mg.gov.br/wp-content/uploads/2020/09/28.9-_Diario-Virtual_SemDH.pdf Acesso em: 14 jun. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DEFESA DA NATUREZA. Educação ambiental: a única ferramenta que pode mudar o mundo. IBDN, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://ibdn.org.br>. Acesso em: 20 set. 2022.

A SOLUÇÃO construtiva para sua casa de madeira. **Reforma Casa de Madeira**, [s. l.], 12 abr. 2019. Disponível em: <https://reformamacademadeira.com.br/construcao-e-revestimento-de-casa-de-madeira/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

WOOD frame. **Green Lar**, [s. l.], c2022. Disponível em: <https://www.greenlar.com.br/produtos/categoria/TVRnME9RPT0=/woodframe>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FIGUEIREDO, Davi Messias Corrêa de. **Viabilidade técnica do sistema construtivo concreto PVC em comparação ao sistema de alvenaria convencional**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Civil) – Centro Universitário de Formiga, Formiga, 2015. Disponível em: <https://repositorioinstitucional.uniformg.edu.br:21074/xmlui/handle/123456789/294>. Acesso em: 12 mar. 2022.

TECNOLOGIA de construção PVC + Concreto. **PVC mais concreto**, [s. l.], c2022. Disponível em: <http://www.pvcmaisconcreto.com.br>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND. **Reconstrução de moradias com concreto PVC – São Luiz do Paraitinga – SP**. São Paulo: ABCP, 6 jan. 2016. Disponível em: <https://abcp.org.br/reconstrucao-de-moradias-com-concreto-pvc-sao-luiz-do-paraitinga-sp/>. Acesso em: 18 mar. 2022.

MINHA CASA, Minha Vida com estrutura metálica. **Talles Projetos de Estrutura Metálicas**, Canoas, c2022. Disponível em: <http://www.tallesprojetos.com.br/inicio/noticia/1/Minha-Casa-Minha-Vida-com-estrutura-met%C3%A1lica>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CÂMARA BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO. [Imagem sem título]. **CBIC**, [s. l.], c2022. Disponível em: <https://cbic.org.br>. Acesso em: 18 mar. 2022.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Financiamento imobiliário**: passos, indexadores e sistemas de amortização. 7. ed. [S. l.]: CEF, nov. 2022. Disponível em: https://www.caixa.gov.br/Downloads/habitacao-documentos-gerais/passos_indexadores_amortizacao.pdf. Acesso em: 18 mar. 2022.

CAPACETES Coloridos. Direção de Paula Constante. São Paulo: USP, 2007. 38 min., NTSC, color. Realizado como Trabalho Final de Graduação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

DUJARDIN, Édouard. **A canção dos loureiros**. Rio de Janeiro: Globo, 1989. Edição original em francês de 1987.

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2016. Coleções Folha. Publicação original de 1925.

SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001**. Regulamenta os arts. 182 e 183 da Constituição Federal, estabelece diretrizes gerais da política urbana e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm. Acesso em: 10 set. 2021.

FERREIRA, Regina Fátima Cordeiro Fonseca. Movimentos de moradia, autogestão e política habitacional no Brasil: do acesso à moradia ao direito à cidade. **AGB Urbana**, [s. l.], 13 dez. 2013. Artigo em pdf. Originalmente apresentado no 2º Fórum de Sociologia “Justiça Social e Democratização”, Buenos Aires, ago. 2012. Disponível em: https://agburbana.files.wordpress.com/2013/12/texto_isa_reginaferreira_port.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

ROSANVALLON, Pierre. **L'âge de l'autogestion**. Paris, Editions du Seuil, 1976.

LIBONI, Maria Therezinha Loddi; PEREIRA, Magali Cecili Surjus. Entre contradições e inovações: a pesquisa de uma empresa de autogestão: o risco da naturalização da realidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26., Salvador, 2002. [Anais...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2002. v. 1.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. Publicação do Relatório Brundtland, da Organização das Nações Unidas, de 1987.

AGÊNCIA IBGE, Rio de Janeiro, c2022. Disponível em:
<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

APÊNDICE A – LIVRO “DIA DE TRABALHO



DIA DE TRABALHO

Adriano Rocha Fiuza Moraes

“A intenção de introduzir a consciência humana na ficção é uma tentativa moderna para analisar a natureza humana [...] Portanto, a consciência é o *lugar* onde tomamos conhecimento da experiência humana.”

*Robert Humphrey*¹

¹ HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência**: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil. 1976. p. 6.

Capítulo 1

nossa senhora, esse café tá muito ruim! — já tô indo, devo chegar em casa as sete! isso se não agarrar no trânsito. o ponto já tá lotado? não é possível!!! — é fila? — você é o último? só o que me faltava; — ela é preferencial! — deixa passar aí, gente boa!!! o rapaz parece que fecha a passagem da senhora de propósito! essa juventude não presta mesmo! — vai que cabe! — cabe todo mundo! tomara que dê tempo. a Preta nem se levanta mais pra me dar tchau. acho que no churrasco eu tinha que ter ficado mais do lado dela, mas aquelas fofoqueiras da rua de baixo só sabem falar mal dos outros. e eu já tinha combinado também de jogar meu truço do fim de semana. ela que tinha que ter ficado do meu lado enquanto eu jogava. eu coloco comida na casa, trabalho igual a um jumento, o que mais que ela quer? acho que aquelas lá da

rua de baixo devem estar colocando minhoca na cabeça da Preta, só pode ser. um bando de mal-amada, ali não se salva uma. é tudo desquitada. — pode fechar, motorista! não sei o que essas mulheres podem ter tanto pra conversar. no churrasco eu também nem reparei o que elas estavam conversando, mas ganhei meu cinquentinha. será que a Preta só conversou com as mulheres? acho que não tenho que me preocupar com isso não. meu ponto já é o próximo, vou andar pra ficar perto da porta. — dá licença... — obrigado... — licença. vai dar tempo! na semana passada ela até falou lá de um rapaz que trabalha com ela, mas também nem sei o nome. não consigo lembrar o que que ela contou, mas lembro que era um homem lá do trabalho dela. e ela contava o caso e dava risada. deve ser besteira minha. a Preta ri de tudo também. eu falei pra ela que não devia ter pego esse trabalho, um bando de gente esnobe. como é o nome do rapaz? acho até que ele estava no churrasco. será que era ele? tinha mesmo um homem conversando lá com elas, mas não era marido de nenhuma das vizinhas. e eu não conversei com ele. acho que nem fui apresentado. ele nem passou lá no truco pra falar nada. acho que não estava bebendo cerveja. mas aquelas lá, todas estavam se divertindo com esse cara, inclusive a Preta. pra conversar com mulher assim, deve ser veado. isso, só pode ser. chegando em casa eu pergunto também quem era esse cara. na verdade, vou mandar mensagem pro Rubão, churrasco na casa dele, ele deve

conhecer todo mundo que foi. o Rubão ficou tão ruim que não seria capaz de reconhecer nem ele mesmo no espelho. a esposa dele estava conversando com esse cara. melhor deixar isso pra lá. não tenho nada que me preocupar com isso não. besteira minha. qualquer coisa eu peço pro Rubão perguntar pra esposa dele. mas também não quero parecer que tô preocupado com isso. eu nem estou preocupado com isso. vou largar isso pra lá. posso também perguntar, assim, bem discretamente, o nome de todos os convidados do churrasco. uma ótima desculpa. falo que não lembro o nome dos caras do truco, acho que vai colar bem. — bom dia, seu Silva. dois minutos! deu tempo! trocar de roupa rápido aqui. — bom dia! — bom dia! — tudo bom com você? — deixa lá na minha mesa. — você precisa disso pra quando? — ótimo então. vou fazer os ajustes que faltam e mando pra você amanhã no final do dia. entrego pra Fátima? — pode ser, sim. — é melhor então a gente sentar e olhar juntos antes de enviar. — combinado. — vai no refeitório? ou no restaurante da outra esquina? — beleza, no almoço a gente alinha isso. será que vou ter que levar isso pra fazer em casa? vou tentar fazer depois do almoço. não deve ser muita coisa não. — fala, Juninho! deu tudo certo ontem? — por quê? — eu falei que pra colocar essas luzes de emergência você tem que colocar uma tomada. — então, qual foi o problema? — mas está na altura que o bombeiro manda? —

andaime pra estuque? explica melhor isso, Juninho. — então ontem não instalou nenhuma luz? o que você ficou fazendo o dia inteiro? — eu vou pra escada então colocar as luzes de emergência e você pega o quadro de distribuição do 801. esse menino ficou à toa, não é possível! não consegue trabalhar por causa de um andaime? um dia perdido por causa disso. aqui nem tem andaime! onde será que o Juninho viu andaime. primeiro vou testar a instalação elétrica aqui da escada de incêndio e depois vou logo instalando essas luzes. não vou falar nada com o Rubão não. bobagem esse negócio do churrasco. a Preta estava se divertindo, dando risada, foi bom pra ela sair um pouco de casa. essa instalação está certinha, só medir certinho aqui por causa da aprovação dos bombeiros e já instalo. uma no patamar e uma no hallzinho. já tem um tempo que a Preta tá diferente. será que foi antes de ela pegar esse trabalho? acho que não tem muito a ver com esse trabalho. foi antes! pode ser por causa do mal-entendido quando a Preta me viu com a prima dela. mas isso ela já perdoou, não deve ser isso. — hein? estou prestando sim, pode falar. — depois do almoço? pra conversar sobre o quê? — obrigado pelo recado. eu vou estar lá às 13h então. — muito obrigado. só faltava essa! eu cheio de serviço e o Fernando querendo reunião de merda comigo. tá de brincadeira. olha o andaime aqui! — ô meu jovem? tudo bom? eu sou da elétrica aqui e tô querendo saber se pode tirar os andaimes pra eu instalar as lâmpadas aqui? — mas

vocês colocaram andaimes em todos os andares? — eu vi que a garagem não tinha, mas lá eu já coloquei as lâmpadas. — não dava pra fazer um andar por vez não? — eu sei, eu também tenho prazo. — é muita poeira, hein! — sim, eu tenho máscara, mas tem algum andar que eu possa ir adiantando meu serviço? — não é possível que eu tenha que parar meu serviço por causa disso. — pois é, o Juninho me falou de ontem. — faz o seguinte, sua equipe entra trabalhando nos andares pares hoje e eu nos ímpares, e amanhã trocamos. — quem é seu chefe? — não tô querendo atrapalhar não, só não posso ficar parado. — ignorância é pouco! — é isso sim, senhor, estou conversando na boa e o senhor tá dificultando as coisas. — não vem com esse papo, que família todo mundo tem! — e eu tenho chefe também igual a você. — vamos ver então! agora tenho que procurar esse empreiteiro aí pra eu conseguir trabalhar. menino sem educação. eu não posso ficar parado, o dia de ontem já foi quase todo perdido. vou na Fátima perguntar se ela conhece esse empreiteiro pra eu conversar com ele. a Preta deve estar assim por causa da viagem. falei pra ela que não ia dar. isso de cancelar em cima da hora deixa qualquer um puto da vida. mas o que que eu podia fazer, tinha que trabalhar naquele feriado. ela sabe que temos conta pra pagar. deve ser por causa da viagem. vou passar no 801 pra ver se o Juninho fez tudo certo. melhor eu ligar pro Rubão na hora do

almoço, aí, dependendo do que ele falar, eu já vou saber mesmo se foi por causa da viagem. — deu certo aí? — agarrou onde? — passou a sonda? — beleza, vou te ajudar a passar isso aqui e depois vamos almoçar então. — eu vi os andaimes lá! — pois é, fiquei puto da vida. — você conhece esse empreiteiro? — pode mandar! — coloca força nisso aí! — chegou aqui! — termina isso aí que só vou passar no quartinho pra deixar as ferramentas e bora almoçar. — isso! deixa o quadro de distribuição pronto! acho que vou falar com a Fátima depois do almoço, porque aí já fico pra reunião. não sei por que o Fernando quer falar comigo, mas boa coisa não é. se o Juninho tiver feito alguma besteira eu vou ficar muito bravo. melhor eu chamar o Juninho pra ir nessa reunião comigo. o problema é que, se ele for, o trabalho vai ficar mais tempo parado e já estamos atrasados. vou guardar tudo aqui, porque quero ir logo almoçar e ainda tenho que discutir o projeto. só falta eu ter que levar serviço pra casa, aí a Preta, que já tá meio brava, não vai nem olhar na minha cara. vou pedir o Rubão pra me passar o telefone da esposa dele. nossa, acho que ia ser muito estranho eu pedir isso. deve ser mesmo por causa da viagem. olha ali o Geraldo, vou sentar lá com ele. — e aí? — pega a batata! — é sempre boa! — suco de groselha, tem mais açúcar nesse suco do que em toda a fábrica da União. — não vi não, mas na rádio falou que jogou bem. — o cara é craque, eu falo com você. — pra seleção não tem como ir jogando no Brasil. — também acho! —

agora sim a gente concorda! — eu tenho uma reunião às 13h com o doutor Fernando. — estamos aqui, Juninho! — pegou suco não? — vamos olhar rapidinho, você já marcou as modificações que você quer fazer? — não sei o que o doutor Fernando quer comigo não, deve ser algum probleminha em alguma tomada, ou que tem algum apartamento que liberou pra passar a fiação. — você quer que o Juninho vá lá com você? — aí depois ele me passa tudo. ia ser bem melhor se o Juninho fosse com o Geraldo, deve ser pouca coisa pra mexer e eu vou só perder tempo lá. cheiro bom. café. — vamos ali pegar um café? lá vem a chatura em pessoa. vou fingir que não tô vendo. passar direto. deu certo. por que tem um monte de gente ali na porta? deve ser vistoria. — oi, seu Silva, o que é isso aí? — mas eles passam assim sem avisar? — entendi, bom serviço aí pro senhor então. — ô Juninho, olha lá com o Geraldo então e depois você me fala se ficou alguma dúvida que eu vou pra reunião lá com o doutor Fernando. se eu tiver que modificar esse projeto eu vou tentar sair antes da obra. ia ser bom chegar em casa mais cedo. fazer uma surpresa pra Preta. nem sei que hora ela sai do trabalho dela. acho que ela sempre chega uns trinta minutos antes de mim. mas eu podia passar na rua de baixo e ver se a turminha da fofoca sabe de alguma coisa. elas iam acabar contando pra Preta que eu passei lá perguntando. posso passar na casa do Rubão e, se a esposa dele tiver lá, ia ser melhor

ainda que aí eu perguntava pra ela. — oi! — tô sim! — tava distraído aqui! — tenho uma reunião marcada com o doutor Fernando as 13h, ele tá almoçando? a porta tá fechada. — obrigado. então vou tentar fazer essa reunião rapidinha. tomara que o Juninho não tenha problemas. o menino tem que aprender a trabalhar sozinho e a resolver as coisas. — oi, eu tô bem sim, e o doutor? — eu realmente não tô sabendo não. — mas como que eu vou seguir com o cronograma se tá cheio de gente trabalhando nos mesmos lugares? — ele vai vir pra cá? — vai ser bom que podemos conversar nós três. o Fernando vem me cobrar sobre cronograma? o que que ele acha que eu tô fazendo? não tenho tempo pra perder na obra não. quanto antes eu acabar isso aqui melhor pra mim! agora tenho que esperar o empreiteiro do estuque pra poder alinhar com ele. e o cara já tá atrasado. aí, ó, tá na cara que o problema é ele e não eu. esse Fernando devia dar graças a... — opa, tudo bom? — então, é que o doutor Fernando tá me falando aqui que eu não tô conseguindo cumprir meu cronograma, mas eu tinha falado pra ele que as escadas estão com andaimes, aí não dá pra eu trabalhar. — o ideal mesmo seria você tirar os andaimes, até falei com seu funcionário que podia tirar de uns andares e depois montava nos outros. — tipo andar par e ímpar, pra gente poder ir trabalhando junto. — eu ia gastar um dia, ou um dia e meio de serviço lá. — eu não entrei antes na escada porque eu estava fazendo a instalação toda de

aterramento. — mas você quer que eu espere quatro dias, e isso, se você conseguir cumprir seu cronograma, pra eu poder mexer lá? — então doutor Fernando, você tá vendo aí, não sou eu que atraso, são esses caras que você contrata que não conseguem conversar pra gente chegar em um meio termo razoável pros dois. — você sim! — não era nem pra você ter montado esses andaimes; se você vai perder um dia de serviço pra desmontar, não é problema meu. folgado. vou falar para o Juninho ficar na escada até eles liberarem. — eu já falei que não tinha como eu entrar antes na escada porque eu estava fazendo o aterramento. — aumentar a equipe? — não posso fazer isso não! — assim eu tomo prejuízo! esse Fernando faz o cronograma todo errado também, não levanta a bunda desse escritório pra olhar a obra e depois ainda fala que fez tudo. melhor eu sair desta sala antes que eu brigue aqui. — faz o seguinte então, doutor Fernando, tenta reorganizar alguma frente de serviço para eu trabalhar, aí eu desloco minha equipe e depois que a escada tiver pronta eu entro lá novamente. — mas esse atraso não é culpa minha. — como que eu ia adiantar o aterramento? — não tinha como, não. falar é fácil demais, esse empreiteiro ainda vai sair por cima? não é possível isso. — beleza, doutor, combinado! obrigado. ele que deveria me agradecer. eu deveria é ter chutado o balde. queria ver o que ele ia arrumar se eu pegasse minhas coisas e largasse tudo

isso aqui. sorte dele que tenho um contratinho assinado e eu não sou moleque de deixar serviço malfeito. vou achar o Juninho e ver com ele o que resolveu do projeto. e depois vou pra casa. esse trabalho coloca a gente doido. não vou nem avisar pra Preta que eu vou antes não. eu podia é ligar pro Rubão, né! ele sempre foi parceiro. quando a Preta caiu da escada, e eu tava no trabalho, ele levou ela no hospital. quando a Preta tava parada ele arrumou aquele bico na lanchonete do posto pra ela. ele sempre ajudou muito a gente. e ele sempre ajudou muito a Preta. ele ajudou até demais a Preta. não é possível. — ô, Juninho, deu certo? — mas ele deixou marcado? — pra que fazer isso? eu falei que não precisava. — está na norma sim! — bom, vamos fazer o seguinte, vou levar o projeto pra casa pra arrumar, e você fica de olho lá na escada. — o doutor Fernando falou que vai abrir uma outra frente de serviço pra não deixar a gente parado. — qual o problema do fosso do elevador? — não estava terminado não? — uma lâmpada de led, aquelas de emergência. — vai pro elevador então, e me dá o projeto aqui. — encontramos amanhã então. — vou resolver essas coisas aqui. — antes de você ir embora passa na sala do doutor Fernando e pergunta pra ele sobre onde é que vamos trabalhar amanhã, tá bom? — beleza então, até amanhã! eu mato o Rubão! e eu aqui achando que era aquele carinha lá do churrasco e a Preta fazendo isso comigo, na minha cara! o pior é o Rubão que eu conheço a mais de dez anos. vou falar é direto

com a esposa dele que eu descobri tudo. será que ela já sabe? no churrasco ela nem ficou tão perto dele assim. será que eles tão brigados? — tchau, seu Silva. até amanhã! — só um pouquinho mais cedo! — vou correr aqui. esse horário o ônibus é vazio. ó o bendito lá. o Rubão me paga. tinha que parar lá na frente? esse horário é bom porque dá pra ir sentado. se eu tivesse o telefone da esposa dele eu já tinha era ligado pra ela. melhor mesmo seria ligar pra ele. se o cara é homem de fazer isso comigo na minha cara, queria só ver o que ele ia falar. quando o cara não presta é assim mesmo! lá no churrasco tava todo amigão comigo, dando a festinha, bancando duas caixas, achando que é o bonzão. vou dar uma enquadrada na Preta. isso sim! quero ouvir da boca dela! vou falar que já sei tudo, mas que quero ouvir da boca dela. — calma aí, motorista! quero chegar vivo! esse aí tá com mais pressa que eu. será que isso tem quanto tempo? será que todo mundo sabe? o Bené sempre fazia umas piadinhas. e ele é desses amigos do Rubão. joga sinuca com ele na sexta. nas quartas de futebol o Bené sempre foi tranquilo comigo, só essas piadinhas que ele faz com todo mundo. mas ele deve saber sim, é grudado no Rubão. o Bené e o Zé dentro. os dois. certeza. mas e se for recente? a Preta tá estranha comigo há quanto tempo? nem sei também. — obrigado, motorista. correr aqui, quero chegar o quanto antes. vou enquadrar a Preta e tirar isso a limpo. a gente não faz isso com os

outros não. isso é uma sacanagem. eu já devo ser chacota no bairro. aquelas lá da rua de baixo devem estar cansadas de falar meu nome. esqueci o projeto no ônibus! não é possível, e já estava todo marcado pelo Geraldo! vou ligar na linha de ônibus, pra ver se alguém pegou e ficou guardado lá no ponto final! não é possível isso! o Geraldo vai me matar. janela fechada. ela não deve ter chegado do trabalho ainda não. — Preta?!? — já chegou?!? — eu cheguei antes! ninguém. vou passar um café aqui e vou esperar pra gente conversar! como se tivesse tudo bem, tudo tranquilo. eu aqui fazendo um lanche, esperando ela. nem sei que hora ela costuma chegar. eu mato o Rubão. odeio pão de forma. a esposa dele vai matar ele. cadê as coisas da Preta? armário vazio? que isso? onde ela foi? vou ligar pra ela agora! — atende, Preta! — atende!

Capítulo 02

— bom dia, meu bem! — nossa, já fez o café? que maravilha. — vou sair antes sim. — que hora você vai chegar em casa? — eu já vou ter chegado então. — vou levar esses biscoitinhos! adoro biscoito de nata. — beijo, gatão, fui! tomara que o carro não atrase. não gosto de ficar aqui na rua sozinho. ainda mais a essa hora da manhã. — opa! — bom dia, gente! — aperta aí, não tá me cabendo não! sempre o Leandro, folgado. hoje não quero ficar até tarde não, dependendo da hora, eu vou voltar de ônibus mesmo. acho que tem um metrô que passa lá, mas nunca peguei. qualquer coisa eu pergunto para o senhor Silva. ele deve saber. a função dele é ficar olhando a rua, com certeza ele deve saber. ele deveria saber pelo menos. as meninas da limpeza sabem com certeza. aquelas sabem de tudo. até do que não deveriam saber. — tem

uma vaga ali, ó! — perto do caminhãozinho. — mas aqui tá longe. eu mostrei a vaga, mas ele quer parar longe, então ele para, né. não vou falar nada. mas já falei na verdade. — ali a vaga que eu falei. bem mais perto. — bom dia, senhor Silva. — tô bem sim, e o senhor? — você viu? — pois é, tô doido pra ver aquilo tudo lá terminado! o senhor Silva é um batalhador. nessa idade ainda trabalha no mutirão nos finais de semana. — isso tudo é batata? — mas hoje não é sexta-feira? lá vem o Leandro mudando o cardápio. — o pessoal não vai reclamar não? — descasco sem problema! eu não corro de trabalho não. se na sexta-feira não tiver batata esse povo vai reclamar com certeza. — pode deixar, eu faço sim. — você quer ajuda na salada? — só ralar? — lógico que ajudo. o bom de começar a trabalhar bem cedinho é que dá pra sair antes de todo mundo. — liga a música aí, Leandro — quem reclamou? nossa, oh, velho chato. não pode nem escutar música enquanto trabalha. deve ser um mal-amado — aquela faca tá aí! é muito arroz e muito feijão. — na outra bancada! qual o motivo de alguém implicar com a música? garanto que se eu colocar um louvor pra tocar aqui ninguém fala nada. — pega aí o ralador, por favor? — esse mesmo! — tem problema não, dona Maria, lógico que eu ajudo. tão lindinha! ela parece aquelas avós das novelas. — vai ficar uma delícia, com certeza! não tá acendendo. — o gás aqui, Leandro! — acho que tem que trocar sim. — tá lá no segundo subsolo. — tem um novo lá sim, mas tem que lembrar de comprar

gás. — não posso não, vou ajudar a dona Maria aqui, corre lá você. folgado esse Leandro. — funcionou, dona Maria? — o Leandro já foi lá. foi à toa. sempre acho que é muita comida e sempre acaba tudo. — ô Leandro, dona Maria conseguiu acender o fogo aqui, não era gás não. bem-feito, mas coitado. carregar um botijão de gás por dois andares de escada não é fácil. — eu coloco ele lá de volta, depois de lavar as bandejas. — eu coloco a panela lá, dona Maria. — é bem pesado pra senhora. pronto. agora é só servir. — olá. — bom apetite. — tudo bom? — oi — mais batata? — bom apetite — tudo bom? — suco? — olá. — suco? — tudo bom? que correria. todo mundo gosta de pegar a comida quente. — oi, Vera. — suco? — o seu marido foi hoje no mutirão? — ele é sempre prestativo, né? — bom apetite. — oi. — suco? — bom apetite. — tudo bom? — oi — batata? — bom apetite — tudo bom? — suco? esse marido da Vera tá doido pra mudar para o apartamento. ele tá certo. eu também não vejo a hora. — ela chama Vera, é amiga minha. — lá do mutirão, Leandro. — isso, ela e o marido dela, o Tico. — eles são muito empenhados lá. — eu e meu marido também somos, mas a gente só pode ir no sábado e no domingo. — ele é carpinteiro, mas lá no mutirão todo mundo faz o que tiver que fazer. — eu gosto, sim, tô construindo algo que vai ser meu. — você acha que teria condições de comprar um apartamento dessa construtora aqui? — e imagina o

lucro dela. — lá no mutirão é o preço do material e a ajuda de todo mundo. — para, Leandro. — tô falando sério. — foi você que perguntou. acho que ele se arrependeu de não ter entrado na época. mas eu nem sei como é agora pra entrar em um grupo desses. cada mudança de governo muda tudo. — tudo bom? — oi — batata? — bom apetite — tudo bom? — suco? — tudo bom? — quer ajuda, dona Maria? essa é uma santa, viu! — deixa que eu pego. melhor já começar a organizar as coisas aqui. — eu vou começando a lavar as coisas. — pega lá pra mim, Leandro. vai chegando a hora de ir arrumando pra ir embora, o Leandro começa a trabalhar. — pode deixar, dona Maria, descansa um pouquinho. eu lavo muito mais rápido mesmo. esse povo todo devia ter entrado no mutirão. os apartamentos são na periferia, mas com o tempo já vai ter ônibus. com certeza eles vão colocar ônibus lá. acho que aquela casa é da dona Maria, mas os filhos dela tinham que ter entrado no mutirão. uns homens feitos morando nos fundos da casa da mãe. eles que sabem. eu e o gatão vamos ter nosso cantinho. — você vai lá embaixo, Leandro? — aproveita e leva esse botijão de gás. — mas você já tá indo mesmo. — anda, leva logo. — você almoçou, dona Maria? — que bom que a senhora gostou. eu tenho que colocar menos tempero na comida. pode ter alguém que não pode com sal, ou alérgico a alho. — mas o suco sempre fica meio ruim mesmo. — não sei o porquê. eu nem bebo esse negócio aí não. isso nem é suco. uma

gelatina aguada que parece açúcar puro. — limpa isso pra mim. — é pra ir adiantando. — não vai atormentar a dona Maria não, deixa ela descansar. esse é folgado... a gente fala uma coisa e ele que fazer outra. — vou trocar de roupa e tô pronto. — termina rapidinho que hoje vamos sair na hora certa. — tô doido pra chegar em casa. onde é mesmo que o carro tá estacionado? nossa, tá longe, hein. acho que vai dar tempo de chegar em casa e fazer uma surpresa para o gatão.

Capítulo 3

— bom dia. — dormi bem sim, e você? fazer o café. hoje tenho que resolver o problema da documentação. — você vem almoçar em casa? — coloca no micro-ondas. — vou acordar ele. chegando em casa vou lavar a roupa. — bom dia, meu bem! — vamos acordar. — ir pra escola? tá muito quente. — pega o termômetro pra mim. — o Bernardo tá muito quente. achei que era só gripe. não deve ser febre não. não pode ser. — 38.5 graus. — você tá com febre. como é que eu vou fazer? — olha se sua mãe pode ficar com ele. não tem como. não posso faltar no serviço. — não posso ficar em casa não. — por quê? — por um acaso você pode faltar no seu serviço? — seu trabalho é mais importante que o meu? — esse papo não cola! — eu me preocupo sim! — olha lá com a sua mãe, por favor. sempre isso. — é uma febre, e ele tava

resfriado. — não vou fazer uma tempestade disso. — criança é assim. a essa hora da manhã e já esse papo. — você não vai na aula hoje não. — a vovó vem tomar conta de você. — é uma febre, meu bem! — quando a mamãe voltar, a gente olha se melhorou. — se não melhorar vamos no hospital. tomara que não tenha que ir para o hospital. ele vai melhorar. criança é forte. — quando você vier almoçar, você mede a temperatura dele novamente. — todo mundo sabe usar um termômetro. — pede pra sua mãe medir a temperatura dele e me liga. — já te falei que não posso. — tem mais de um mês que tô esperando a vistoria pra conseguir a documentação. esse papo de novo. — não vou conversar sobre isso. — fica você em casa, então. logo pela manhã... ninguém merece. — aqui, Bernardo, a vovó já tá chegando, deixei o café na mesa. — tenta comer alguma coisa. — pode ligar sim, lógico. — daqui a pouco você já vai estar bom! nossa... não queria deixar ele assim. bom, vai ter que ser assim. pelo menos a vó é zelosa. vai dar tudo certo. deve ter pego isso de um coleguinha. esses meninos ficam brincando na chuva. — beijo, qualquer coisa me liga. — tchau, beijo. vou ficar atenta no celular. ficar com ele no bolso o tempo todo. ainda bem que não tem trânsito. então o trabalho de uns é mais importante que o de outros... depois vou ter uma conversa séria sobre isso. um absurdo. eu posso faltar no serviço e ele não? faço filho sozinha? — cadê minha vaga! vou parar longe de novo. — bom dia. — tudo bem, seu Silva? — bom

trabalho pra você. simpatia em pessoa. — alô. — que bom que a senhora pode ficar com ele. — no armário do corredor. — uma caixinha branca. — pode pedir na farmácia pra entregar aí. — tá bom! — muito obrigada. ele vai melhorar. menino forte. — bom dia, Fátima. — tudo bom? tanta coisa pra resolver. — o Fernando já chegou? — quando ele chegar, você pede pra ele entrar em contato comigo? — obrigada. — depois você liga lá pra confirmar a vistoria. — obrigada. a Fátima é um anjo na terra. olha essa lista de e-mail... não é possível que ontem deu tanto problema assim. — quem? — pode deixar entrar. nem lembro quem é. — tudo bom? — ah sim! — mas a medição ficou errada? — temos que documentar isso, anexar a sua medição, junto com o cronograma e junto com o que foi pago. — deixa eu olhar aqui. — senta um pouquinho. cadê o e-mail dele... nossa! tudo errado. — parece que deu uma diferença entre o cronograma e o que foi executado. — entendo. — sim. — pois é. — o senhor quer ir no local? — podemos conferir juntos. será que a Fátima confirmou a reunião? o Fernando até agora nada? — deixa só eu olhar aqui uma coisa com a Fátima. — um minuto. cadê ela? ninguém me ligou. deve estar tudo bem lá em casa. já tá vindo. — você fez café? — não, obrigada. — você conseguiu confirmar a reunião? — estava marcada pra essa manhã. — continua tentando, por favor. lá vou eu andar pela obra. achar esse erro não vai ser fácil. deve ser na

garagem, só pode. — então, vamos lá no local? — o senhor quer começar por onde? — tá bom, vamos lá! na hora do almoço vou ligar pra casa. o Bernardo já deve ter melhorado. será que o Fabiano não chegou? a Fátima não consegue confirmar a reunião. ela devia ter ligado ontem pra ele. eu devia ter pedido isso pra ela. mas eu achei que tava certo. tá marcada há um mês. — tô ouvindo sim! — essa parede aqui? agora vou ter que revisar essa medição inteirinha. com certeza vai atrasar o pagamento. — não dá pra saber não. — vou ter que passar tudo para o computador depois. era para o Bernardo estar almoçando a uma hora dessas. deve ser uma gripe forte. tá todo mundo pegando isso. melhor eu tentar terminar rápido isso aqui porque a reunião era pra ser agora. — me dá um minutinho. alô! — pode falar! — então ficou para a tarde? — tá ótimo! — obrigada. pelo menos posso tentar resolver isso aqui com mais calma. — o senhor quer olhar outro andar? — vamos lá sim! — só vou atender aqui. — alô. — sou sim. — não foi entregue? — como assim? — quem recebeu o pedido? — quem assinou o recebimento? — não tô pedindo para você conseguir ler o nome de quem assinou, estou pedindo para você me informar o nome. — não tem uma cópia da identidade, ou um nome de responsável? como que o senhor entrega um material e não sabe pra quem entregou? — e o pior é que ficaram faltando algumas coisas! — vou cobrar de quem? — tá bom. tenho que ir almoçar. essa manhã já está me tirando do sério. — oi, vamos

para o outro andar? — pois é, tem dia que o telefone não deixa a gente trabalhar. tô com fome. nesse andar não deve ter problema. andar padrão. — estou anotando aqui. dai-me paciência. agora acabou. não tem mais nada pra ver. — beleza. — vou passar isso para o computador, compatibilizar com o que foi feito anteriormente pra saber onde está o erro. — tem mais alguma coisa? — vai ter que ter um pouco de paciência. — talvez amanhã ou depois. — eu sei. — está bem. — vou sim. — até logo. vou pedir pra alguém olhar isso. tomara que entendam minha letra. cadê aquele menino que fica no outro computador? — oi, Fernando. — a reunião ficou pra hoje à tarde. — a de vistoria. — posso te chamar se você quiser. — beleza. acho que não vou chamar ele não. — vou almoçar aqui mesmo. — trouxe marmita. — combinado. é lá de casa. — vou atender aqui! — alô! — como estão as coisas aí? — eu ia ligar, é que não tive tempo ainda! cobrança a uma hora dessa? — nem almocei. não tenho que ficar justificando meus horários pra ninguém. — ele comeu? — que bom. — ótimo. — é bom que ele descansa um pouco. — esse remédio é ótimo. — vai sim. — está bem — obrigada. o Bernardo é muito forte. amanhã já vai estar bem. será que ele tinha alguma coisa importante na aula hoje? vou ligar na escola depois pra saber. mas acho que não tinha nada não. acho que ele me falaria se tivesse. melhor avisar a escola que ele teve febre, aí a escola

pode ficar de olho nas outras crianças, e eu aproveito e pergunto sobre as tarefas. cadê minha marmita? nem vou esquentar não. então agora eu tenho que ligar no horário que esse povo quer. é brincadeira. nossa! esse bife tá duro. nesse tempo o bom mesmo era um tutu de feijão. será que amanhã eu almoço no restaurante? se o Bernardo não melhorar, vou tentar ficar em casa. como é que conseguiram entregar um material aqui na obra sem saber quem recebeu? o almoxarife não sabe de nada? as coisas não podem sumir assim não. — ô Fátima, você já almoçou? — você está certa! — ficou marcada qual horário para a reunião? — então vou ficar aqui resolvendo essa questão da medição. — quando eles chegarem você me chama aqui, por favor? — obrigada. — só mais uma coisa, como chama aquele menino que fica no computador? — hum... eu não lembrava o nome dele. — saiu que dia? tem uma semana realmente que eu não vejo ele. — não sabia que ele tinha saído não. lembro que teve uma festinha há uma semana. — a festa então era de despedida? onde eu tô com a cabeça... eu dei parabéns pra ele, achando que era aniversário. — era só pra saber mesmo. vou ter que fazer sozinha. não deve demorar tanto assim não. nossa. parece que não tem nada certo aqui. vou ter que refazer as contas. melhor usar uma planilha. a do mês passado era igual a desse mês? não. nossa... são muito diferentes. então vou começar do início. — alô! — isso! — achou o nome de quem recebeu? — vou lá olhar então. — me manda a

foto da nota assinada, por favor. — estou indo pra lá agora! se ele recebeu, tem que estar lá! como que as pessoas viviam sem celular? — estou indo lá no almoxarifado, qualquer coisa você me liga. não é possível que não tá lá! deve ser só desorganização mesmo. na nota tem o nome. — oi, Júlio, tudo bom? — recebi essa nota aqui no celular e parece que não sabem onde está esse produto. — o nome aqui é o seu. — então essa assinatura não é sua não? — me dá um minuto, só atender aqui. — alô! — oi, como você está! — sua voz tá ótima! — você tá melhor? — muito bom! — vou ligar lá na escola pra avisar o motivo de você não ter ido! — tinha algo importante? — fica quietinho aí até eu chegar! — pode jogar sim, mas sem fazer bagunça! — e não quero que você fique jogando jogo de luta não! — eu não gosto e pronto! — chama sua avó pra mim! — como ele está? — que alívio! — eu deixei ele jogar um pouquinho sim, até pra distrair a cabeça! — eu também não gosto, mas os meninos só fazem isso hoje em dia. — pode pedir na farmácia, se ele tiver mais febre hoje à noite já dou esse remédio. — muito obrigada. ainda bem. ele já tá bom. esses jogos de luta são péssimos! — oi? — é que meu filho tá meio doente hoje. — você tem filhos? — nossa, como você dá conta? — mas nenhum deles mora com você não? — não, Júlio, a pensão é para o filho, não tem nada a ver você falar que paga pensão pra mãe deles. — se você fosse dar o dinheiro na mão das crianças, você

acha que elas iriam gastar com o quê? — mas foi o juiz que estabeleceu o valor? — então não tem muito o que reclamar! homem sempre reclama de pagar pensão. — pede a guarda na justiça! duvido que ele se animaria de tomar conta dos meninos. — não é fácil mesmo não. — mas aqui, queria ver com você a questão desse material aqui. — impermeabilizante flexível. — aquelas caixas de 18 quilos. onde foi parar isso? — mas você sabe quem assinou? — nem olhando assim você não sabe quem foi? tá mais complicado do que eu imaginava. — toca toda hora. — não dá um minuto de sossego. — alô. — oi, Fátima. — quê? — por quê? — estava marcado há um mês! — só na outra semana? — isso atrasa todo o nosso cronograma! — eu sei, Fátima! — obrigada por me avisar. passo o dia esperando a reunião pra ser cancelada assim. deixar pra semana que vem? esse povo acha que a gente é o quê? — então, Júlio. — eu fico brava mesmo. tenho que acalmar. meu filho passando mal e eu aqui fazendo papel de boba. — tem dia que é mais corrido! eu deveria ter ficado em casa. mas como que eu ia saber que ia ser cancelada a reunião. não tinha como saber. — você tenta achar esse material aí, fazendo o favor, que amanhã eu olho isso certinho com você. eu vou pra casa. — pode ser? — beleza. — também acho que tá aqui, alguém deve ter colocado em outro lugar. — isso mesmo! — obrigada. uma bagunça, isso sim. não deu tempo de olhar a questão da medição, mas vou deixar pra amanhã. será que vão

contratar outra pessoa pra ajudar aqui? vou ter que olhar com a Fátima. provavelmente ela sabe dessas coisas. depois olho isso com ela. — o Fernando tá aqui na sala dele? — não sabia que ele já tinha ido embora. — também estou indo tá! — passei aqui pra pegar minha bolsa! — tchau, Fátima! vou acelerar o passo. ainda bem que o Bernardo já melhorou. — tchau, seu Silva. — bom descanso. eu estava imaginando que era bem mais cedo. acabou que estou saindo no mesmo horário de sempre. hoje passou voando. vou direto pra casa. não acho que roubaram esse material da obra. não sei se é fácil de vender essas coisas. o mais provável é que guardaram em algum lugar errado. os meninos da impermeabilização devem ter colocado já no local de fazer o serviço. pode ser isso. mas aí o Júlio que deveria ter entregado isso pra eles. o Júlio que fica por conta do estoque deles também. seria melhor se fosse outra pessoa. o Júlio fica sobrecarregado. — olá! — oi, meu bem! — como você está? — se comportou direito? ele não tá com febre não. tá até mais coradinho. — ele se comportou bem? — obrigada por passar o dia com ele. — foi só susto mesmo. — você colocou na caixinha dentro do armário? — muito obrigada. ainda bem que ela pôde vir. — larga esse joguinho e vem comer alguma coisa! — amanhã você vai pra aula! — você já tá bom! — seu pai veio almoçar em casa? — mas ele nem me

ligou. podia ter me ligado. deveria ter me ligado. — quando ele chegar vamos ter uma conversinha.

Capítulo 4

atrasado. no corre. firme. — benção. — se rolar, eu animo. — tô pronto. — já é. economizo uma passagem. — pode ser, sim, ali já é um adianto bom. esse merdinha podia dar carona todo dia. o puto tem carro e fica tirando onda de patrão. — beijo, mãe, fica com ele também! — amém, amém! vou chegar muito cedo. economizar uma passagem. ainda bem que esse merdinha não me cobra essa passagem! se eu fosse ele, eu cobrava. gasolina tá carão! — qual é?!? — não bati não! — larga de frescura e pisa logo. — tenho tempo pra ficar perdendo não! moleque chatão. dinheiro da mãe pinga amanhã. vou lá pegar com ela. banco é só problema. — era ali! — então me deixa aqui! — um merda — com deus também! valeu! — podia ter parado onde eu falei, um merda mesmo, faz é de sacanagem, só pode. falar pra mãe colocar na

poupança algum. se pah, fim de ano rola de terminar a reforma. compra um som da hora, só nos grave pesado. da hora. — bom dia, motô! — em ordem! vaziação esse horário. sentar logo em duas. quero ninguém do lado não. lançar uma barulhenta, aí sim! da hora. grave pesadão. esse merdinha podia ir com a mãe no banco. o puto não pode faltar um dia no trabalho? tem carro pra quê? — tá ocupado! — tá vendo não? só gente pelinha nesse ônibus. linha de playboy. — reclama com seu pai que não te deu um carro! playboy de merda. — sai fora! — vai, vai. — só pelinha. sabia que eu ia chegar cedo. ninguém aqui. — fala, seu Silva, tranquilidade? — pois é, meu irmão me deu carona. — já é! — demorô então. vou trocar de roupa e esperar o patrão chegar. bater ponto. — bom dia, doutor — só figurão. — bom dia. nunca vi esse aí. opa. — fala, fí! — tranquilo? — foi bom. — já tô pronto! bora trabalhar. — cadê os outros? — faltaram por quê? — não sabia. só faltava isso. trabalhar dobrado hoje. nem rola. vou fazer nada não. — vamos lá! só porque é encarregado aqui, acha que manda em alguma coisa? — tô indo! — calma que o dia só tá começando! já vi tudo. um merda. enchendo o saco. — pego sim! — esse aqui? esse cara tá louco! — tem como terminar isso de manhã não? tá tirando com a minha cara? — tô sozinho aqui! acha que eu vou trabalhar pelos caras que faltaram? quero só ver esse merda ficar na mão amanhã! eu não venho mesmo! tô nem ligando! — já tô indo! — são quantos blocos? — colocar lá mesmo? — mas ia fica

muito longe? tá achando que sou burro de carga? carrega você então! — pede àqueles meninos lá pra me ajudar? bando de folgado. — mesmo usando girica! — já tô dando a real que vai demorar! encarregado de merda! nunca carregou um tijolo na vida! vida mansa! — mas o almoxarifado já tá aberto? — assina lá pra mim! não pode fazer nem isso? é um merda mesmo! — o Júlio, eu conheço sim. quero nem saber. vou ficar de papo com o Júlio. encarregado não quer ajudar. ele depois que se explique com os grandão lá. — já tô indo. amanhã não venho. e nem vou trazer atestado não. quero só ver alguém falar alguma coisa. carrego esses merdas nas costas. se pah, eu fiz metade desse prédio. patrão tem um monte. quero ver é peñozada chiando ferro. — fala, Geraldo, tá bom? — no barracão do almoxarifado. — você vai pegar o que lá? — martelete pra quê? — você não tava fazendo emboço? esses empreiteiros são uns merdas mesmo. o que tão fazendo com o Geraldo? — girica! vou pedir pro Geraldo assinar pra mim. — eu vi! — mas seu time é muito ruim. — aqueles caras deveriam parar de jogar bola. o Júlio já tá vindo ali. — não vou ver esses jogos mais não. — tudo agora é pênalti. — nunca vi! só girica com pneu murcho. depois quer que a obra ande rápido. vou falar com o encarregado. se não tem como trabalhar, é melhor nem trabalhar. — fala, Júlio! — tô sim, graças a deus. — pra mim uma girica e um martelete pro Geraldo. — o Geraldo assina os

dois aí. — no final do dia eu entrego. — tá desconfiando de mim, Geraldo? — tá achando que eu vou roubar a girica? agora quer dar de bonzão pra cima de mim. Geraldo folgado. — assina logo isso aí! outro merda. — já vou subindo. — valeu aí, Júlio. — falou, Geraldo. agora então o Geraldo não queria assinar pra mim. esse merda pensa que eu sou bandido? se eu fosse tinha terminado com ele ali mesmo. só futebol na vida do cara. não pensa em mais nada. lá vem o encarregado. tenho certeza que vai falar merda. já tá vindo lá. só tinha com pneu murcho, se ele falar alguma coisa, já vou logo largar toda essa merda pra lá. enche o saco. só faz isso. enche o saco. — tô indo pra lá sim. — já é. sorte desse merda que não veio com papo de que eu tinha que andar rápido. aquele papo de merda, de gente merda, que é merda. olha esse tanto de bloco. pela manhã vai ser impossível. colocar seis blocos de cada vez. a mãe podia tirar uma moto pra mim. ia ajudar todo mundo. chegar na obra rapidão. a volta ia ser sossegada. amanhã pergunto no banco. acho que desconta direto na folha. a parcela fica suave. vou dar ideia. só o merdinha não encher a cabeça dela. fica falando que não é pra fazer conta. por isso que é um merda. tira onda de carro velho. queria ver se a mãe pedisse algo pra ele. queria ver. não mexe uma palha. se pah, a mãe já pediu e ele nem fez nada. certeza. amanhã, que é dia de ir no banco, ele podia emprestar o carro. aí já emendava nuns rolé. só pra zuera mesmo. aproveitar a folga. vou nem pedir. o merda tinha é que oferecer. tô

levando a mãe no banco e o cara não faz nada! — tô colocando lá sim. — onde? — é lá mesmo, só que do outro lado. agora tá querendo falar que eu tô fazendo errado. todo dia é isso. nunca vem aqui pra falar que tô fazendo certo. — os outros eu coloco desse lado então. sai fora. tentando criar problema. tô aqui suave, fazendo o meu. vem aqui só pra me encher. — mas demora mesmo, eu te falei hoje cedo. — vou almoçar daqui a pouco. — beleza. ó lá, garanto que vai fazer duas horas de almoço. o cara dorme do lado do barraco todo dia. se eu fosse encarregado, nem levantava, só dava as ordens. faz isso, faz aquilo e pronto. não foi nem metade dos blocos. barriga tá gemendo. vou pro refeitório logo. chegar cedo dá nisso. bate aquela fome. — tudo bom, Dilson? — suave. vou pegar batata duas vezes. muito bom. isso é o bom dessa obra. — obrigado, mas vou tomar água. isso nem é suco. vou sentar com o pessoal da igreja. — dá licença, tudo bom? — tô sim — eu vou no sábado. agora só faltava isso, tem vigia na igreja? — uma delícia, né! a comida é boa mesmo — também gosto. vou acabar aqui e vou deitar um pouco. meu braço já tá doendo. — já vou! — bom trabalho pra vocês. nunca vi trabalhar. vou descansar aqui. — opa — não. nem dez minutos. — acho que dormi. um merda. dormi dez minutos a mais e já tá aqui pra falar na minha cabeça. tem serviço pra ele não? podia me ajudar nesses blocos. — já vou sim. — só passar no banheiro pra lavar

o rosto. melhor deixar a moto pra lá. arrumar um som. já é. fazer um barulho fino. as piriquetes se mexendo. já é. — acho que acaba sim. é muita coisa. e o cara ainda fica colocando pressão. — vamos ver, né! — beleza. agora então tem que colocar os blocos do outro lado. cada hora uma coisa. e quem vai fazendo sou eu. metade desse prédio foi eu que fiz. só tem gente olhando. trabalhando mesmo ninguém tá. queria ir nas reuniões dos patrões, só pra escutar o que tão falando. devem levar ferro direto. tá sempre tudo atrasado. os caras não têm paciência não. vai metendo o ferro em quem for. se eu fosse o dono do prédio, metia o ferro mesmo. o cara tá pagando. tem que ficar pronto. — opa. — é que o pneu tá murcho — todas tão assim. — não sabia que o Júlio tinha compressor não. o cara me viu lá hoje de manhã e nem ofereceu. agora tô fazendo força aqui, igual a um jumento, e o cara tem compressor. — é um merda! — não, não! — o Júlio. falei merda. — o cara podia ter oferecido, né! — ele viu sim! falei merda — deixa pra lá! — vou fazer aqui. só falta o encarregado falar com o Júlio. esse encarregado também... tem que ficar de bico calado. não faz nada. não entende de nada. mas o Júlio que vacilou. o cara tinha que ter visto que o pneu da girica tava assim. podia ter enchido. vacilo foi dele. agora eu que fico empurrando essa merda. tudo ferrado. se o Júlio vier falar comigo, eu largo essa merda de vez. o erro foi dele. o trabalho dele é esse. fica lá no almoxarifado, sentadinho, vendo os merdinhas pegando

equipamento. assina aqui, assina ali. não faz nada. o dia todo é isso. só falta o encarregado ir lá falar com ele. fazer fofoca. isso é fofoca. não tem nada que ir falar com o Júlio não. o cara nem tava sabendo do que a gente tava falando. mas esse encarregado também não sabe de nada. não entende nada. é uma dessas que me deixa puto. daqui a pouco já vem os doutor de merda, falando que eu xinguei o cara. merda nem é xingamento. e se eu quisesse xingar, tinha falado na cara. se um desses doutor vier falar comigo, eu vou falar na cara. mas foi o Júlio que vacilou. isso com certeza. se vier doutor e tudo mais falar comigo, eu vou explicar o Júlio. o cara tem que fazer o trabalho dele. só tem merda querendo encostar nos outros. um bando de folgado. amanhã eu nem venho mesmo. vou é fazer isso aqui mais devagar. já tô com o braço doendo. e ainda os caras faltaram. deve ter sido combinado. só veio eu. eles não me falaram nada. foi combinado com certeza. porque não me falaram nada. será que teve alguma combinação? esses caras são uns merdas, nem sabem combinar nada. deve ter acontecido alguma coisa. podiam ter me avisado. vou perguntar pro encarregado se esses merdas deram notícia. tem que ter algum motivo. ninguém me falou nada. problema o deles também. eu que não vou levar esses blocos todos hoje. amanhã eles terminam. hoje eles tão de folga? então amanhã trabalha puxando bloco. — oi, já vou sim. — não deu pra colocar todos os

blocos lá não. — beleza. vou logo trocar de roupa pra ir pra casa. esse horário o ônibus é muito ferrado. — sim. — beleza. bora, correria. — tchau, seu Silva. o Geraldo lá do outro lado. esqueci de devolver a girica. mas ela tá lá nos blocos. amanhã alguém usa. ainda bem que não foi eu que assinei. — boa tarde, motô. é gente demais — não para não, motô, já tá lotado! quantas pessoas esse motorista quer colocar aqui dentro? tá doido. a moto ia ser uma boa. agilizava todo o esquema. ia ser bom pra todo mundo. — empurra não! sai fora. por isso que moto é bom. a mãe não vai animar. vou tentar convencer o merdinha pra me ajudar a falar com a mãe. ele já não ajuda em nada. pra ele ia ser até bom. eu que resolvo as coisas dela mesmo. — valeu! agora o outro ponto que é foda. no corre. já tá vindo. rapidão hoje. — opa. — valeu motô. tá até vazio. acho que peguei o do horário anterior. deu bom. fundão e janela. aí sim. já é. quero só ver amanhã o encarregado me procurando lá. e eu não vou. vai ficar maluco. e vou jogar a real no Júlio. vacilo do cara. — boa noite, mãe. — tudo bem sim. — almocei com o pessoal da igreja. — sim — falei de ir sábado. olha o merdinha chegando aí. eu de ônibus cheguei mais rápido que ele. carro velho. — amanhã? — você leva a mãe então? — beleza, tranquilo.

Capítulo 5

— já tô indo! lavar o rosto aqui — bom dia, lindona! — cadê as princesas? tão parecendo dois monstrinhos! — que carinha é essa! cafezinho bom — você também tá toda descabelada! adoro essas meninas! — vou sim, lindona, você quer que compre alguma coisa? — então compro amanhã na feira. aproveito e compro uma cervejinha. fim de semana suave. — que horas você sai do salão? — as meninas vão pra lá com você? — não vai ter truço hoje não, por causa da mãe do Robson. chegaram! — dá um beijo aqui no pai! — boa aula pra vocês! — te amo, lindona! buzina chata! — tô indo, seu infeliz! tenho que trocar essa fechadura. todo dia é isso. gasto mais tempo... — tô indo! gasto mais tempo fechando a porta do que tomando café. — bom dia! — bom dia — bom dia! — chega pra lá! ô, povo espaçoso! — tava buzinando por

quê, infeliz? — não tava me vendo já saindo de casa não? — vou ficar buzinando na sua orelha no almoço! — fiquei sabendo do Robson! — não vai ter truco mesmo não! — também achei melhor desmarcar. — eu ia ganhar, com certeza! — foi sorte dele que desmarcou. — tô falando sorte que desmarcou o truco, mas foi azar o acontecido com a mãe. — ô, Cezinnha, você não conhece o Robson não? — engraçado que você já mora aqui tem um tempo, né? — da padaria. — por isso então. — passa lá! — mas o bingo é final de mês! — deve ter sim! — na rua de cima, em frente à padaria. — pois é, o Robson, que é dono da padaria, faz o bingo, e o prêmio é um frango assado da padaria dele. — esperto é pouco. — muito bom mesmo, vale a pena. — nem é por isso não. — pra fazer uma graça com a patroa. — hein, Cezinha? — isso mesmo. — tudo fofoca, nem entro nisso. — não precisa nem me contar. — mora onde? — mas e a esposa dele? — pois é, por isso que prefiro nem saber. — só fazem besteira, depois vai espalhar para o bairro todo. — nem sei. parando longe, hein. deveria ter vaga dentro da obra pra gente. — vamo trabalhar, cambada! — ô Miltinho, é pra cá! — tá doido, só pode! — fica perdido não! — oi, seu Silva, firmeza? — pra você também. vestiário lotado. acho que tô atrasado. — tá de cueca rosa, Cezinha? — tô trocando de roupa aqui na minha! — tem certeza que não é a calcinha da sua esposa não? — ô Miltinho, olha o Cezinha aqui! — também acho que é calcinha. — sua esposa

sabe? — tava escuro na hora que você saiu? — quer meu telefone emprestado pra você ligar pra ela? — depois vai ficar ruim pra você! — é renda isso? — ô Miltinho, chama o doutor lá, pra ver a cueca do Cezinha. — você já tá velho pra isso, Cezinha. esse Cezinha é uma piada. — bom dia. — tudo bom. — sei sim, lá na cobertura. — puxar na corda? — mas vamos fazer em qual andar? — ainda bem, aí sim. achei que eu ia puxar corda oito andares, aí me mata, né. — o Cezinha vira a massa. — foi você que passou a carretilha? — carretilha dupla, aí sim, Cezinha! — tá querendo roubar a vaga do doutor engenheiro? — beleza, vamo trabalhar. — ô Miltinho, você é pra ir lá pra cima! — você não prestou atenção não? hoje ele tá fora do ar. — vou pegar água ali. — já tá bom? — onde tá a pá? tá tudo bagunçado aqui. — você viu o Miltinho hoje? — não tá prestando atenção em nada. — muito mesmo! — não sei não. — pode até ser, mas ele ia ter falado pra gente. — será? — não vou perguntar não, se ele quiser, ele fala. — ó a doutora ali! minhas filhas vão ser assim, dar ordem pra essa peãozada toda — deve ser alguma medição. — onde tá o menino que olhava essas coisas? — do bigodinho fininho. — ele parecia o Mano Brown. — quem? — você não acha não? — Mc Hungria? — tem bigode fininho também? — não sei não. — tá doido? — eu escuto é música boa. — não conheço nem um mc. — ah, para, Cezinha. — você tá zoando da minha cara. — o cara é o rapper

mais famoso do mundo. — o menino não tá vindo mais não? — eles mandam embora mesmo? — tem que ficar esperto! — fez errado? — pois é. — é o que eu sempre digo. — mas aí a empresa tá certa de mandar embora. — se fosse um de nós, tinha sido mandado embora na hora. — tá pronta essa massa aí? — na lata! — eles só iam dar o papel pra assinar e pronto, rua na hora. — é você que tá falando. — eu lembro de ele ser gente boa, meio magrelão com aquele bigode engraçado. — a doutora tá fazendo isso agora? — nem sei. — não costumo ver ela andando por aí não. — o doutor Fernando eu até vejo. — ela faz o quê? — não sabia. — mas é pra outra empresa? — como que você sabe disso? — ah, para, Cezinha. — acredito não. — eu não. — você que tá falando. — e o Miltinho vai saber de alguma coisa? — na lata! — tá caindo tudo pra fora! — Miltinho não sabe nem a hora que tá com fome. — vou perguntar nada. — ainda mais hoje, que ele tá todo lesado. — minha esposa falou que a esposa dele tá querendo separar. — no salão. — não sei não. — é fofoca, mas parece que é verdade. — ele até ficou te olhando de um jeito diferente hoje no vestiário. — você queria seduzir o Miltinho? — ah, Cezinha, sei lá, né! — carência! — ele pregou o olho em você de calcinha — calma, Cezinha, quando o amor acontece ninguém segura. — tô falando sério. — minha esposa falou que a mulher dele tá querendo voltar pro interior. — não sei a cidade não. — não sei. — tanto faz a cidade. — olha a lata aí! — essa carretilha

tá boa mesmo, hein! — onde você aprendeu isso? — seu filho? — só podia ser na internet mesmo. — hoje em dia tem de tudo lá, é só procurar. — mas, aí, você testou antes? — tá funcionando bem. — muito bom. — parece que ela já falou pra ele que quer mudar. — tô falando do Miltinho, não era disso que a gente tava conversando? — a idade tá chegando, hein, Cezinha. — não tá conseguindo nem conversar direito. — também acho. — mas deve ter um motivo. — não sei não. — minha esposa vai hoje lá no salão, às vezes ela fica sabendo de algo. — eu não pergunto nada não, ela que conta de vez em quando. — eu não gosto de fofoca, você sabe. — coloca com a enxada, essa pá é muito grande pra encher a lata. — pergunta você. — eu não vou falar nada não. — ele que sabe da vida dele. — eu tô aqui fazendo o meu, no meu canto. — se eu quisesse saber da vida dele eu perguntava pra ele. — para, Cezinha. — não tem nada disso não. — então no almoço você fala com ele. — pergunta pra ele. — duvido! — mas aí não. — não tem que falar sobre a conversa da minha mulher no salão não. — aí não. — por isso que não gosto de fofoca, já tá envolvendo a minha esposa no negócio. — você conhece a esposa do Miltinho? — morou no bairro a vida toda. — na rua de cima. — eles tão morando nos fundos, aquela casa da frente é da mãe dela. — você que falou. — deve ter parente no interior. — é verdade, pode ser isso mesmo. — construir uma casa nos fundos

dá sempre esse tipo de problema. — acho que o Miltinho nem liga não, ele é bem tranquilo. — na lata, na lata! — isso! — herança de quê, se tá todo mundo vivo? — ah, para, Cezinha. — só morto deixa herança. — um irmão eu sei que ela tem. — aí você já tá indo muito longe. ô fome — vamo almoçar? — só tomei um golinho de café. — à tarde você puxa na corda. vou passar no banheiro antes. será que vai ter batata? acho que é só na sexta que tem batata. vou passar uma água aqui no rosto. tô muito suado. — opa. — e aí! — vocês também pegaram batata? — você ficou no sol, Miltinho? — você tá fedendo. — fica mais pra lá. — foi tranquilo, o Cezinha fez um negócio com duas carretilhas que ficou firmeza. — nada. — tentar descansar, né. — ô Cezinha, pergunta agora aqui pro Miltinho o que você falou que ia perguntar! — não vem com esse papo de tá todo mundo falando não, isso é coisa da sua cabeça. — bobagem dele. — ah, para, Cezinha. — eu nem falei nada, não gosto de fofoca. vou comer mais. tá muito bom. — vou sim. — muito bom! — vou descansar lá mesmo. — opa! — vamos sim! tá na hora! — agora você puxa a lata, hein, Cezinha. — você vai ver! — foi leve sim, mas não sei pra alguém da sua idade. — pelo menos uns vinte anos a mais que eu. — nem tô falando do fato de você estar bem acabadinho não. — tá sim! — tô te falando! — você lembra quando você tinha a minha idade? — já existia internet? — ah, para, Cezinha. — eu não caio nessa não. — busca a água na lata lá pra mim, que eu já

tô fazendo a mistura aqui. — beleza. — você colocou a pá onde? — tô falando que você tá ficando velho. — achei que você ia falar com o Miltinho na hora do almoço. — eu sabia! — coloca a lata aqui! olha o chefe aí — opa! — beleza! — vamos trocar aqui, o Cezinha vai puxar a corda agora à tarde. — tá sim! — mas faltou todo mundo? — a outra equipe é de empresa terceirizada? — eu vi um rapaz carregando bloco de um lado pro outro numa girica velha. — concordo com o Cezinha. — beleza então. — valeu! olha só isso — tá vendo, Cezinha, bem que eu não tinha visto ninguém mesmo, só o rapaz com aquela girica velha. — ele devia ter enchido os pneus mesmo. — bom, eu não entro no trabalho dos outros. — você também não falou nada! — lógico que você viu, ele tava passando toda hora ali embaixo. — tá velho e ficando cego agora? — não vem com esse papo não. — como que eu vou saber? — na verdade eu nem quero saber. — deixa isso pra lá! — mas se for essa questão de pagamento aí é complicado. — tem que olhar no sindicato. — coitado do que veio trabalhar. — anda, coloca a lata aqui e vamo parar de papo furado. vamo fazer render esse serviço. — jogo lá com os meninos do bairro, — na hora do almoço fica corrido, e eu jogo apostando, né! — tem que ter uma emoção! — você joga truco? — pois é, também gosto. — eu já vi um grupinho que fica na hora do almoço perto do vestiário jogando no chão, mas acho que é só entre eles. — conhece nada! —

então, como que eu nunca vi você cumprimentando eles? — tímido? — você é tímido? — um homem que na sua idade tem coragem de pegar a calcinha da esposa escondido e vir trabalhar, agora quer que eu acredite que você é tímido. — não — não — tá bom, então fala de onde que você conhece os caras? — qual obra? — velho, cego e desmemoriado, é isso que você é! — você não dava surra em ninguém! — ah, para, toda hora é isso, Cezinha! — você não deve nem lembrar a ordem das cartas. — de mim? — não ganha mesmo! — só jogo valendo. — tem que valer alguma coisa pra ter emoção. — aqui no trabalho não é lugar de jogar não. — eu ganho fácil! — até parece. — a lata. — cadê a enxada? — então, você deveria ir jogar na casa do Robson quando tiver. — posso te chamar sim. — já te adianto que é cem reais só pra começar a brincar. — você não é bom? — tem uma mesa lá, a turma bebe um pouco e o carteado rola solto. — eu não bebo durante a semana não. — eu ganho porque eu presto atenção no jogo, se tem gente bebendo, eu não tenho nada a ver com isso. — o Robson mora lá pra trás, no final do bairro, quase na avenida. — a padaria que é perto da casa do Miltinho. — depois você pergunta pro seu menino, ele com certeza sabe onde é. — só joga uma turma tranquila, e eles vão gostar de você, um velho, cego, desmemoriado e ainda pagando cem reais, não tem como não gostar — só não deixa a turma descobrir que você usa calcinha. — eles pegam no pé — tô falando mentira? — nem

buraco e nem poker, só truco mesmo. — pois é, você vai querer ir no bingo? — você tem que participar mais das coisas do bairro. — é tipo uma festinha pra gente da sua idade, depois sempre tem alguém tocando um teclado e cantando. — tipo música romântica, um Roberto Carlos, ou Agnaldo Timóteo, às vezes Fagner, só clássico! — no final do mês, quando tá todo mundo quebrado, eles fazem o bingo pra uma família ficar feliz. — o Robson é esperto mesmo. — tá certo sim, ele não tá matando, não tá roubando. — só entra no bingo quem quer. — olha a lata aí, tá caindo! — não tô entendendo, mas a carretilha tá presa, né? — vai dar certo, pode confiar. — aqui, que que você acha de ligar no sindicato? — tô te perguntando porque você tem mais experiência. — você acha que a outra equipe faltou por isso? — eu tava querendo saber. — isso não é fofoca não, Cezinha, é questão de trabalho, larga de ser boca-aberta. — se a outra equipe tá reivindicando alguma coisa que eles têm direito, a gente deve ter o mesmo direito também. — tenho nem coragem de perguntar, esses engenheiros morrem de medo de sindicato. — vai que colocam a culpa em mim. — tenho família pra cuidar. tô cansado. — que horas são aí? — já deu por hoje! — fala pro Miltinho ir descendo. — a lata aí! — não vou desperdiçar esse restinho de massa não! — vamos subir com tudo! — deve dar mais uma só. — vai, Cezinha, tira o pé da minha janta. — partiu? tô muito cansado — nem fala. só quero

chegar em casa. — ô Miltinho, o carro tá pra lá! ele tá fora do ar. — para de cantar. — então aprende a cantar. — amanhã vou falar com o doutor sobre a calcinha do Cezinha. — qual cor você vai escolher pra amanhã? — o Miltinho também viu! — hein, Miltinho! — fala aí! — ah, para, Cezinha, você sabe! — valeu! — até amanhã! essa fechadura que não abre. ninguém em casa. tem janta não? a lindona tá no salão com as meninas. vou comer um biscoito aqui. ligar a televisão e descansar um pouquinho.

Capítulo 6

Ai, ai, que preguiça. hoje não vou levantar não. passar o dia escutando besteira. hoje eu vou pedir demissão. eu tenho que ficar preocupado com um monte de coisas, e o dono da empresa tá na praia! Ah, não tá certo isso não. vou tomar um banho. não quero dar motivo também não. esqueci de comprar as coisas pro café. vou comer na padaria. não posso esquecer de depositar o dinheiro das crianças na conta da Gisele. essa camisa não tá boa, acho que eu engordei. vou colocar um agasalho que dá uma disfarçada. nossa, ficou uma porcaria isso. as outras camisas estão pra lavar. inclusive já vou descer com elas para o carro, na volta eu deixo na lavanderia. amanhã vou ter que ir com essa camisa também. nossa, não vi que tinha tanta coisa pra lavar, acho que uma sacola só não vai aguentar. ah, vou levar essa

chave de fenda, ontem eu precisei e não achei nenhuma lá pra eu usar. era fenda ou philips? vou levar as duas. agora a saga do elevador. eu tenho que mudar para um prédio menor. parece que todo mundo sai pra trabalhar no mesmo horário. elevador sempre lotado, ainda mais com as crianças voltando às aulas. — bom dia, eu vou no próximo. lotado, lógico. com esse tanto de sacola eu não animo de ir de escada não. nem sei quantos andares são de escada. — bom dia, você acha que cabe? — só essas sacolas. — obrigado, subsolo três por favor. acho que ninguém olha o peso das pessoas indicado no elevador. tá escrito ali oito pessoas com setenta quilos, então são sete. na verdade são seis, porque minhas sacolas tão pesadas. essa senhora com esses adolescentes aqui nem devem ser pesados. — segura pra mim. — obrigado, bom dia pra vocês. povinho educado é raridade no prédio. esqueci que o equipamento do topógrafo tinha ficado aqui no carro. vou colocar as sacolas no banco de trás. acho que vai ser melhor passar na lavanderia antes do trabalho. não sei se é uma boa deixar essas sacolas no banco de trás com o carro na rua. Hum... a lavanderia só abre às oito, vai ter que ser na volta mesmo. vou deixar o equipamento do topógrafo com ele, coloco as sacolas no porta-malas e vai dar certo. esse carro é muito pequeno também, eu deveria comprar uma caminhonete. mas esses preços são absurdos. vou ligar pra ele. — alô! oi, Wanderson, você tá bom? — posso deixar seu equipamento com

você? — eu estou indo para o prédio. — deixo com quem? — não conheço não. — no seu escritório? — mas nesse horário ela está lá? — combinado. — abraço. vou fazer o retorno lá embaixo, aí já resolvo isso. nossa, não tem vaga aqui não. vou parar no estacionamento então. não é possível. pesados esses equipamentos, tripé, teodolito e mais um monte de porcarias. quero ver esse topográfico dele. tomara que fique bom. — bom dia — o Wanderson pediu pra eu deixar esse equipamento com a Janaína. ela é linda. — é, você. — sim — ele te ligou então. tenho que pegar o telefone dela. — vou deixar aqui então. ela nem olhou na minha cara. depois eu volto aqui, ou pergunto pro Wanderson sobre ela. — obrigado então. — valeu. ainda tenho que pagar esse estacionamento. vou colocar logo as sacolas no porta-malas. bem melhor. agora sim eu estou atrasado. bom, os funcionários já têm serviço pra fazer, então eles não dependem de mim hoje — alô! — fala, doutor, como está aí na praia? — a medição deu errado onde? — vou conferir sim. — tem um rapazinho lá que sempre olha isso. — vou ver então se a engenheira Helen, ou se o engenheiro Fernando pode me acompanhar nisso. — você ligou lá? — estou indo pra lá agora, tive que devolver o equipamento do topógrafo. — tinha ficado no meu carro. — te mando mensagem. — então eu te ligo, qual horário melhor pra você? é um afobado — beleza então, assim que eu resolver eu te ligo. — aproveita as

férias aí! — abraço. só faltava essa. o cara tá de férias conferindo planilha e contando centavo por centavo. não sei onde pode ter dado erro nisso. já tô atrasado. ainda bem que achei uma vaga. nem lembro como faz baliza. ô raiva, viu. melhor ir pra outra vaga. quando a gente atrasa, parece que tudo faz atrasar mais ainda. daqui a pouco o chefe liga querendo saber se já resolvi o problema. é a cara dele ficar ligando o dia inteiro pra saber o motivo do problema. vou tentar resolver isso hoje. — bom dia, seu Silva. — tudo ótimo! — vou ali no escritório. — beleza! esse, sim, é bacana. essa obra é muito bagunçada. — bom dia, Fátima, tudo bom? — vim olhar uma medição com o pessoal da engenharia. — aquele menino magrelão já chegou? — melhor ainda. — mas será que ela vai poder me atender? — obrigado. essa Fátima é que resolve tudo nessa obra. — bom dia, doutora Helen. — estou bom sim, eu vim olhar a questão da medição da equipe do doutor Gregório. — ficou errada sim. — temos sim, até pra ficar tudo certinho. — sentar aqui? podia me oferecer um café, né. muita fome. acho que hoje vou direto para o almoço. — acho que a diferença do cronograma para o que foi executado tem a ver com o próprio andamento da obra. — encontramos vários locais pra entrar com a equipe que estavam com outras equipes trabalhando. — gostaria de ir no local sim. — ia ser ótimo. — podemos começar pelo oitavo andar e ir descendo? o erro deve estar na escada. tenho certeza. — começamos fazendo essa

parede aqui e o teto, mas, como começamos a mexer depois da instalação do guarda-corpo, ficou mais complicado. — você tá escutando? — ainda tem o problema da parede curva! — essa sim. — eu tô achando que o problema é aqui. com certeza é na parede curva. — a doutora acha que o problema foi onde? — pois é, é importante fazer certinho mesmo pra não dar confusão. — já tivemos problemas assim em outras obras. — e é lógico que não queremos que aconteça novamente. — até por isso o doutor Gregório pede pra eu ficar atento com esse tipo de coisa. — sim, claro. agora o telefone é mais prioridade do que a pessoa que está na frente dela. acho que todo mundo é assim. sempre o telefone. — então, acho que podemos ir descendo. esse telefone não para. parece que é só problema. vou falar pra ela olhar lá no computador pra ter certeza do que aconteceu. — podemos ir descendo. — esse seu telefone toca muito, hein! — tá vendo que aqui não tem guarda-corpo? — está anotando aí? — olha essa curva aqui. — vai ser fácil achar esse erro? — acho que deve ser só isso, né. — o doutor Gregório está me cobrando isso com urgência, aí eu estou dependendo de você. — mas hoje fica pronto? — é que isso barra nossos pagamentos. — por isso a pressa. — então beleza, muito obrigado. tomara que ela consiga fazer isso rápido. se o chefe me ligar, eu vou falar que é pra olhar com a doutora Helen. eu não tenho como fazer mais nada. — oi, Fátima, posso sim. —

reunião que horas? — combinado, às 13h vou estar aqui. — muito obrigado. vou almoçar que já vi que o dia vai ser corrido. — alô. — oi, Gisele. — não esqueci não. — vou lá no banco agora depositar seu dinheiro. — é modo de dizer, o dinheiro dos meninos. — eu sei. — eu entendo — eu vou lá no banco agora. — já tô saindo aqui. — manda um beijo pra eles. melhor eu já resolver isso do banco e almoçar depois. — o seu Silva sabe onde tem um banco aqui perto. — isso mesmo. — obrigado, vou lá agora. não conheço bem aqui não, vou ir rápido porque não quero atrasar, já que tem reunião com o Fernando no início da tarde. olha só, tem um restaurante aqui, e o preço tá ótimo. cheiro bom. carne de panela. vou almoçar primeiro. muita fome. ainda bem que tá vazio. nossa, tem tropeiro também. vou encher o prato. macarrão. que misturada. cheiro tá ótimo. ali no canto tem mesa. delícia. muito bom. o cara fumando dentro do restaurante, ninguém merece. a Gisele sabe que eu não gosto de atrasar com a pensão. — alô! — fala, chefe, tá na praia? — tô sentindo o cheiro de camarãozinho daqui, hein! — ótimo, hein! — então, andei com a doutora Helen pela escada, onde estamos fazendo o estuque e também fizemos no teto do primeiro pavimento de garagem. — estão nessa medição sim. — ela tem quer conferir no computador, falou que vai tentar me falar amanhã. — foi por isso que não te liguei, ainda não tenho uma resposta. — eu dependo dela. — eu sei. — e tenho reunião com o doutor Fernando hoje à tarde. —

não sei o motivo não. — ele normalmente só manda o cronograma por e-mail. — te falo sim. — posso até perguntar pra ela, mas ela já me falou que vai olhar no computador e tentar me falar amanhã. — é, ela não garantiu amanhã não, mas deve ser amanhã. — vou cobrar sim, mas tenho que deixar ela trabalhar também. — tá certo. — falo sim! — vou falar. — isso mesmo. — aproveita aí! — abraço. ô, preguiça que eu tenho. vou ficar no pé da engenheira pra quê? ela já falou que vai olhar. só vou atrapalhar se eu ficar cobrando. até a comida já esfriou. olha a hora. vou no banco correndo. vou resolver aqui no caixa eletrônico. é cara essa pensão, viu. será que os meninos usam todo esse dinheiro? eles devem comer só biscoito de chocolate e tomar refrigerante. nunca vi um recibo dos gastos. bom, a Gisele é uma ótima mãe, disso não tenho dúvidas. com esse dinheiro dava pra comprar uma casa pra cada um deles. queria ver se eles tão fazendo aquelas atividades todas lá. inglês, judô, futebol... nunca vi os meninos falarem uma palavra de inglês. e o papo da Gisele de que os meninos têm que aprender mandarim. só pode ser brincadeira. vou voltar correndo. olha a hora. — fala, seu Silva. — tô atrasado! olha a porta fechada. — oi, Fátima, posso entrar. vergonha de estar atrasado. — desculpa o atraso! reunião com doutor Fernando junto com outro empreiteiro. não sabia que seria reunião a três. — tudo bom! esse cara tá querendo discutir cronograma

comigo? ele tem que conversar é com quem faz os cronogramas, no caso o doutor Fernando. — essa questão dos andaimes é complicada, quanto tempo você gasta no seu serviço? — bom, o doutor Fernando deve saber que eu faço o máximo pra cumprir meu cronograma, e é exatamente por isso que eu agora estou trabalhando nas escadas, e eu tenho mais quatro dias de trabalho lá. — acho que você deve esperar sim, eu tô cumprindo à risca o que me foi passado. — então agora eu sou responsável pelo seu atraso. só isso que me faltava. — pra eu desmontar o andaime é um dia de serviço, e eu não posso perder um dia de serviço. — você tinha que ter feito seu serviço antes. — olha só, se seu cronograma tá todo atrasado você deveria era colocar mais funcionários. ainda tô dando a dica pra esse cara. era só isso que me faltava. olha a Gisele ligando aqui, com certeza vai falar algo sobre o dinheiro. não vou atender agora não. deixa esses dois entrarem em algum acordo. eu que não vou mudar nadinha do que eu já tô fazendo. com certeza o doutor Fernando tá bravo com ele por causa do atraso e o esperto tentando colocar a culpa em mim. acho que estão chegando em um acordo, e eu aqui perdendo meu tempo. — quem bom que vocês resolveram. — vou resolver umas coisas aqui na obra então, licença. não sei o que esse Fernando queria me chamando aqui. o cara tá com o serviço atrasado, querendo colocar a culpa em alguém. eu que não assumo culpa dos outros. tá doido. tenho que deixar as chaves de

fenda lá no quartinho dos funcionários. tenho que ver também se o caderno de ponto está com algum deles. nossa, olha aquele ali levando bloco numa girica com o pneu murcho. é por isso que a obra não vai pra frente, a gente fica uma tarde em reunião, que nem era coisa minha, pra simplesmente não resolver porcaria nenhuma. e os caras chamam isso de trabalhar. vou te falar uma coisa. — oi, Fátima, a doutora Helen tá na sala dela? — você sabe se ela demora? — coisa da medição. — obrigado. vou ligar para o doutor Gregório, já que ele quer notícia de tudo. — opa! — beleza — acabei de sair da reunião com o doutor Fernando. — era coisa de outro empreiteiro querendo colocar a culpa na gente pelo atraso dele. — eu falei pra ele que cada um faz o seu. — eu falei que a gente não tem culpa nenhuma dos serviços dos outros. — sim! — expliquei tudo. — acho que o doutor Fernando entendeu. — trocando de assunto aqui, procurei a doutora Helen e não achei ela aqui na sala dela. — a Fátima falou que ela tá na obra, mas que não sabia exatamente onde. — procurar ela aqui na obra? esse Gregório deve estar doido. — mas se ela tá na obra provavelmente ela não está mexendo com a nossa medição. o cara de férias me fazendo correr atrás da engenheira. não é possível. — eu sei. — mas ela já tinha me dito que amanhã ela ia tentar me dar retorno. — não tem como eu obrigar a engenheira ficar sentada em frente ao computador olhando as nossas coisas.

essas férias tão fazendo mal pra ele. — também acho. — eu sei. — concordo com tudo isso. — se eu achar ela aqui eu te ligo. eu que não vou procurar. — abraço. nossa, que preguiça do Gregório. vou lá no quartinho, se eu ver a engenheira eu pergunto, qualquer coisa amanhã eu procuro ela. ninguém aqui. vou deixar as chaves de fenda e vou embora. tenho que passar na lavanderia ainda. — alô! — oi, Gisele. — fiz sim, deve cair amanhã. — tá tudo bem com os meninos? — nesse final de semana? — mas esse final de semana é seu. — o combinado não era esse! — eu entendi que estamos fazendo um novo combinado agora. — tenho que pensar. a Gisele sempre foi folgada — eu também tenho compromissos. — não fui eu que estipulei as coisas, foi o juiz. toda vez esse papo. — quando eu chegar em casa eu te ligo. — eu sei. — tá bom — manda um beijo pra eles. ainda tô com fome. comer correndo dá nisso. eu vi na internet que temos que prestar atenção na comida quando comemos. isso sim dá uma saciedade. em casa vou tentar achar algum filme pra ver. tentar distrair um pouco. — falou, seu Silva. — amanhã tô aí! como que vou tirar o carro dessa vaga? olha como ficou apertado. esse carro da frente parou todo torto. impossível isso. ainda bem que eu consegui. a lavanderia fica aberta até tarde. vaga na porta. — boa noite. — trouxe sim. — pego quando? — ótimo. — obrigado. esse pessoal da lavanderia é muito ágil. a obra deveria ser assim. olha só como funciona. agora sim, chegando em casa não quero mais pensar

em trabalho. — alô! — fala, Wanderson! — você viu que eu deixei o equipamento com a Janaína, né? falar no telefone e parar nessa garagem aqui é coisa pra mágico. — vou entrar no elevador. — deve ficar ruim a ligação! tomara que caia. — tô escutando sim. — beleza. vou puxar assunto da Janaína. — não sabia que você tinha secretária lá não. puta merda — sua filha? — deve ser ótimo a família trabalhar junto assim. puta merda. ainda bem que não falei nada. — fica pronto quando? — o problema é se tiver vegetação nativa. — algum resquício de mata. — beleza. — tá combinadíssimo. — abraço. quase que eu falo merda com o Wanderson. filha adulta já? achei que o Wanderson era mais novo. vou ligar pra Gisele enquanto esquento comida aqui. acho que vou ficar o fim de semana com os meninos. eu não tinha nada pra fazer mesmo. — oi, tudo bom! — então, já tô em casa, por isso tô te ligando. — você está ocupada? — eu posso ficar com os meninos no fim de semana sim. — você vai viajar pra onde? — com quem? a Gisele tá muito saidinha também. — já falei que fico com os meninos. — é bom que aí você descansa. — deixa eu falar com eles? nessa hora os meninos têm uma monte de aula, né. — amanhã então eu ligo mais cedo. — boa noite pra vocês aí. — manda um beijo pra eles. finalmente vou comer. sentar no sofá. sem pensar em trabalho. — esqueci o caderno de ponto!

Capítulo 7

despertador já! barulhada! vou dormir só mais um pouquinho. nossa! é muito barulho. esse despertador parece um carnaval. vou ter que levantar. banheiro. banho. — bom dia, mãe, bom dia, pai! que confusão que é essa. — que que aconteceu? — mas ela chegou em casa que horas? a Maria Eduarda é sem noção das coisas mesmo, sair durante a semana e chegar em casa quase pela manhã. se fosse comigo o pai me dava uma surra. é que ela é a queridinha dos dois, né. caçula da família é sempre assim. — mas vocês vão deixar ela de castigo? isso não vai dar em nada. — castigo assim ela vai até gostar. essa menina é uma folgada. o pai e a mãe também caem na conversinha mole dela sempre. é só falar que deu problema na volta, ou que teve um motivo aleatório urgente que ela se safava. — já vamos então. o clima ficou

ruim aqui em casa. no caminho vou perguntar o que aconteceu. — já tô tirando o carro da garagem tá, Maria Eduarda! — não demora não. tenho que lavar esse carro. cai muita folha dessa árvore nele. vai acabar manchando a pintura. essa árvore só atrapalha. por mim cortava fora essa árvore, não sei por que o pai não quer que resolva isso. lá vem a bendita. — então, você quer me contar o que aconteceu? — o pai e a mãe estavam transtornados. cheia de desculpinhas. — esse papo não cola comigo não, mas se você não quer contar a real, então beleza. muito mimada, conversinha mole. — então se suas amigas chegaram em casa nesse horário e os pais delas não brigaram com elas, você acha que os nossos pais estão errados em brigar com você? mais desculpas. — você que sabe, eu não vou me meter nisso não, mas é melhor você pensar bem. estamos no horário, ainda bem. — vou parar aqui mesmo. — boa aula pra você! nessa idade eu também não era fácil, mas a Maria Eduarda apronta muito. essa região tem o trânsito péssimo. acho que ela não usa drogas. esses motoqueiros são doidos. olha só como vão passando. nem cabe a moto e ele ainda acelera. se ela usasse droga, dava pra saber. ela ainda consegue ir na aula. deve ter dormido umas duas ou três horas só. parece que nem sente cansaço. por isso que acontece esse tanto de acidente, era só ter dado seta. o trânsito é uma bagunça. — bom dia! — qual o horário que ele marcou? será que eu fiz alguma coisa errada? onde

reunião a essa hora da manhã? ontem foi tão tranquilo... — tá bom, vou arrumar minhas coisas e já vou pra lá! vou até olhar aqui no computador o que pode ter dado errado ontem, mas não lembro de nada não. — o Nivaldo já tá na sala dele? o Nivaldo já chegou! deve ter dado muito problema! — tá ótimo, às nove vou pra lá! tenho uma hora pra achar onde eu errei ontem. não é possível. ontem eu olhei dois projetos, o do prédio residencial e a reforma da cervejaria. o problema deve ser na reforma da cervejaria. o prédio tá muito no início, o projeto ainda tá sendo feito. nossa equipe tá quase toda mobilizada na cervejaria. vou olhar a cervejaria aqui. deve ser o problema que eu tive com a turma da impermeabilização. eu passei um encanamento no meio da manta asfáltica deles. com certeza isso vai dar problema. mas a impermeabilização tinha que ser feita depois que eu fizesse os ralos. tem que fazer um remendo agora e a turma lá deve ter ligado para o Nivaldo. nossa. tomara que não dê tanto problema. caso ele reclame, vou pagar do meu bolso. eu sei que fiz errado, mas se eu pagar um dia de serviço pro rapaz fazer o remendo, fica tudo certo. era melhor eu ter falado com o Nivaldo. agora o cara recebe uma reclamação do meu serviço, que eu sei que fiz errado, e ele vai achar que eu tava escondendo isso dele. eu, na realidade, estava escondendo sim. não é bem esconder, né, eu podia ter reparado antes que ele ficasse sabendo. agora já era.

mas isso é sacanagem da turma da impermeabilização. pra que reclamar com meu chefe, se sou eu que tô olhando aquilo lá. eles podiam ter falado comigo primeiro. na verdade, eles até falaram. já tá na hora. nem olhei nada. — licença, tudo bem, Nivaldo? — você marcou uma reunião comigo agora? — sobre o prédio? achei que era a cervejaria. será que não falaram pra ele sobre o problema da manta? — mas eu tô fazendo o projeto ainda. ir lá no prédio hoje? não tô entendendo o que o Nivaldo está querendo. — vamos discutir o projeto todo in loco? — eu acho muito bom! — os engenheiros deles vão acompanhar a gente na obra? melhor só ir a gente mesmo. sem engenheiros deles. vai ser a chance de eu mostrar para o Nivaldo que eu sei fazer o serviço. quem sabe até melhorar aqui na empresa. pedir um aumento. — mas agora? — tá bom! — no seu carro? o Nivaldo apronta uma correria sem necessidade. acho que ele quer me pegar de surpresa pra avaliar meu conhecimento lá na obra. devia ter olhado esse projeto. tomara que dê tudo certo. não acho que vai ter problema não. o Nivaldo tem esse modo de resolver na correria, mas ele é esperto. — hein? — abre aí! — a porta tá travada. cheiro de cigarro. esse cheiro não vai sair desse carro nunca mais. também, o cara é uma chaminé. — não trouxe não. — mas lá deve ter. eu não trouxe nenhuma caneta. ele fica apressando a gente. — tem uma vaga ali! — cabe sim! nem sabia que o prédio já estava assim. deve ter uns dois meses que eu não vinha aqui. tá muito diferente. — bom

dia, tudo bom? — eu sou da empresa que está fazendo o projeto hidráulico e viemos olhar aqui a obra. — o senhor empresta uns capacetes pra gente? — isso mesmo. — avisamos sim, mas pode ligar pra ele pra conferir. não é possível que esse senhor vai barrar a gente. o Nivaldo não tá falando nada. acho que ele tá olhando como eu me comporto aqui. ele falou que tinha ligado antes para o engenheiro do prédio avisando que a gente vinha hoje. — obrigado. deu certo. — por onde vamos começar, Nivaldo? sabia que ele ia querer olhar os aparelhos de ar-condicionado. — o elevador parece que tá funcionando sim. ainda bem, não gosto de escada não. fico todo suado só de pensar. nossa, parece que o Nivaldo conhece esse projeto muito bem. sabe certinho onde vai ter as instalações. — nossa, eles estão trabalhando aqui no oitavo andar, vamos olhar no sétimo? — elevador, né! não entro nessa escada. deve ter uma poeirada danada. se tem elevador, a gente usa o elevador. aqui tá bem mais tranquilo. — você quer que eu te explique como vai ser feito aqui? sabia que o Nivaldo ia pedir alguma coisa desse tipo, é a minha chance também de mostrar que eu sei. bom, eu não sei se eu sei, mas vou fingir que eu sei. confiança é a alma do negócio. — a quarenta centímetros do teto vamos colocar uma caixa de dreno do ar-condicionado. — sim. tô indo bem. — deixar dois tubos de quarenta milímetros pra passar a fiação. agora fiquei na dúvida se tecnicamente é certo fazer isso,

ou se é só o jeito improvisado que eles fazem na obra. — isso. esse Nivaldo sabe de tudo. ele tá me testando. mas eu acho que tô indo bem. — a saída é de meia polegada e podemos ligar na água pluvial. eu tinha que ter estudado isso. agora já falei também. — isso vai ficar lá no telhado. isso eu sei. — você quer ir no telhado pra gente olhar? tomara que não. não sei se esse telhado me aguenta. — almoçar aqui? achei que a gente já ia voltar pra empresa. então à tarde provavelmente vai ter mais conversa sobre essa obra. eu tinha que ter estudado melhor esse prédio. mas todo prédio é igual, sempre os mesmos problemas, só muda o endereço. — tem um restaurante aqui perto que eu vi quando passamos de carro. parece bom, vamos lá? — a firma que vai pagar esse almoço? — vou encher o prato. disso não dá pra reclamar do Nivaldo não. — podemos deixar o capacete aqui? — na volta pegamos novamente. — qual o seu nome mesmo? — beleza, seu Silva, vamos só almoçar e já voltamos, muito obrigado. esse cara do portão é bem atencioso, eu não lembrava dele. esse restaurante é até bem pertinho. — tá até vazio. esse cheiro tá ótimo. — você gosta de carne de panela? — eu vou comer uma polenta com tropeiro e linguiças! nossa, que fome. parece que quando a firma que vai pagar a comida fica até mais gostosa. — pois é, muito bom. — sim. — verdade. — limonada. — adoçante, por favor. — nossa, lá em casa é assim também. toda família é igual. — o problema é minha irmã. — nova, tem

dezenove anos, mas tem cabeça de cinco. — eles ficam loucos com ela. — nessa noite mesmo, ela chegou já tava quase amanhecendo. o cara nem termina de almoçar e já vai acender um cigarro no meio do restaurante. — vai comer sobremesa não? — não gosto de café depois do almoço não, mas animo de pedir um pudim. quero só ver se a firma vai pagar sobremesas. hoje tô por conta. — mas ela é mimada. — eles sabem que tão mimando ela. — quando dá problema, eles me ligam. — esse pudim tá ótimo! — vamos lá? nem ficou tão caro. nisso a firma é boa mesmo, o Nivaldo paga sem nem preocupar. quero só ver os questionamentos agora à tarde. — já voltamos, seu Silva. — podemos pegar o capacete aqui? — beleza! olha a engenheira lá passando e falando no telefone. ela parece sempre estar ocupada. essa obra nem deve dar muito trabalho. um simples prédio, não devem ser muitos funcionários. — qual andar? — saída da água pluvial? nossa, acho que eu não sei sobre isso não. — tem que fazer uma conta sobre o tamanho do telhado, assim você descobre a bitola do cano que daria conta de transportar essa água até a caixa de retardo. dessa vez eu me ferrei. o Nivaldo tem muita experiência, olha isso. duvido que ele tenha feito a conta, o cara só de olhar para o tamanho do prédio já sabe quantos canos e as medidas. — quê? — mas nesse prédio aqui não precisa de reserva de incêndio não? agora vou ser mandado

embora. não sei nada sobre isso. eu sempre pergunto pra Suelen sobre as regras dos bombeiros, e eu nunca preoquei com isso. — a Suelen me explicou essa parte, mas não lembro ao certo. é por isso que o Nivaldo é o chefe, esse cara é bom mesmo. nossa, eu deveria ter gravado tudo isso. hoje aprendi mais que na faculdade. os professores podiam levar a gente nas obras. ficar olhando só aqueles desenhos não tem graça. isso aqui sim! — vamos sim! — entendi sim. — mas é muita coisa pra pensar. vou fazer esse desenho e depois vou vir aqui na obra pra olhar se vai dar certo. tem outros projetos complementares que podem dar problemas de compatibilidade, igual lá na cervejaria. inclusive, eu deveria já falar com o Nivaldo disso. melhor eu falar do problema do que ele descobrir por outras pessoas. — coloquei o capacete ali, seu Silva. — obrigado. parece que o carro cheira mais a cigarro do que o próprio cigarro. nunca vi isso. — ô Nivaldo, você vai precisar de mais alguma coisa aqui na firma hoje? — então já vou tá! — foi legal sim! foi legal, mas acho que passei vergonha. o negócio é não deixar ele pensar que eu acho que passei vergonha. é ter confiança. ele tem que achar que eu tenho confiança. mas eu sei que falei umas besteiras. — até amanhã então. tomara que dê certo, esse projeto vai ser importante. o primeiro prédio que eu vou ser responsável aqui na firma. vou ver se a mãe quer que eu leve pão. — alô! oi, mãe! — tô saindo aqui do trabalho, você quer que eu passe na padaria? — não chegou

em casa? — não foi almoçar não? — já são seis horas da tarde e ela não deu notícia não? — o pai ligou pra ela? — tá bom! vou olhar aqui. essa Maria Eduarda me tira do sério. só faltava essa. — alô! onde você se meteu, sua alienada?

Capítulo 8

banheiro. meu momento de paz. vou ter que ir no dentista. ninguém merece isso. não tô entendendo qual dente tá doendo. acho que é o de cima. se for siso não vou tirar. eu lembro do outro. foi terrível. meu plano nem cobre isso. vou esperar doer mais. dividir de três vezes no mínimo. água gelada. não é possível. creio em deus-pai. melhor já ligar no dentista pra marcar. próximo mês vou ter que gastar com isso. — já tô saindo! — café tá pronto? desaforado! meu momento de paz acaba em um minuto. melhor tirar o dente que tá doendo. só de pensar no motorzinho do dentista já me dá agonia. creio em deus-pai. — bom dia, Miguel, bom dia, Helena. — fez café, Helena? ela já tá crescida. ajuda muito a cuidar do Miguel. — não acorda o pai de vocês não! — dá

a mão pra ele no ônibus! — dá beijo aqui na mãe! — boa aula pra vocês. — fica atenta com a hora, hein, Helena.

menina boa. uma moça já. nunca deu trabalho. não tem ninguém na rua. será que eu saí mais cedo de casa? não... mesmo horário... o ponto tá cheio, parece que tá tudo normal. esses números dos ônibus tão muito pequeno. não consigo ver direito. olha ele vindo. é ele. deve ser. aquele senhor ali deu sinal. vamos ver. era ele. eu sabia. esse horário é sempre ele. — bom dia, motorista! hoje é terça-feira, então o Tico vai no mutirão, tinha esquecido disso. ele deve ficar morto de cansado. vou ligar pra ele mais tarde. olha um lugar vago. esse dente tá me chateando. melhor tirar ele fora. da última vez o dentista falou que eu estava escovando o dente certinho, agora me aparece isso! ninguém merece não. — opa! — foi o motorista que freiou! — eu não! — fala com o motorista lá! tá pensando o quê! escutar isso a essa hora da manhã. creio em deus-pai. tem nem espaço pra descer do ônibus. a moça das balinhas de coco tá lá. vou comprar umas, são ótimas. — bom dia. — vou querer sim. — saquinho. — vou comer depois do almoço — tem troco? — obrigada. chegando todo mundo ao mesmo tempo. — oi, seu Silva! — bom trabalho pra você também! muita gente ali. — oi, Magnólia, por que esse tanto de gente aqui? — não fiquei sabendo não. — vai falar sobre o quê? — vai ser dispensado ou transferido? — olha ele chegando lá! — vamos escutar! meu dente tá doendo tanto. vou nem prestar

atenção em nada não. como é que a Magnólia ficou sabendo disso antes de mim? só pode ser fofoca. pra que que esse povo ia dispensar a gente, sendo que ainda falta serviço pra fazer aqui. ele deve é transferir todo mundo. obra é o que não falta. o que que ele tá falando? não tô entendendo nada. — o que ele falou, Magnólia? — vai dispensar quantos? — com certeza eu vou ficar! será que eu vou ser dispensada? aquele atestado já passou, então não pode ser por isso. — eu vou ficar com certeza. teve aquelas advertências de atraso. — nem se preocupa não Magnólia, você é uma ótima funcionária, eles nunca iriam dispensar você. a Magnólia sempre faz tudo certinho. — vão dispensar quantos? vai ser pouca gente. tomara que não seja eu. — a gente não vai ser não. será que eles sabem que eu falo mal da firma? ai, meu dente. acho que eu vou pedir pra sair mais cedo e ir no dentista. eles já devem saber quem eles vão dispensar. isso deve ser um terror só pra assustar a gente. tá doendo muito. tem tanto serviço aí que não vale a pena dispensar não. vou pedir pra sair mais cedo não. eu lembro que três advertências de atraso por ano que dava problema. teve aquela vez que eu atrasei, mas não me deram advertência. será que essa conta? com essa completaria três. ai, meu dente. mas não pode contar, foi a greve de caminhoneiros que fez o ônibus ficar parado mais de uma hora. não tenho culpa. e eu sou boa de serviço. a Magnólia com certeza

vai ficar. ela é ótima. tirando ela, as outras são que nem eu. eu não sou pior que elas não. — o que que ele falou aí? — transferir pra onde? — é muito longe. só pode estar doido, transferir pro outro lado da cidade. ninguém vai querer isso. mas aí não ia ser mandado embora. — tão de brincadeira? melhor eu falar baixo. — ô, Magnólia, esse povo da firma tá ficando doido? — creio em deus-pai. mas eu prefiro ser transferida que ficar sem trabalho. nossa, eu ia ter que acordar às quatro horas da manhã pra chegar lá a tempo. ia atrasar todo dia. vou colocar uma água gelada na boca pra melhorar a dor. esse moço aí fala muito. nunca vi ele na firma, e agora vem com esse papo pra cima de mim. tô aqui há cinco anos. conheço o dono da firma. foi o próprio senhor Nataniel que me contratou. não tem motivo nenhum pra me dispensar. e eu ainda tenho umas férias pra tirar — ô Magnólia, quem é esse aí que tá falando? — nunca vi ele na firma! — o dono é o senhor Nataniel, eu conheço ele, foi ele que me contratou. — cunhado dele? — como assim? — então esse moço aí é o dono agora? como que a Magnólia sabe dessas coisas e eu não? como o senhor Nataniel deixa uma firma dessa pra esse menino? essa reuniãozinha não vai acabar não? depois reclama que o serviço não rende. acho que eu prefiro ser transferida. vai que é uma obra grande e dá pra ficar mais uns anos. ia ser uma garantia de trabalho. essa água gelada não adiantou nada. tenho certeza que é siso. vou tomar um remédio pra melhorar essa dor. — acabou?

— ué, Magnólia, achei que ele ia falar que vai sair e tudo mais? — ele queria é assistir a gente? — o senhor Nataniel nunca faria isso! — conhecia sim! — todo ano ele me cumprimentava na festa da firma. olha a Magnólia querendo dizer que eu não conhecia o senhor Nataniel, que desaforada. — me chamava de querida e eu sempre levava o Tico na festa, e ele sempre cumprimentava ele também. essa Magnólia dando de esperta pra cima de mim. — são cinco anos de empresa, meu amor, não cheguei hoje não. pra cima de mim? — vamos trabalhar que aqui não tem corpo mole não. já tá quase na hora do almoço e eu não fiz nada ainda. — quarto e quinto andar, e à tarde para o subsolo. — não sei se vai dar tempo. vou passar no vestiário, acho que tenho um remédio na bolsa. essa obra tá uma imundície. — olá! tá doendo até pra respirar. achei. deve dar. tomar antes do almoço. o Tico deve estar chegando no mutirão e as crianças devem estar no recreio uma hora dessas. vida de criança que é boa. nossa, vou de escada mesmo. que bagunça essa escada. — bom dia! — tô só passando! assim não vai terminar nunca. tá cheio de serviço aqui. — oi, Jackelyne, vim ajudar aqui no quarto e depois vou pro quinto. — que ótimo, então. — vou nos cômodos dos fundos então, pode ser? — beleza. tá aí uma moça boa de serviço. será que se for dispensar alguém, entre ela e eu, esse moço novo dono ia escolher quem? eu tenho cinco anos de empresa, não é pouca

coisa. eu nunca vi a Jackelyne faltar, nem atrasar. ainda bem que a dor tá passando, vou conseguir almoçar sem problema. — tô indo para o quinto andar. — combinado. prefiro trabalhar sozinha, eu até ia ligar uma música aqui no fone, mas eu esqueci de colocar o celular pra carregar essa noite. acho que vou ter que voltar aqui no quinto andar na parte da tarde. essa reunião atrapalhou tudo. o dente tá bem melhor. ainda bem, não gosto de perder o almoço não. ainda mais porque já comprei as balinhas. uma delícia. já vou comer uma. deve ser açúcar refinado. e deve ser esse coco ralado de pacotinho. mas se ela comprar o coco pra ela ralar com certeza fica mais barato. mas dá muito trabalho, deve ter gente que ajuda ela pra fazer essas balas. ela só vende e é outra pessoa que faz? deve ser isso. uma delícia. — oi, Jackelyne, o quarto andar ficou bom? — tem o outro lado lá ainda. — você quer uma bala delícia? — de coco. a Jackelyne é muito rápida. todo mundo gosta dessa bala. — aqui, na frente da obra, uma moça que faz! — deve ser açúcar refinado. — o que você achou daquela reuniõzinha da firma hoje logo na chegada? — então você já tava sabendo que isso ia acontecer? — eu não tava sabendo não! como ela sabia? como é que pode? — você vai ser transferida quando? — mês que vem agora? ela já sabe que vai ser transferida? como assim, meu deus! — você pediu a transferência porque você mora lá perto da outra obra então? — aí fica muito melhor pra você mesmo. só eu que não sabia. não é possível. — vamos sim! vou só passar no

vestiário. — também já estou com fome. só eu que não fico sabendo das coisas. não é possível. creio em deus-pai. olha a Magnólia ali. vou perguntar pra ela essa história direitinho. vou deixar meu celular carregando aqui. na parte da tarde quero escutar música. já tem fila para o almoço. nossa. hoje tem batata. — tô aqui, Magnólia! — vem pra cá! comida é sempre ótima. — tudo bom Dilson? — vou querer sim! — o Tico deve ter ido pra lá hoje sim! — é verdade. — obrigada. nem liguei para o Tico. essa comida tá cheirando muito bem. — vamos sentar aqui no canto, Magnólia! quero perguntar tudo pra Magnólia. não sei como ela e a Jackelyne estavam sabendo tanta coisa e eu não. — oi? — o Dilson? — ele conhece o tico do mutirão. — já te contei, Magnólia, eu e o Tico fazemos parte de um grupo de mutirão autogerido. — a gente mesmo que coordena. — tem muita gente, e tem umas pessoas pra ajudar. — o dinheiro vem, aí eles distribuem pra gastar na obra. — já tinha te contado sim, Magnólia. — como o Tico trabalha de porteiro à noite, ele e mais dois amigos vão pra lá nas terças e quintas pra ajudar. — o normal é sábado e domingo. todo sábado e domingo encontro com o Dilson lá. — ele faz o almoço, igual aqui. — no início eu fazia muita coisa de ajudante, levando tijolo no carrinho, mas agora, com o adianto da obra, eu aprendi a colocar os canos de água. — pra todo mundo, né, Magnólia. — só depois que eu vou saber qual apartamento vai

ser o meu. — eles olham, quem participou mais escolhe o apartamento primeiro, por isso o Tico vai lá terça e quinta. — fica muito cansado, e eu também. — mas é uma coisa que vai ser nossa. — tem muita gente olhando, eles fazem prestação de conta. — eu te chamei na época. — chamei sim. — o Dilson, o marido dele, o senhor Silva, da portaria, e mais uns aí. — chamei sim! — sim! — eu chamei! — a gente chama de coletivo. — chamei sim!. — ô, Magnólia, para com isso! — eu chamei sim! — creio em deus-pai! — aqui, me fala uma coisa, como você e a Jackelyne sabiam dessas coisas da reunião? — qual outra reunião? — que dia? agora que eu lembrei que eu faltei mesmo. — você podia ter me contado. — contou não. — não contou não! — se você tivesse contado eu já saberia! — não contou não, Magnólia. — a Jackelyne falou que vai ser transferida pra outra obra. — não contou! — tenho certeza! — deveria ter me contado. — não contou. — você vai pra outra obra? — essa aqui acaba quando? no máximo seis meses pra essa obra acabar? se eles falam seis meses, pode colocar um ano. — e você? — por que não sabe? — podia ter me contado. — não é fofoca não, Magnólia, é coisa da firma, podia ter me contado. — não contou não. — vou pegar um suco, você quer? não lembrava que eu tinha faltado, vou pedir transferência porque a outra obra vai durar mais tempo. fico mais segura. esse suco é muito ruim. creio em deus-pai. — ô Jackelyne, senta aqui com a gente! vou perguntar pra ela. — quando que

você pediu pra ser transferida? — qual reunião? parece que a reunião que eu faltei teve muita coisa. — pois é, eu não fiquei sabendo de nada disso. — a Magnólia podia ter me contado, mas não contou. — se tivesse me contado, eu lembraria com certeza. — por isso eu sei que ela não me contou. — você acha que ainda dá tempo de pedir pra transferir? — tenho cinco anos de firma. — são quantas vagas na outra obra? — a Magnólia também não me contou isso não. — não contou não. vou pedir hoje a minha transferência. vou ficar muito tempo no trânsito, mas pelo menos vou ficar mais tempo empregada. esqueci de ligar para o Tico. — gente, vou ali dar um telefonema. — vou direto para o quinto andar. já carregou o celular. vestiário imundo. — oi, meu bem! — tô bem sim, e você? — você tá no mutirão? — como tá aí? — que ótimo! — você viu se as crianças foram pra aula? — beleza! — acabei de almoçar agora! — comprei umas balinhas de coco! — você vai direto para o trabalho? — tá bom — então mais tarde encontramos em casa! — um beijão! não vejo a hora de o prédio ficar pronto. o Tico tá se dedicando muito. lá é longe de tudo, mas o apartamento é grande. vai ser nosso. — oi, vou colocar o fone aqui e ir escutando música. trabalhar com música é bem melhor. — não sei se vai dar tempo de ir para o subsolo não. — também prefiro caprichar aqui. — didididididê!